

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

*As vozes testemunhais em Longe de Manaus*

Dissertação apresentada  
como requisito parcial e  
último para a obtenção do  
grau de mestre em Letras –  
área de concentração em  
História da Literatura.  
Orientador: Prof. Dr. José  
Luís Giovanoni Fornos

Jackson Manoel Franchi Gonçalves

Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos  
Orientador

RIO GRANDE  
2014

A meu pai Álvaro Robinson  
Valente Gonçalves, que faleceu  
em 2009.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe, minha irmã e avós pelo apoio durante a caminhada acadêmica.

Ao prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos pela sua indispensável orientação. Nos momentos motivacionais, de cobranças e de sugerir caminhos para a elaboração do trabalho.

Aos professores do Instituto de Letras e Artes da FURG por acreditarem no autor desta dissertação.

Aos colegas de mestrado que proporcionaram frutíferas trocas de ideias e diálogos.

À professora Luciana Abreu Jardim pelas suas indicações de leitura de Agostinho e pelos diálogos em sala de aula que muito contribuíram na construção deste texto.

À FURG instituição na qual sou aluno desde o ensino médio no ano de 2001 passando pelas graduações em História e Letras. Sem essa instituição que provê ensino público de qualidade a caminhada acadêmica não seria possível.

À CAPES pelo auxílio financeiro durante o curso de mestrado.

*Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense. Milton Hatoum*

## RESUMO

A presente dissertação consiste na análise do romance *Longe de Manaus*, de Francisco José Viegas, publicado em 2005, em Portugal. O trabalho tem como objetivo responder ao questionamento de quais são as funções dos testemunhos na refiguração do tempo e na narração do passado? No âmbito teórico, analisa os atos de testemunhar e narrar associados ao conceito de memória e à ideia de distância a partir das abordagens de Paul Ricoeur e das contribuições de Carlo Guinzburg, de modo a relacionar a tradição do olhar interior com o exterior. Nos dois casos, a leitura de Agostinho se faz presente, pois o filósofo inaugura a memória como um produto da linguagem e preconiza a busca dos vestígios nos fenômenos mnemônicos. O contexto de produção é introduzido com as proposições de Eduardo Lourenço sobre a identidade nacional portuguesa, com a definição de sul proposta por Boaventura de Souza Santos e pelas colocações de Edgar Morin acerca do marxismo na atualidade, além de retomar a conjuntura da década de 1970 tendo em vista as pesquisas dos historiadores Eric Hobsbawn e Majhemout Diop, que estudaram o neocolonialismo. No âmbito analítico, é interpretada a organização cíclica do romance que entrecruza personagens e vozes narrativas de espaços e temporalidades diferentes, com a finalidade de abordar como a pobreza e a violência podem ser fatores constantes na África da década de 1970, sob o domínio imperial lusitano, ou nas cidades do Porto, São Paulo e Manaus contemporâneas. O narrador apresenta problemas sociais em Portugal, nos anos 2000, atrelados às políticas econômicas e à entrada de imigrantes do sul; concomitantemente, o protagonista Jaime Ramos debate a sua sociedade a partir de dois critérios: o de identidade nacional portuguesa, segundo o critério levantado por ele de solidão, e o de defesa da luta de classes como fator primordial para compreender os assassinatos investigados pela personagem. O estudo articula as noções de memória e literatura com a finalidade de analisar as estratégias narrativas presentes em *Longe de Manaus*.

Palavra-chave: literatura, história, memória

## ABSTRACT

This thesis consists of the analysis of the novel *Longe de Manaus* by Francisco José Viegas, published in Portugal in 2005. The study aims to answer the question raised about the roles of the testimonies in the refiguration of time and in the historical narrative. At the theoretical level, the interest lies on how the acts of witnessing and narrating associated with the concept of memory and the idea of distance from the approaches of Paul Ricoeur and the contributions of Carlos Ginzburg, in order to relate the tradition of the internal view to the external view. In both cases, the reading of Augustine is present, for the philosopher inaugurates memory as a product of language and encourages the search for vestiges in the mnemonic phenomena. The context of production is introduced with the propositions of Eduardo Lourenço on the Portuguese national identity, with the definition of south proposed by Boaventura de Souza Santos and the considerations of Edgar Morin about Marxism today. It also recaptures the conjuncture of the 1970s by considering the research of the historians Eric Hobsbawm and Majhemout Diop who studied neocolonialism. In the analytical framework the cyclical organization of the novel that intertwines characters and narrative voices of different spaces and temporalities is interpreted in order to address how poverty and violence can be constant factors in Africa in the 1970s under the Lusitanian imperial rule or in the contemporary cities of Porto, Sao Paulo and Manaus. The narrator presents social problems in Portugal in the 2000s linked to economic policies and the arrival of immigrants from the south. Concomitantly, the protagonist Jaime Ramos debates his society based on two criteria: the Portuguese national identity, according to the criterion raised by him, of loneliness and the defense of class struggle as paramount factor to understand the murders investigated by the character. The study articulates the notions of memory and literature with the purpose of analyzing the narrative strategies in *Longe de Manaus*.

Keywords : literature, history e memory

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. Testemunhos pós-coloniais em <i>Longe de Manaus</i> .....	13
1.1. Revisitando a categoria de testemunho.....	13
2. Ramos e Isaltino: Investigadores de mortos sem memória.....	41
2.1 Uma brevíssima contextualização:.....	41
2.2 Os espaços investigados e vividos por Jaime Ramos .....	44
2.3 As peculiaridades das personagens e das vozes narrativas .....	60
2.4 A multiplicidade de vozes narrativas.....	112
3. Considerações finais .....	117
Referências.....	121

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado possui como objetivo elaborar uma leitura do romance *Longe de Manaus* (2007), de Francisco José Viegas, publicado em 2005, em Portugal. O romance em suas epígrafes<sup>1</sup> e no seu subtítulo<sup>2</sup> institui ao leitor as três temáticas principais que serão debatidas: relação de Portugal com as ex-colônias, o gênero policial, em suas permanências e rupturas, e a identidade portuguesa na contemporaneidade demarcada pela solidão como critério avaliativo. Em nossa abordagem a relação entre memória, história e literatura é privilegiada, dessa forma optamos por não interpretar o componente policial presente na obra, ao invés, responderemos a seguinte questão: Quais são as funções dos testemunhos na refiguração do tempo e na narração do passado? O problema será respondido em dois momentos, no primeiro, com um debate teórico sobre memória, distância e literatura e, num segundo, quando os aspectos teóricos com a análise da obra literária. Advertimos que o termo testemunho não implica, no nosso caso, em associação com as estéticas da autoficção e autobiografia. Consideramos a noção de testemunho ficcional dentro do enquadramento proposto por Ricoeur da tênue fronteira entre os discursos ficcionais e da historiografia. Não temos o objetivo de esgotar os estudos sobre o romance ou sobre a obra de Viegas, nossa leitura institui dois modos de ler a narrativa, no primeiro é defendido a existência de uma estrutura cíclica no romance que contrapõe os espaços e as temporalidades narradas, no segundo trabalhamos com a ideia de que o protagonista, Jaime Ramos, cataloga diversas personagens que enunciam testemunhos ou indicam vestígios que servem para descobrir as motivações do assassinato da personagem Álvaro Severiano Furtado. Tais vozes testemunhais possuem lugar na narrativa, na medida em que o narrador principal cede seu lugar para algumas personagens.

---

<sup>1</sup> “Um romance policial, como se sabe, tem as suas regras. Este não tem.” (VIEGAS, 2007, p 5) e “Um português pode fretar um navio para o Brasil com menos dificuldade do que lhe é preciso para ir a cavalo de Lisboa ao Porto” (MURPHY, 2007, p 6).

<sup>2</sup> O romance da solidão portuguesa, na edição brasileira.



O autor, Francisco José Viegas, nasceu em Portugal na região do Douro. Possui formação na área de Letras na qual atuou como professor de ensino básico e na academia no campo da linguística, após trabalhou no jornalismo em diversos periódicos, revistas e programas televisivos. Também ocupou o cargo de diretor na *Casa Fernando Pessoa*, em 2011 foi eleito deputado pelo PSD e empossado como secretário de cultura, função que desempenhou até 25 de março de 2012. Como escritor destaca-se pela sua obra em textos narrativos policiais com uma série que perpassa as investigações encabeçadas pelo protagonista Jaime Ramos e seu colega Filipe Castanheira<sup>3</sup>. Possuindo uma longa produção de textos nos gêneros romance, poesia, crônicas, bem como uma peça de teatro intitulada *O Segundo Marinheiro* (1988) e um guia de viagens *99 cervejas + 1 ou Como Não Morrer de Sede no Inferno* (2006).

A sua obra literária foi objeto de estudo em duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Na dissertação *Negra melancolia: modernidade, história, e cultura no policial português de Francisco José Viegas* (2011), defendida na UFRGS, em 2011, Carlos André Severo Moreira interpretou, de forma ampla, a produção de Viegas por meio do pressuposto de que ao longo das últimas décadas foi gestada uma série de romances policiais protagonizados pela dupla de personagens Ramos e Filipe os quais “a cada história, ora simultânea, ora alternadamente, trabalham para desvendar as motivações ocultas por trás de um ou mais assassinatos” (MOREIRA, 2011, p 12). A referida série é composta pelos títulos: *Crime em Ponta Delgada* (1989), *Morte no estádio* (1991), *As duas águas do mar* (1992), *Um céu demasiado azul* (1995), *Um Crime na exposição* (1998), *Um crime Capital* (2001), *Longe de Manaus* (2005) e *O mar em Casablanca* (2009). Ficaram de fora do estudo o livro *O colecionador de erva* (2013) que mantém os mesmos protagonistas, porém foi publicado após a defesa de Moreira, e *Retorno por um rio* (1987) e *Lourenço Marques* (2002) – publicado no Brasil com nome de *A luz do Indico* – desconsiderados, porque não satisfaziam os critérios de romances policiais elencados pelo autor do estudo. Também podemos arrolar a dissertação

---

<sup>3</sup> Em *Longe de Manaus* a personagem Filipe não assume posição fundamental, a investigação ocorre por Ramos, Isaltino, José Corsário das Neves e Osmar.

apresentada no 2º Ciclo de Estudos em Estudos Literários, Culturais e Interartes: Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais, na Universidade do Porto, de Magda Peixoto Barbeita chamada de *Uma imagem é uma imagem é uma imagem: as narrativas de demanda de José Francisco Viegas* (2013). A autora investiga a dupla Ramos, Castanheira através das dicotomias, vida e morte, presença e ausência, além disso, faz uma pesquisa com os títulos publicados pelo romancista. Adenize Franco estudou a obra de Viegas em sua tese de doutorado chamada *Labirintos Perdidos: Ficção contemporânea em trânsito nos romances de Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas (2000-2010)* (2013), defendida em 2013 na USP, na tese ela faz um estudo comparativo de Viegas com Bernardo Carvalho e argumenta que na contemporaneidade existe uma crise do gênero romance, contexto no qual os dois romancistas representam espaços de resistência e transição do gênero. Num texto menor podemos arrolar o artigo "*Ainda bem que chegaste*": *life, death and friendship in the novels of Francisco José Viegas* (2006), no qual Paulo Castro explora a relação que as investigações policiais, chefiadas por Ramos, possuem com os problemas sociais e com o passado colonial português.

Nós optamos por focalizar o romance *Longe de Manaus*. Em relação às outras análises ocorre a particularidade da personagem Filipe Castanheira não possuir papel central, nem voz narrativa, pois é substituído pelo policial Isaltino. Após a leitura das produções existentes, nossas escolhas buscaram viabilizar uma leitura da função do ato de testemunhar e narrar, dentro do discurso ficcional narrativo, segundo os critérios de Ricoeur. Abandonamos a série de romances nos quais as personagens se repetem e analisamo-las pelas suas características existentes em *Longe de Manaus*, apesar de sabermos que as personagens sofrem alterações nos outros títulos.

A escolha por Viegas, especialmente por *Longe de Manaus*, está vinculada a um motivo de ordem pessoal, pois conheci<sup>4</sup> a obra do autor em leituras da disciplina de literatura portuguesa, na graduação em Letras, com o

---

<sup>4</sup> Nesta curta passagem na qual expomos as motivações pessoais da escolha do romance utilizamos a liberdade de usar a primeira pessoa gramatical (eu) para dissertar, mas no resto da dissertação será sempre utilizado o pronome nós.

livro *A luz do Indico*. Antes de ingressar no mestrado de história da literatura havia realizado uma pesquisa, tanto na graduação em História, como de Letras, no campo da literatura sul-rio-grandense do século XIX, porém, na pós-graduação decidi, com auxílio do orientador e indicações de leituras, modificar o corpus e estudar as produções contemporâneas portuguesas. Em *Longe de Manaus* encontrei um narrativa de qualidade e que permitia retomar alguns debates já realizados, na caminhada acadêmica, sobre a relação entre literatura e história.

No âmbito teórico as escolhas pelo corpus dizem respeito a dois fatores. O primeiro sobre a possibilidade de articular o texto literário com os conceitos teóricos trabalhados, uma vez que em nosso ponto de vista as ideias de testemunho, memória e distância podem ser objetos de reflexão no romance e são fundamentais para efetivar a leitura pretendida. O segundo fato versa sobre os critérios interpretativos que podemos instituir na análise. Procuramos em Ricoeur, Agostinho<sup>5</sup> e Guinzburg um embasamento para responder a questão norteadora, cada teórico localiza-se em contextos diversos e escreve com preocupações distintas, porém eles possuem proximidades em alguns pontos como, por exemplo, no uso da linguagem defendida por Agostinho ao conceituar a memória e, no caráter da imaginação afetiva, utilizado por Ricoeur e Guinzburg ao estudarem as distâncias que existem entre os sujeitos da atribuição mnemônica. O primeiro em *A história, a memória, o esquecimento* – e também nos livros *Tempo e narrativa*, *A si mesmo como um outro* – utiliza a divisão a si, aos outros, aos próximos para examinar como o testemunho sofre variações dependendo de quem fala e sobre quem ou o que fala instituindo a tríplice atribuição da lembrança, o historiador italiano conjuga memória e distância, também, com a leitura das *Confissões*, mas com um viés de crítica ao capitalismo que pode ser representada pela releitura da parábola de Balzac, quando é questionado quais são as implicações morais da morte de um chinês para um cidadão francês? Vamos percorrer um caminho que começa na noção de testemunho, atravessa o conceito de memória, passa pela tríplice atribuição

---

<sup>5</sup> Optamos por chamar Santo Agostinho apenas de Agostinho na dissertação. De um lado ocorreria a repetição sem sentido do título de Santo cada vez que citássemos o autor, de outro demarca nossa posição de não interpretar o aspecto religioso presente nas *Confissões*. Contudo, compreendemos que outros colegas possam querer manter o título de santo ao mencionar o referido teórico.

da lembrança para chegar aos sujeitos dos fenômenos mnemônicos e as suas distâncias.

A segunda parte da dissertação corresponde à análise do romance. Começamos com uma brevíssima contextualização do neocolonialismo, na década de 1970, para compreender algumas das referências feitas pelo narrador, também contextualizaremos a ideia de solidão portuguesa que desde o subtítulo do romance é debatida. Na sequência abordaremos a defesa a argumentação de que *Longe de Manaus* é estruturado em forma cíclica, em que cada ciclo tem a função de abordar um espaço – África sob o domínio imperial lusitanos na década de 70, cidade de Porto contemporânea, São Paulo e Manaus. Igualmente interpretaremos que há zonas de contato entre os ciclos num movimento de entrecruzamento na medida em que o protagonista Jaime Ramos realiza o trabalho policial de procurar vestígios da vítima Álvaro Severiano Furtado. Depois dissertaremos de forma detalhada sobre cada personagem existente no enredo e quais as suas funções na narrativa. Em seguida avaliaremos as vozes narrativas,

defendendo a existência de um narrador principal que em determinados momentos atua como se fosse uma câmera, em outros confronta e contextualiza cada testemunho e vestígio encontrado por Ramos, além de ceder sua função de narrar para as personagens em alguns pontos da narrativa que serão especificados.

Portanto, vamos conjugar a leitura teórica com a análise do romance. As noções de testemunho, memória e distância estarão presentes na totalidade do trabalho. Nosso objetivo principal é investigar como as vozes testemunhais permitem a reelaboração do passado e a crítica ao presente realizada pela personagem Ramos.

## 1. Testemunhos pós-coloniais em *Longe de Manaus*

Organizamos teoricamente a leitura do romance em torno de uma pergunta norteadora: Quais as funções dos testemunhos na refiguração do tempo e na narração do passado? A noção de testemunho será associada ao conceito de memória a partir das abordagens de Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa*<sup>6</sup> (2010) e *A história, a memória, o esquecimento* (2007). Pressupomos que a legitimidade do discurso depende da localização no espaço/tempo e das escolhas entre guardar e descartar que diferenciam os objetivos de cada narrador.

A resposta divide-se em três partes: o entrecruzamento da tradição do “*olhar interior*” (memória individual) com o “*olhar exterior*” (memória coletiva) que resulta na *tripla atribuição da lembrança*; na segunda parte das considerações teóricas abordaremos as estratégias de narrar o passado, particularmente os discursos que importam autoridade à testemunha, na terceira, levaremos em conta os conceitos de “*imaginação afetiva*” e “*identificação afetiva*” instituídos por Carlo Ginzburg em *Olhos de Madeira:: nove reflexões sobre a distância* em dois ensaios, nos quais coteja a “*irreduzibilidade da memória à história*” com as metáforas de distância e perspectiva. Ao final, compararemos as falas de Ricoeur e Ginzburg, a fim de instituir categorias de análise para o romance *Longe de Manaus*. O objetivo é estudar de que forma ocorre o processo de mutação do testemunho em voz narrativa, a fim de aplicar à fenomenologia nas experiências narradas em falas das personagens ou do narrador.

### 1.1. **Revisitando a categoria de testemunho**

Compreendemos a noção de testemunho vinculada à fenomenologia da memória proposta por Ricoeur em *A história, a memória, o esquecimento*. Ele

---

<sup>6</sup> O primeiro tomo será citado da seguinte forma: (RICOEUR, 2010, A, p 50), o segundo e o terceiro serão distinguidos pelas letras B e C.

estrutura seus argumentos em três perguntas: “*De que há lembranças? De quem é a memória?*” (RICOEUR, 2007, p 23). A primeira possibilita enfatizar o processo de busca de uma lembrança, enquanto que a segunda delimita a questão da atribuição do testemunho a um sujeito. “*Como?*” É a terceira pergunta pela qual o autor investiga as estratégias discursivas de narrar o passado. Para respondê-las iremos percorrer o caminho que começa na lembrança, passa pela memória refletida e encontra a reminiscência.

*De que há lembranças?* Dizemos que são dos eventos cotidianos, das experiências particulares e daquilo que aprendemos. Ao considerar a multiplicidade de graus em que podem ocorrer Ricoeur propõe organizá-las em polaridades oriundas de experiências pré-verbais e da linguagem. Ele polariza *hábito/memória*<sup>7</sup> onde a relação com o tempo sofre mudanças, pois possibilita a “*conquista da distância temporal*”. Denota a habilidade de classificar, a partir de instrumentos comparativos das ações continuadas, particulares ou daquelas que necessitam de aprendizado. Contrapõe *Evocação/busca*, segundo o critério de *anamnesis*: “*Platão a mitificara ligando-a a um saber pré-natal do qual estaríamos afastados por um esquecimento (...) que faria da busca um reaprender...*” (RICOEUR, 2007, p 45, 46). Logo, inscreve a busca de recordações numa batalha onde os rastros podem ser apagados ou provisoriamente mantidos<sup>8</sup>. Além, de polarização entre lembrança/ ficção na qual a representação é uma mescla de caça de vestígios interpretados e imaginação, numa posição mista entre os problemas de confiabilidade e a função de verossimilhança. Similar ao que dissertou em *Tempo e narrativa*, o caráter imaginativo é fundamental para transformar as memórias em textos. Contudo indica dois polos conflitantes: pode levar-nos para as estratégias da ficção ou até a alucinação, onde os rastros são desconsiderados permitindo críticas de grupos, chamados por Ricoeur, de *racionalistas da memória*.

O passo subsequente, para o autor, é determinar *de quem é a memória?* Similar à fala de uma testemunha policial, ela será válida se for localizada no

---

<sup>7</sup> “É ilustrado, em nossa cultura filosófica contemporânea, pela famosa distinção proposta por Bergson entre a memória-hábito e a memória-lembrança. (RICOEUR, 2007, P 43).

<sup>8</sup> Notar o paradoxo e o enigma descritos por Agostinho quando fala que só podemos falar em esquecimento sob o signo da lembrança de esquecer no XI livro das *Confissões*.

espaço e no tempo<sup>9</sup>. Já em termos narrativos atravessa uma proposta de fenomenologia do local inspirada nas contribuições de Casey e Braudel. Na qual somos definidos por intermédio de nossas referências tangíveis<sup>10</sup>. Então, o corpo intercala os espaços vividos, na forma de um elo entre o presente e a lembrança, associados a aspectos geográfico, questão que será melhor debatida noutra momento de nossas considerações teóricas.

O questionamento *de quem é a memória?* Conecta-se à noção de testemunho, através das diferenças entre memória individual e coletiva, e aos sujeitos de atribuição mnemônica, de acordo com Ricoeur – Eu, próximos, outros: “*Nesse contexto o testemunho não é considerado enquanto proferido por alguém para ser colhido por outro, mas enquanto recebido por mim de outro a título de informação sobre o passado*” (RICOEUR, 2007, p 131). Consequentemente a ideia de quadros sociais da memória imputa importância para os testemunhos recolhidos no interior de um grupo social. Ao cabo, ele coteja a sociologia da memória coletiva com a fenomenologia da individual, de modo a explorar aspectos complementares que atravessam as duas teorias, chamados por ele de: “*recursos mascarados*”, como podemos ver na citação abaixo:

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não somos nós. Portanto, é seu lugar num conjunto que os outros se definem. (RICOEUR, 2007, p 131).

Quando Ricoeur argumenta sobre a tradição do olhar interior, ele lembra três traços da memória que ressaltam o seu caráter privado. Em primeiro lugar, explica a utilização dos pronomes possessivos que diferenciam as lembranças: as minhas lembranças; as suas lembranças. Em seguida, o autor compreende, inspirado em Aristóteles e Agostinho, que o vínculo com o passado reside na memória, sendo que “*esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado.*” (RICOEUR, 2007, p 107). Nas duas situações,

---

<sup>9</sup> Embasando-se em Kant no par espaço/tempo nas divisões entre o vivido e o antes do vivido.

<sup>10</sup> Heranças orais de gerações, restos materiais, concepções de calendário e aspectos geográficos que se mantêm inalterados.

acima, existe a prevalência da posse, seja para uma lembrança ou para uma reconstrução do passado, importa, então, a oposição derivada da ideia de posse conectada aos fenômenos mnemônicos, o sujeito “eu” se insere nas linhas temporais pelo sentido produzido em suas lembranças pessoais, o passado existirá, de acordo com as suas próprias reconstruções. Ricoeur remonta o olhar interior a uma tradição que inicia na antiguidade grega e atravessa a matriz cristã, particularmente nos textos de Agostinho, sobre o qual “*pode-se dizer que ele inventou a interioridade sobre o fundo da experiência cristã da conversão.*” (RICOEUR, 2007, p 108).

Segundo Ricoeur, o principal mérito de Agostinho se encontra na sua capacidade de relacionar a ideia de memória com a noção de tempo nos livros X e XI das *Confissões* (1973). Ele solucionou o problema da relação entre a alma e o tempo permitindo tornar a linguagem fundamental em oposição à prioridade dos movimentos celeste, conforme podemos notar na passagem abaixo do livro XI:

Nenhuns tempos Vos são coeternos, porque Vós permanecéis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer à pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. (AGOSTINHO, 1980, XI, 14).

Nessa passagem, o filósofo cristão acopla o conceito (tempo) com a concepção de passagem temporal entre passado, presente e futuro. Sua argumentação é fundamentada na reflexão, acerca de como ocorrem os contatos das três divisões gerais do tempo. Observemos a preocupação de construir a explicação, por meio de argumentos discursivos, fugindo da observação<sup>11</sup> celeste e elaborada num método dissertativo de elencar perguntas ao leitor<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Em termos das perspectivas religiosas presentes nas *Confissões*, consideramos ser necessário relativizá-las. Grande parte do texto é organizado em perguntas dirigidas para Deus. Para fins de análise



O ponto de vista de Agostinho culmina no *Livro XI: O homem e o tempo*<sup>13</sup> onde não só limita a importância dos astros<sup>14</sup> e altera o paradigma aristotélico<sup>15</sup>, mas também aborda maneiras de medir e localizar acontecimentos através de explicações lógicas. Disserta no sentido de revisar as relações entre passado, presente e futuro na forma de um contínuo de memórias, visões e expectativas<sup>16</sup>, tendo como base a ideia do triplo presente “ampliado” e “dialetizado” que foi explicitado nas reflexões do filósofo cristão a propósito das maneiras pelas quais podemos medir um período temporal: “...dizemos tempo longo ou breve, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado.” (Agostinho, 1980 XI, 14). Nessa lógica não existe passado e futuro, apenas o triplo presente que, epistemologicamente, permite a caracterização de determinada época como longa ou breve, apenas no momento em que nos lembramos dela. Ao invés de pensar em três períodos distintos, estabelece sua existência condicionada ao sujeito que interpreta os restos e preenche as lacunas, na contemporaneidade.

Nas *Confissões*, o leitor se depara com o questionamento de por que a memória é admirável? A resposta diz que o poder da memória consiste em eu lembrar de ter lembrado e eu lembrar da minha própria existência. Adentramos no paradoxo existente entre memória e esquecimento mediados pela lembrança, já que para saber que algo existe torna-se necessário que seja lembrando, logo a existência do indivíduo depende da lembrança de si mesmo. Noutro polo encontra-se a assombração do esquecimento aproximado de termos como “tragado” e “sepultura” dentro de uma analogia com a vitória ou a

---

desconsideramos o aspecto religioso de seus argumentos e focalizamos em suas estratégias de estruturação teórica dos conceitos de tempo e memória.

<sup>12</sup> Nesse momento não interessa-nos debater as formas como o autor chama seu leitor. Ginzburg diz que ele mescla o leitor com a figura de Deus, na intenção de produzir um diálogo com a divindade, entretanto em outros momentos isso se altera tornando Deus e leitor entidades diferentes no texto.

<sup>13</sup> Das *Confissões*.

<sup>14</sup> Porque, compreende que as órbitas espaciais e as épocas sejam irregulares.

<sup>15</sup> Que deixou a lacuna do problema entre Alma e tempo: “Talvez se deva até dizer que o que chama de tese agostiana – grifo de Ricoeur – sobre o tempo e que costumam qualificar de tese psicológica – grifo Ricoeur – para opô-la à de Aristóteles, e mesmo à de Plotino, é ela mesma mais aporética do que Agostinho admitiria.” (RICOEUR, 2010, A, p14).

<sup>16</sup> Apenas sendo interpretado o tempo de forma linear, pois Agostinho concebe o tempo dentro da lógica ocidental organizada desde um ponto gerador até o final em linha reta, sendo impossíveis formatos cíclicos.

derrota. Em última análise, a fala do filósofo defende que eu saiba que existo, porque lembro de mim mesmo.

No comentário de Ricoeur, o triplo presente, concebido por Agostinho, é conjugado com a tensão dos tempos coletivos e privados – tempo da alma e do mundo – quando pergunta se “*a teoria do triplo presente não confere à experiência viva do presente uma preeminência tal que a alteridade do passado seja por isso afetada e comprometida*”? (RICOEUR, 2007, p 112). Ele relê as *Confissões* e utiliza como instrumento explicativo o eixo de memórias (passado); visões (presente) e expectativas (futuro), de modo que a preteridade do passado se torna inseparável da noção de distância temporal. Seu comentário abarca a leitura do conceito de *distentio animi* que se organiza no trânsito do tempo de atravessar o futuro, presente e passado, no sentido de “*uma irreduzível diacronia ou uma sutil redução sincrônica*” (RICOEUR, 2007, p 112).

Igualmente, interpreta Agostinho como “*o homem interior que se lembra de si mesmo*” (RICOEUR, 2007, p 108). A força de seus escritos encontra-se na relação da memória com o tempo. No *livro X* a interioridade divide espaço com a busca de Deus o qual é encontrado na memória. Ela é marcada pela metáfora “*vastos palácios de memória*” atribuindo “*à interioridade o aspecto de uma espacialidade específica, a de um lugar íntimo*” (RICOEUR, 2007, p 109).

Na sua leitura, a memória interiorizada passa a ser conectada à noção de lugar<sup>17</sup>, o filósofo cita como Agostinho relaciona a metáfora dos palácios a termos como: armazém e depósitos<sup>18</sup>. Os “*vastos palácios da memória*” significam um espaço íntimo do indivíduo, no qual ele elabora suas escolhas e conscientemente ou inconscientemente trava suas batalhas contra o esquecimento. Em última instância a junção de interioridade com *lugar de memória* permite que a “*memória das coisas*” e a “*memória de mim*” coincidam e “*ai, encontro a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde fiz e da impressão que tive ao fazê-los*” (RICOEUR, 2007, p 110).

---

<sup>17</sup> Questão que será melhor analisada quando atingirmos a memória coletiva e a relação entre o sujeito “eu” e as enunciações de autoridade próprias da ação de testemunhas: “eu estava lá”.

<sup>18</sup> A ação de Lembrar nas *Confissões* é explicada pela metáfora dos *palácios de memória* dizem respeito a armazenamentos mentais e individuais de memórias. No século XX outros autores, como por exemplo: o próprio Ricoeur e Pierre Nora avançaram na noção de espaços institucionalizados que atuam como espaços aonde “*a memória se refugia e se cristalina*” (NORA, 1993, p 7).

Então, as memórias de um indivíduo são produzidas numa batalha constante contra o esquecimento. O reconhecimento de uma coisa rememorada pode ser notado como vitória, mas – questiona Ricoeur – “*não seria o esquecimento outra coisa que não aquilo de que nos lembramos de ter esquecido...?*” (RICOEUR, 2007, p 111). A solução de Agostinho para o paradoxo percorre o livro *A memória, a história, o esquecimento*, em especial a ideia de reconhecimento e o medo de privação da memória. De um lado só sabemos que esquecemos algo porque reconhecemos tal objeto, evento e de outro enfrentamos a impossibilidade biológica e material de guardar todos os detalhes do passado, seja em nossos cérebros ou em documentos. Assim, só podemos ter ciência do esquecimento enquanto ainda conseguimos lembrar que algo foi apagado.

Ricoeur institui como herdeiros, do que ele chama de *tradição do olhar interior*. John Locke e Husserl. Numa contraposição ao olhar exterior representado por Halbwachs. Diferente de Locke que instaurou as noções de *identity, consciousness, self*, as quais foram transformadas em referências da consciência ocidental, Husserl ampliou as categorias propostas por Agostinho nas metáforas do som – pontual – e da melodia – continuidade. Em nosso objetivo interessa notar como é compreendida uma distinção entre lembranças primárias e secundárias – *(re)lembrança (Wiederinnerung)* – o prefixo *(re)* corresponde a um fenômeno de realização, essencial para significar acontecimentos nos seus contextos e atualizá-los, conforme as afirmações presentes em *Tempo e Narrativa*.

Essa distinção é a contrapartida necessária para a caracterização essencial da retenção, ou seja, a aderência do passado retido ao presente pontual dentro de um presente que persiste ao mesmo tempo em que desaparece. (RICOEUR, 2010, C, p 54).

De acordo com o fragmento citado, importam as táticas discursivas produzidas no presente a respeito de um determinado passado. Os testemunhos se tornam produtos de um tempo que está em ininterrupta transformação. Por conseguinte, as únicas partes da história possíveis de serem regatadas e interpretadas são os vestígios encontrados no ato de busca e caça dos rastros, sejam eles nossas recordações individuais, coletivas,

documentos escritos ou objetos materiais. O *triplo presente* é ampliado, no sentido de que “*esse passado que já não pode ser descrito como a cauda de um cometa do presente*”, uma vez que “*todas nossas lembranças que já não têm, por assim dizer, um pé no presente*”. (RICOEUR, 2010, C, p 54). A testemunha continua a ser considerada dentro da contemporaneidade, o passado passa a existir nos processos imaginativos de quem narra.

Em *A história, a memória, o esquecimento* é explorada a consciência íntima do tempo, similar à dissociação realizada nas *Confissões* entre alma e movimento. A consciência está inscrita no confronto da rememoração privada com a comemoração pública, segundo os critérios de narração estipulados no conceito de *objeto-tempo*, e o campo do *como se* criados por Husserl. Em um dos caminhos incide a dificuldade de registrar a experiência pontual no encadeamento de memórias, enquanto que na esfera do *como se* a imaginação é limitada pelas consciências impressional e retencional.

Com a tradição do olhar exterior o testemunho passa a ser tanto no nível de quem enuncia como no nível de quem recebe uma manifestação coletiva. Estando conectado ao verbo compartilhar e adquirindo importância na medida em que as lembranças expostas se tornam comuns a todos, no sentido denotado no fragmento citado: “*acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não somos nós*”. Implica na leitura do *Longe de Manaus*, especificadamente das falas de Ramos, num entendimento da relação policial/testemunha.

Doravante, estará integrada ao aspecto espacial, quando considerarmos a noção de *lugares de memória*. No nosso caso, interessa a relação que o testemunho coloca nos universos individuais e coletivos, uma vez que ela será autorizada a falar em primeiro nível porque presenciou determinado fato, de modo que utiliza a fala “*eu estava lá*”. O “*lá*” referencia o espaço vivido da percepção e da ação que encontra o tempo anterior à memória constituindo um sistema de lugares e datas.

A relação entre memória individual e coletiva deriva apenas do universo do qual o sujeito faz parte. Ricoeur concorda com Halbwachs quando diz que a memória individual “*é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse*

*ponto de vista muda segundo lugar que ocupo e segundo as relações que mantenho com outros meios.*” (HALBWACHS, Maurice, 1997, p 94 -95, apud RICOEUR, 2007, p 133, 134). Portanto, existem duas vias que podem intensificar uma forma de ver o passado ou alterá-lo: nossas escolhas pessoais na condição de testemunha de determinado evento e a organização social dos modos de narrar o passado. No caso do romance analisado, os relatos recolhidos por Ramos e suas subsequentes interpretações serão medidas pelo contexto de cada personagem, pois, dependendo da comunidade e do público alvo, a história pode ser contada em formatos e conteúdos diversos. O encontro da consciência pessoal com o universo coletivo incide nas escolhas do que lembrar ou esquecer. Ricoeur conclui que o ponto de vista do indivíduo é construído em relação à memória grupal, conseqüentemente o ponto de vista sofrerá modificação a medida que a testemunha altere seu lugar dentro do grupo.

Na visão de Ricoeur, a ruptura promovida no livro *A memória coletiva* de Halbwachs (1990) se localiza no pressuposto de que para um sujeito se lembrar ele precisa do outro. O referido texto é introduzido por uma confrontação da perspectiva individual com a coletiva. Para o teórico, da tradição exterior, citado a primeira testemunha a quem temos acesso seria nós mesmos, no entanto defende o argumento que nossas impressões sobre o mundo não podem se apoiar apenas na compreensão individual, sendo necessário o confronto com o grupo. Posição comentada em *A história, a memória, o esquecimento* compreendendo que o testemunho ocorre no caminho da recordação e do reconhecimento, de modo que interessam as lembranças compartilhadas e os lugares de memória comuns.

*A memória coletiva* foi interpretada, segundo a compreensão de que seu autor em nenhum momento rompe com a tese: “*nunca nós lembramos sozinhos*” que esta amparada na concepção de *quadros sociais*. “*É nos quadros do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a seqüência e o encadeamento de objetos*” (RICOEUR, 2007, p 133). Assim, o mundo exterior é compreendido enquanto atuamos nele, situação explicada pela metáfora do reflexo que não se explica no reflexo anterior e sim pela sua consequência no instante presente.

Tanto o sentimento de individualidade, como de coletividade ocorrem no presente. Ricoeur comenta que por intermédio da consciência passamos a levar em conta a possibilidade de poder mudar de meio no qual vive no decorrer do tempo, bem como, a maneira de compreender o mundo pelo sujeito estará condicionada às pressões sociais e se altera no decorrer do tempo, na proporção em que o meio seja alterado. O comentário sobre *A memória coletiva* se constitui primariamente numa explicação da ruptura causada e, posteriormente, numa crítica ao causalismo, defendido pelo seu autor, apesar de utilizar a ideia, presente em *A memória coletiva*, de que a memória individual é um ponto de vista sobre a coletiva e se altera dependendo do nosso olhar e do lugar que ocupamos.

Na sequência Ricoeur objetiva articular o viés sociológico com a fenomenologia da memória. O ponto de interseção está localizado na linguagem e no formato de artifício fundamental para ocorrer o testemunho, em sentido próximo ao explicitado nas *Confissões de Agostinho*. Nele encontram-se os “*Três sujeitos de atribuição da lembrança: eu, os coletivos, os próximos*” que foram elaborados seguindo a expressão *appropriate*, de Locke<sup>19</sup>, que pode significar a ideia de jogos semânticos ao redor das palavras *my, own, self* e a interioridade expressa no livro *Em si mesmo como um outro* (RICOEUR, 1991) para incutir o termo apropriação à lembrança, passiva ou ativa. Logo, apropriação será a pedra fundamental para compreendemos os mecanismos de enunciação e retransmissão, já que a memória ocorre mediada pelas capacidades linguísticas dos indivíduos envolvidos de concomitantemente produzirem e reproduzirem discursos ao mesmo tempo em que se apropriam dos testemunhos de outros.

A sua proposta de articular as duas tradições atravessa o estudo de três conjecturas: a atribuição suspensa de algum sujeito caracterizando a lembrança como uma espécie de imagem e a recordação uma busca; no segundo, interessa a manutenção de sentido de uma mesma lembrança ou recordação em situações diversas, apesar da necessidade de considerarmos

---

<sup>19</sup> “Locke nota a esse respeito que, por meio de seu caráter *forensic*, a linguagem jurídica introduz certa distância entre a propriedade apropriada e o possuidor. Ora, essa expressão pode ser associada a uma pluralidade de possuidores (*my own self, etc.*) e até mesmo no *self* substantivado: *the self*. Além disso, à expressão *appropriate* juntam-se as expressões *imput, accountable* (assumi a responsabilidade, ser responsável ou responsabilizar outrem). (RICOEUR, 2007, p 135).

as modificações derivadas das diferentes consciências; na última, há a dicotomia entre pronome reflexivo da terceira pessoa *si* e a palavra outro, indicados por meio do método indiciário promovido por Guinzburg, o qual é guiado pela *imaginação afetiva*, a fim de nos transportar para próximo da experiência de vida do outrem.

Na visão de Hurssel o sentido permanece similar, mas denominado pela palavra “*apresentação*” (*Appräsentation*). Na primeira, prevalecem as ações neurológicas que organizam nossa forma de compor o passado pessoal. Da mesma forma que um historiador busca vestígios para compor narrativas sobre determinado local, indivíduo, período, nós construímos histórias baseadas nas imagens ou recordações que podem ser catalogadas de alguma maneira e preservadas, ainda que de forma temporária. Na segunda conjectura as buscas passam a ocorrer na esfera do grupo, sendo que o sentido será mantido, de acordo com as estratégias discursivas de cada comunidade linguística. Enquanto que na última, torna-se importante refletir a cerca dos processos humanos de comunicação, no que tange a reconstrução do passado e as maneiras de uma testemunha narrar um evento, de retransmitir um testemunho e se apropriar da fala de um terceiro:

De fato, o juízo de atribuição somente se torna explícito quando replica, no plano reflexivo, à suspensão da atribuição espontânea a si dos fenômenos mnemônicos; ora, essa abstração não é arbitrária; ela é constitutiva do momento linguístico da memória, tal como a prática de linguagem cotidiana o promoveu, é ela que permite nomear e descrever de maneira distinta o “mental”, a “*mind*”, enquanto tal. Por outro lado, é esse sutil distanciamento que justifica o emprego do próprio termo “preenchimento” que depende de uma teoria geral da significação. (RICOEUR, 2007, p 137).

O fragmento elucida a relação entre *eu*, o coletivo e os próximos e a posição do outro. São as formas pelas quais o sujeito ou o grupo dota de significados as lembranças na ação de preencher as lacunas que não possuem acesso. Da mesma maneira como Agostinho fala em suas confissões, Ricoeur também atribui para a linguagem o papel fundamental, pois apenas por ela as *significâncias* tornam-se possíveis. Uma lembrança será transformada em testemunho pelas capacidades discursivas da testemunha envolvida e de quem escuta e retransmite, oralmente ou por meio da escrita. O filósofo organiza sua visão, a partir de pressupostos de Hurssel e Lock, explicando apropriação pela

modalidade “*self-ascribale*” da atribuição, como a capacidade de designar “*a si mesmo como o dono das próprias lembranças*” (RICOEUR, 2007, p 139) e de atribuir a si e aos outros os mesmos fenômenos mnemônicos.

A comparação da tese fenomenológica com a sociológica possui como base a noção de *outrem*. O autor nos lembra de que nossa inserção no mundo social ocorre por um nome que não foi escolhido por nós o qual, além de situar-nos numa linha de filiação, também distingue o portador representando a dependência do sujeito em relação ao *outrem*, visto que confere um apoio de linguagem auto referencial às operações de apropriação pessoal, em relação ao núcleo mnemônico, sendo explicado pelo fragmento: *Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre e somos afetados por suas ações*. (RICOEUR, 2007, p 139). Resulta então, na conclusão de que para estudar os testemunhos importa antes compreender que os sujeitos, sejam ativos ou passivos, fazem parte de uma coletividade, numa analogia com a estrutura primitiva da *ação social* de Max Weber. Outra maneira de conceber a aproximação dos dois olhares diz respeito ao aspecto transgeracional dentro do encadeamento de contemporâneos, sucessores e predecessores, os quais se estendem nos dois lados do eixo temporal. Enfim, as representações dos testemunhos – fenômenos mnemônicos – são regulamentadas segundo práticas sociais.

O autor também pergunta se na fronteira entre o individual e o coletivo há um plano intermediário de referências, no qual se operam as trocas. Sua resposta se concentra na elaboração da categoria “próximos”, como mediação entre eu/nós, encontrando o plano “*da relação com os próximos, a quem temos direito de atribuir uma memória um tipo distinto*” (RICOEUR, 2007, 141), são as pessoas para quem contamos uma história ou de quem escutamos uma história, posição teórica que corrobora o décimo livros das *Confissões* quando articula os próximos com a concepção de família. Aborda ainda, as capacidades de transformar em narrativa nossas próprias memórias ou aquelas recebidas por terceiros, mediadas pelo horizonte de expectativa do autor e do leitor. Interessam-nos as perguntas:

Em qual trajeto da memória se situam os próximos? A ligação com os próximos corta transversalmente e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações



sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento ou as ordens respectivas de grandeza. Em que sentido eles contam para mim, do ponto de vista da memória compartilhada? (RICOEUR, 2007, p 141)

O autor responde referenciando o eixo de memória e expectativa. Diz que a vida humana é balizada por dois acontecimentos: nascimento e morte que não só remetem para o eixo, mas também para a sequência de gerações. Ele diferencia os próximos dos outros se embasando no décimo livro das *Confissões* quando afirma que “*meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade de estima*” (RICOEUR, 2007, p 142). Ricoeur retoma a ideia de *atestação* desenvolvida no livro *A si mesmo como um outro*, quando fala da aprovação mútua entre os próximos e avança para considerar como próximo aqueles que “*desaprovam minhas ações, mas não minha existência*”. (RICOEUR, 2007, p 142)

Portanto, é desfeita a polaridade entre memória individual e coletiva. Ela dá lugar ao que Ricoeur chama de *tríplice atribuição da lembrança: a si, aos próximos, aos outros*. O alicerce de sua fala se encontra no uso da linguagem, porque ela delimita a esfera de atuação que pode ser demonstrado, no universo gramatical, pelo uso de pronome possessivos: *minha lembrança*, *sua lembrança*. O conceito também é formado através de uma releitura dos argumentos de Agostinho e de Locke nos quais a ideia de posse é recorrente, particularmente na expressão *apropriate*. Ricoeur propõe alavancar para fora do universo jurídico essa expressão e estendê-la até a lembrança, no formato passivo de presença ou ativo de busca, em três modalidades: a atribuição que pode ser suspensa ou operada; a manutenção do sentido em situações de atribuição distintas; e uma forma de preservar a assimetria da atribuição a si e ao outro.

A primeira modalidade “*consiste em manter suspensa a atribuição de alguém*” (RICOEUR, 2007, p 134). Na situação dos fenômenos mnemônicos o autor salienta a afinidade íntima entre a memória e a utilização dos verbos em cada discurso, pois denotam a distância da ação de lembrar-se e o verbo lembrar e do substantivo lembrança. Na sua visão *a atribuição a si* de uma memória explicaria a escolha dos filósofos do olhar interior em atribuí-la diretamente para a esfera íntima.

A segunda modalidade – *Einfühlung* – se refere à suspensão ou modificação da memória, entrelaçadas pelos conflitos entre o pronome *eu* com a categoria *outrem*. O ato de atribuir é alterado para coexistir tanto no nível individual como coletivo, quando a testemunha atribui “*essa espécie de imaginação afetiva pela qual nos projetamos na vida de outrem*” (RICOEUR, 2010, p 137). Circunstância que será desenvolvida, também, na terceira parte das nossas considerações teóricas, no momento em que analisarmos as contribuições de Ginzburg acerca da memória.

Na terceira modalidade estamos tratando da multiplicidade que torna assimétricos os dois olhares. Relaciona-se o método indiciário de Ginzburg, guiado pela *imaginação afetiva*, no qual podemos nos aproximar da vivência do outro num (re)viver. Ricoeur mantém, como característica primordial da assimetria, o uso da linguagem estudado nas *Confissões*, contudo ele amplia para enquadrar o problema das tradições dentro de uma reflexão na qual a atribuição a si é transformada na capacidade de atribuir ao *outrem* como a mim mesmo os mesmo fenômenos mnemônicos.

A terceira pergunta que norteia a fenomenologia de Ricoeur (“*como?*”) foi formulada tendo em vista as estratégias de narrar o passado. O autor considera que a construção da história ocorre pela imaginação de quem enuncia. Em suas competências para preencher as lacunas sobre as quais temos pouco, ou nenhum, acesso aos rastros. Portanto, a lembrança será acoplada a capacidade de criação, a fim de efetivar o campo do *tendo-sido*, pois os discursos historiográficos e literários necessitam ultrapassar a limitação imposta pela precariedade de informação do passado, explicitadas na fala de Agostinho quando diz que ainda existem alguns vestígios que podem ser resgatados, implicando no uso da esfera da imaginação. Conforme comentamos acima, o filósofo francês recorreu às categorias promulgadas por Husserl de *como se* e *tendo sido*, na intenção de desenvolver a dependência da narrativa à imaginação e à criação literária. No livro *A história, a memória, o esquecimento* ele dedica atenção às lacunas deixadas em *Tempo e narrativa* e *A si mesmo como um outro*, por isso procura entrelaçar a imaginação com os conectores da história. Destarte, a construção dos testemunhos em formas narrativas esta sujeita ao uso da linguagem e dos conectores em colisões

negociadas – calendário – e contaminações regradas – vestígios – numa maneira de representar o conflito da perenidade contra a efemeridade de um ser humano.

O primeiro é a capacidade de datar e fixar no calendário. Conectando um caráter sintético ao “*como se*” e a aos presentes potenciais, quando transforma as memórias em fatos e inscreve-os na série de... Horas, dias, anos... Aqui a localização no tempo e os *lugares de memória* adquirem importância, a narrativa passa a possuir sentido, na medida em que ela seja verossímil com as expectativas prévias do leitor.

Por caminho diverso a sequência de gerações, narrativas familiares, admite outras esferas mantidas pela oralidade. O pensamento individual, da lógica ocidental, cede lugar a recordações ancestrais que possibilitam prolongar o tempo pela imaginação. A rede de predecessores contemporâneos e sucessores mescla o caráter biológico com a construção intelectual de como seria a realidade dos ancestrais.

O último conector deriva da “*pré-suposição de que o passado deixou um vestígio, erigido por monumentos e documentos em testemunhas.*” (RICOEUR, 2010, C, 203). Agostinho disse que é o único fator que permanece além da transitoriedade da vida humana. *Tempo e narrativa*, de acordo com *Ser e tempo* de Heidegger, explica a metodologia de caça e escolha mediada pelas escolhas de apagar ou inscrever, por meio do critério de utilidade:

É certamente nesse estágio que Heidegger gostaria de situar essa operação. Contudo, não me parece que consiga fazê-lo, sem, *além disso*, adotar aspectos do tempo vulgar, considerado um simples nivelamento da intratemporalidade. Não me parece, com efeito, que se possa explicar a significância do vestígio sem associar o tempo vulgar a intratemporalidade. *Creio que o tempo do vestígio é homogêneo ao tempo do calendário.* (RICOEUR, 2010, C, p 207).

Na união dos três conectores se procede a transformação dos vestígios em memórias e em testemunhos narrados. Com a mesma abrangência para a historiografia e para a literatura que partilham de uma origem próxima, na função de atribuir sentido ao passado. Ambos os discursos atuam em trocas de “*intencionalidades*” e se afastam nos respectivos pactos com o leitor, ou seja, a forma pode ser reutilizada e adaptada aos objetivos de quem escreve, porque

para desenvolvê-los, história e literatura, tomam por empréstimo as formas uma da outra.

Os conectores são relacionados, seja na operação historiográfica ou na ficção, ao critério utilizado por Ricoeur de carácter imaginativo. Seu desempenho remete a atribuição de sentido e valor na reconstrução de um mundo que já não existe em torno de uma relíquia, por um efeito-signo que simboliza a mudança da interpretação de critérios de veracidade para análise de discursos. Em última análise, continua subordinado aos signos da linguagem. Se o passado não existe, e está presente apenas em nossas fugazes memórias, as narrativas necessitam reconstruí-los num processo híbrido de combinar rastros documentais com capacidade criativa para que o leitor compreenda o tempo abordado.

A figuratividade na historiografia significa o trânsito de transpor um fato do calendário para ser reconstruído e refigurado numa “*ilusão controlada*” que suspende a desconfiança de forma voluntária. Ricoeur sugere compreender suas relações como uma “*estranha cumplicidade*”, a fronteira é cruzada em busca de novas estratégias textuais, para as memórias e esquecimentos:

Poderia falar de *ilusão controlada* para caracterizar essa feliz união que faz, por exemplo, do retrato de Michelet fez da Revolução Francesa uma obra literária comparável a *Guerra e Paz*, na qual o movimento procede em sentido inverso da ficção para a história, e não mais da história para a ficção. (RICOEUR, 2010, C, p 319).

Na segunda conjectura diz que a narrativa de ficção imita de certo modo a histórica, uma vez que “*a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia*” (RICOEUR, 2010, B, p325). Uma é parecida com a outra, apesar de seus pactos. Porém, o eixo deixa de ser a investigação do plausível, para abarcar a verossimilhança de Aristóteles. A criação literária desvencilha-se da obrigatoriedade de seguir a consciência história e as regras de manuseio do documento<sup>20</sup>.

O entrecruzamento dos dois discursos é concluído com o que se chama de *tempo humano*. Uma sobreposição recíproca, onde se conjugam as

---

<sup>20</sup> Importante notar que no contexto de produção de Aristóteles as preocupações com os documentos eram de outra ordem.

“representâncias” através das variações imaginativas da ficção, “*tendo como pano de fundo as aporias da fenomenologia do tempo*” (RICOEUR, 2010, B, p328). Que explicitam o processo que principia na busca do vestígio, passa por escolhas teóricas sobre o tempo, e chega aos discursos narrativos.

Percorremos um caminho no qual o testemunho foi atrelado aos conceitos de memória e história em dois movimentos: uma contraposição do olhar interior com o exterior, a fim de discernir os sujeitos de atribuição (eu, próximos, outros) e uma focalização na narração da história, dentro das modalidades de reconstrução do passado. Agora importa debater o tema da “*irreducibilidade da memória à história*” (GINZBURG, 2001, p 178), amparado nas metáforas de Ginzburg de distância e perspectiva, sejam temporais (passado, presente, futuro) ou entre os sujeitos dos fenômenos mnemônicos.

No livro *Olhos de madeira* Ginzburg publica nove ensaios abordando a distância. No texto chamado de *Distância e perspectiva: duas metáforas* ele busca a partir de uma crítica ao pós-estruturalismo estudar a relação entre memória e historiografia, tratando do tema da irreducibilidade. Na esteira do judaísmo e do cristianismo elabora uma leitura dos textos: *De trinitate, Confissões, Enarrationes in Psalmos, Doctrina christiana* de Agostinho. Argumenta que na visão do filósofo cristão “*o poder que domina os sinais de nossa mente é a memória*” (GINZBURG, 2001, p 181), mas que pode possuir outros significados amparados em corpos físicos, no sentido de indicar túmulos – de mortos, de mártires – relíquias, relicários, comemorações litúrgicas, remetendo para a imagem dos palácios de memória.

Seguindo o objetivo de analisar o componente metafórico e histórico na narrativa, o autor do referido ensaio cita a relação dos judeus com o passado, na antiguidade, em especial o fator do olhar coletivo transmitido por ritos. Afirma que para eles “*história*” significava uma experiência vivida no passado<sup>21</sup>, como em qualquer cultura transmitida por ritos, cerimônias, tradições. Esses eventos denotam, num viés a distância que nos separa do passado, no caso do romance *Longe de Manaus* das guerras coloniais na África, e de outro se

---

<sup>21</sup> Ginzburg adverte que essa conclusão é óbvia, já que não se refere apenas à tradição judaica, sim a toda cultura, memória coletiva, transmitida por ritos, cerimônias e eventos semelhantes.

vincula a historiográfica como “*um gênero literário que tem, entre outras, a finalidade de registrar e conservar as notícias sobre os acontecimentos dignos de nota*”. (GINZBURG, 2001, p 179).

O historiador italiano procura demonstrar seu ponto de vista, através dos argumentos de Agostinho, quando menciona a noção de sentido figurado, para que seja possível compreender as consequências de cada retórica em contextos diferentes. Segundo ele, isso permitiu que fosse estudada a memória não só atrelada às recordações mentais, mas também, aos corpos físicos. Ele amplia a fala de Ricoeur sobre a articulação entre memória e corpo integrando a reflexão com a tradição cristã. Na visão do autor a conexão entre memória, rito cristão e história é explícita, no que tange a transformação do “*corpo de cristo de humano em místico*”.

Somente um cristão como Agostinho refletindo sobre a relação fatal entre cristãos e judeus, entre Velho e Novo Testamento, pôde formular a ideia que, através do conceito hegeliano de *Aufhebung*, se tornou elemento crucial da consciência histórica, a saber: a ideia de que o passado deve ser compreendido seja em seus próprios termos, seja como anel de uma corrente que, em última análise, chega até nós. (GINZBURG, 2001, p 188)

Nesse fragmento o autor reflete a cerca da construção do passado. De um lado sua fala refaz o caminho trilhado nas *Confissões*, de implementar contribuições advindas da obra de Cícero demarcadas pelos termos *aptum* e *accommodatum* transformando-os em *pulchrum*, *aptum* e mais tarde projetando o mesmo a uma dimensão temporal. Assim, ao conjugar a percepção de que todas as ações humanas mudam no decorrer do tempo, com as reflexões de Cícero sobre arte e poesia, Agostinho desenvolve uma maneira de encarar a consciência histórica, delimitada pelas capacidades linguística de cada sujeito, no entanto, ultrapassa a constatação de que a memória é produto de atividades discursivas e considera a importância do sentido figurado.

No segundo e terceiro episódios o historiador objetiva traduzir as metáforas sonoras<sup>22</sup>: A sucessão de séculos seria originalmente “*como um canto que ninguém é capaz de escutar na sua integralidade*” e a beleza do curso dos acontecimentos humanos é “*uma melodia baseada numa harmoniosa variedade de dons*” (GINZBURG, 2001, p 188). Mas, nós

---

<sup>22</sup> Lembremos que Hurssel também utilizou as mesmas metáforas sonoras relidas por Ginzburg.

precisaríamos – na visão de Ginzburg – traduzi-las em metáforas visuais: distância e perspectiva<sup>23</sup>.

O segundo episódio surge quando o autor faz relação com a retórica de Maquiavel em *O príncipe* no qual apresenta uma oposição entre um modelo baseado na adaptação divina, “*em que a verdade (o judaísmo) conduz a uma verdade superior (o cristianismo), e um modelo puramente secular, baseado no conflito*” (GINZBURG, 2001, p 191).

O conflito foi em seu ponto de vista retrabalhado no decorrer do tempo. Cita como herdeiros do conflito Marx, de forma evidente, e Nietzsche, na batalha contra a objetividade positivista. Para Ginzburg esses dois modelos possuem uma influência duradoura no mundo ocidental e nas nossas tradições intelectuais.

O terceiro episódio faz referência à leitura realizada por Leibniz, nas quais são refutados os paradigmas de Maquiavel. Nesse momento é descrito um modelo de coexistência que antagoniza com os anteriores. Nos três modelos persistem as metáforas da distância e da perspectiva, sendo que para Maquiavel se trata de conflito, Leibniz de coexistência ou multiplicidade e Agostinho de adaptação. Além da perspectiva ligada a compreensão de duração, ou passagem do tempo, sendo assim um determinado período pode ser longo ou curto dependendo da perspectiva da testemunha e do narrador.

Desse modo, à distância em relação ao passado e a perspectiva são mediadas por duas estratégias narrativas: a memória e a historiografia. Elas se diferenciam pela proximidade com a experiência vivida, de acordo com os conceitos de *imaginação afetiva* e *identificação afetiva*. Ginzburg afirma que a memória consegue, de uma forma mais eficaz, estabelecer relação com o passado. Sua reflexão caracteriza-se por um pessimismo ao constatar que o modelo da adaptação foi rejeitado, o do conflito, considerado “*velharia*”<sup>24</sup>, enquanto que “*o modelo fundamentado na multiplicidade, porém, sempre esteve mais na moda, mesmo se inserido numa visão cética*”. (GINZBURG,

---

<sup>23</sup> Os motivos desses deslizamentos sensoriais são evidentes. A imprensa tornou as imagens e livros infinitamente mais acessíveis, contribuindo para o que foi definido como triunfo da vista. (GINZBURG, 2001, p 189)

<sup>24</sup> Faz referência a crise do marxismo que possibilitou o incremento dos defensores do *fim da história*.

2001, p 197). Explica o pessimismo pela metáfora da perspectiva, a qual é positiva por impor a subjetividade e negativa por ressaltar a distância intelectual, a tensão existente entre o ponto de vista subjetivo e as “*verdades objetivas e verificáveis*” denotou sentido para essa metáfora no passado, na contemporaneidade a mesma tensão poderá descobrir um lugar de encontro, desde que seja mantida aberta.

No ensaio *Matar um mandarim chinês: implicações morais sobre a distância*, publicado no mesmo livro, Ginzburg considera a distância no entrecruzamento do presente com o passado e a função de narrar a história. Seus argumentos atravessam textos canônicos do ocidente<sup>25</sup>, em todos eles, procura pensar a articulação existente entre compaixão e terror e as distâncias entre os sujeitos pronominais nós e eles.

O ensaio parte de um pressuposto: “*na sociedade burguesa é difícil respeitar as obrigações morais, mesmo as mais elementares*” (GINZBURG, 2001, p 209). Portanto, na contemporaneidade onde a tecnologia afeta a forma como nos comunicamos, torna-se possível que os métodos de exploração econômica, criados concomitantemente com o sistema de economia internacional, sejam somados a outras possibilidades de influenciar à distância a vida de outros seres humanos.

A *identificação afetiva* adquire importância como instrumento para responder a pergunta de como definir os limites da distância. Recortamos o enfoque de avaliar as capacidades humanas de alterar o passado influenciando sobre a memória e distorcendo os vestígios, além de escolher quais aspectos devem ser guardados ou apagados.

O contexto no qual Ginzburg elabora essa fala está circunscrito à crise da história, particularmente a marxista, no final do século XX. Preocupa-se em demarcar posição frente aos defensores do *fim da história*, logo, é tanto uma defesa do campo de estudo, como uma recapitulação de textos canônicos que contribuíram na formação da historiografia. Contudo, salientamos seu objetivo de contrapor as capacidades de reconstruir o passado, com o que ele chama de *imaginação moral*.

---

<sup>25</sup> Aristóteles, Diderot, Sade, Chateaubriand, Balzac, Adam Smith, Hume, e Walter Benjamin.



Para o historiador a memória, e conseqüentemente os testemunhos sobre o passado, são definidos a partir de nossos pressupostos morais. Defende uma batalha constante, nas narrativas históricas, entre aquele que ele considera como herdeiros de *Antígona* e os discursos organizados pelo antagonismo de *nós e eles*. Sua argumentação baseia-se no conceito de história exposto por Walter Benjamin em *Sobre o conceito de história*, no qual a história precisa ser construída como resposta aos inimigos, caracterizados na figura dos estados de exceção.

De modo que a memória em Ginzburg, ao ser correlacionada com as metáforas de distância e perspectiva, adquire um viés de confronto que não apenas se refere ao esquecimento, mas também ao conteúdo. Ele reutiliza a noção de que o passado é construído pelos vestígios e pela nossa imaginação para estabelecer o critério de *imaginação afetiva* que nos permiti aproximarmos das experiências vividas do *outrem*, nas palavras de Ricoeur.

Com a leitura de Ricoeur e Ginzburg propomos categorias teóricas de análise do romance *Longe de Manaus*. Ambos apresentam perspectivas complementares, no que tange os fenômenos mnemônicos e as estratégias narrativas, ainda que o primeiro procure estudar a representação do passado e o segundo esteja analisando a metáfora da distância.

Propomos como primeira categoria de análise a noção de testemunho que em Ricoeur foi ligada ao que ele chama de *Tradição do olhar exterior*, tendo como referências Halbwachs, e em menor medida Ginzburg com a categoria de *imaginação afetiva*. Lembremos que, nessa visão, a ruptura promovida por Halbwachs em *A memória coletiva*, consiste no pressuposto de que para se lembrar o sujeito precisa dos outros, a pressão social e o lugar de onde se fala alteram o ponto de vista da testemunha de forma decisiva.

O testemunho foi relacionado com o conceito de memória e com as pessoas pronominais eu, nós eles. Com Ricoeur é apresentada uma proposta de conjugar a perspectiva individual com a coletiva a partir dos três sujeitos dos processos mnemônicos: *eu, os coletivos, os próximos*. Conforme dissertarmos, o filósofo procurou desfazer uma polaridade para criar uma tríplice atribuição, de um lado, ele relê Agostinho para compreender o passado pessoal, de outro

avança no universo coletivo, com a intenção de demarcar as fronteiras entre o *eu*, os *próximos* e os outros. O termo usado por ele de *outrem* também faz parte das preocupações de Ginzburg representado nas diferenças entre *nós/eles* no mundo capitalista e globalizado. As preocupações do primeiro autor se referem à constituição de uma fenomenologia da memória articulada com a escrita da história, já para o historiador italiano importa cogitar, em forma de ensaio, as distâncias conectando o componente histórico da passagem temporal às diferenças econômicas e sociais.

Com ambos os autores podemos abordar a atribuição de um testemunho enunciado por um sujeito particularizado dentro de um contexto social. Ele será elaborado segundo os critérios de próximos, autoridade do testemunho e de moralidade. Em *A história, a memória, o esquecimento* as escolhas entre o que apagar e inscrever, em certa medida, depende de quem eu falo e de onde eu falo, ou ainda, de quem fala de mim. Está incluída no primeiro critério a autoridade concedida pelo fator de proximidade da testemunha com o leitor baseada preponderantemente na aprovação mútua chamada de *atestação* por Ricoeur. A moralidade em *Olhos de Madeira* é pensada dentro de uma releitura de textos canônicos do ocidente, tanto da literatura como da historiografia. O passo inicial para analisar a moralidade é o de diferenciar a memória da historiografia colocando a primeira como um discurso narrativo próximo da experiência viva que estabelece uma relação vital com o passado. Quando aborda a distância da experiência o autor passa a considerar até que ponto pode acarretar em indiferença, compaixão ou rivalidade aniquiladora. Ele vê, na história ocidental, uma oposição de narrativas que promulgam a indiferença e aquelas que utilizam o texto como instrumento de transformação da sociedade, dando como exemplos a criação da noção de crimes contra a humanidade e a *Antígona* de Sófocles, no sentido de ser uma vitória do mundo natural, universal, frente ao mundo particular.

Nesse quesito Ricoeur admite que inclui “*entre meus próximos os que desaprovam minhas ações, mas não minha existência*” (RICOEUR, 2007, p142). Seu pensamento se estrutura na concepção de que os fenômenos mnemônicos e a reconstrução do passado ocorrem via a tríplice *atribuição da lembrança*. O historiador italiano já trata a atribuição no plano da globalização,

reutilizando a parábola de Balzac acerca das implicações morais da morte de um mandarim chinês para um Francês. Demonstra como no mundo capitalista as obrigações morais são relativizadas, independente da distância existente entre agentes envolvidos.

Portanto, a atribuição dos testemunhos se coloca na fronteira do individual com o coletivo. Assim, levaremos em conta os critérios de posse de quem enuncia, ao mesmo tempo em que cotejaremos a pressão social que compõem as falas, no nosso caso das personagens que testemunham suas memórias para Jaime Ramos em *Longe de Manaus*. No universo particular relaciona-se aos termos *mne me* e *anamnesis* que significam a lembrança, a busca de um vestígio e o questionamento de como serão interpretados. No coletivo, trataremos dos critérios de *imaginação e identificação afetiva* que pode proporcionar uma proximidade maior da experiência relatada e uma compaixão, e por outro lado, proporcionar um distanciamento que se traduz em indiferença ou até rivalidade.

A segunda categoria de análise é a memória. Ambos teóricos utilizam as *Confissões* de Agostinho para produzir seus argumentos e atravessam textos canônicos do ocidente relacionando-os<sup>26</sup>. A memória pertence ao passado e, é o primeiro pressuposto incluído, elabora-se ela no presente (*triplo presente*) para comentar um tempo passado, em diversas maneiras de narrar. Ricoeur seja em *Tempo e Narrativa* ou *A história, a memória, o esquecimento* procurou delimitar e diferentes formas narrativas desde a busca da lembrança, passando por textos literários e na epistemologia da ciência histórica. O segundo pressuposto é de que a memória só existe como contraponto do esquecimento, nos planos do apagamento de rastros e na irremediável passagem do tempo. A inexistência do equilíbrio “*seria o último fantasma, a última representação dessa reflexão total que combatemos em todos os registros da hermenêutica da condição histórica*”? (RICOEUR, 2007, p 424), seja por causa do apagamento ou do excesso de memória. Na nossa perspectiva, a solução é compreender a memória a partir da metáfora de um círculo, já que o esforço de preservar um vestígio, por meio de textualidades, será balanceado com a impossibilidade de reconstituir o passado tal como ele foi. Conferindo-nos o

---

<sup>26</sup> Também citam Aristóteles, Lock, Hursel, Kant, Leibniz.

movimento perpétuo de negociar nossas recordações e esquecimentos. Compreendemos a memória, metaforicamente, **similar a** como uma roda de um moinho que capta partes do rio para gerar energia e confeccionar um produto e depois devolve ao rio, ao mesmo tempo em que retira outras quantidades de água em suas pás, trata-se de um movimento cíclico sem fim que como Ricoeur diz só é delimitado pelo nascimento, morte e limitações biológicas, neurológicas.

Em *Olhos de Madeira* o autor modifica a representação da memória de uma melodia harmoniosa em distância e perspectiva. Na modernidade foi alterada a maneira de conceber o fluxo temporal, porque o advento da imprensa tornou imagens e livros acessíveis à população, conseqüentemente, aumentou a propensão para o mundo visual. Como defendemos anteriormente, ele considera a memória delimitada por três maneiras de ver o mundo: Agostinho – adaptação – Maquiavel – conflito – e Leibniz como um modelo cognitivo, baseado na multiplicidade de pontos de vista. Assim, o discurso que abrange o passado estará tensionado pela distância entre a testemunha, a história e pelas três perspectivas citadas.

Nos estudos sobre a memória é importante levar em conta o entendimento de *locais de memória* que foi uma noção desenvolvida por Pierre Nora (1985) que estuda a problemática dos lugares, a qual surge da necessidade humana de criar espaços para preservar a memória. No caso de Ricoeur e Ginzburg, o primeiro articula a *tradição do olhar exterior* nas declarações que confirmam a veracidade de um testemunho. Como dissemos na visão coletiva, o lugar interessa, por causa do grupo social ali presente, nessa situação, o lugar adquire um duplo sentido: pode ser lugar físico ou lugar hierárquico no *quadro social*, a reconstrução do passado sofrerá mudanças, cada vez que o indivíduo mudar de posição entre seus iguais. Quando ele desfaz a polaridade e propõem a *tríplice atribuição* também passa a cotejar as diferenças entre memórias de lugares públicos e privados, além de seus intercâmbios, uma vez que se torna necessário avaliar o grau de manipulação de quem enuncia cada discurso.

Igualmente a apropriação será mediada, na visão do teórico, não só pelo lugar físico que foi institucionalizado socialmente, mas também pelos lugares

construídos na história pessoal, Ricoeur faz referência à fenomenologia do *mundo social* e a do *pertencimento* que integra os três sujeitos da atribuição mnemônica. Contudo, no que tange a autoridade do testemunho, os *locais de memória* adquirem outra conotação. Estamos abordando a declaração explícita da testemunha: *Eu estava lá*. “*O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passado que o advérbio marca o espaço*” (RICOEUR, 2007, p 156). Para o autor é um sistema que conjuga o espaço vivido e a percepção, tanto da ação, como do tempo vivido, dentro de uma estrutura dividida em lugares e datas, conforme podemos ler no fragmento abaixo:

Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e as suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram fortuna ulterior dessa expressão. (RICOEUR, 2007, p 157)

Na citação está explícita a compreensão de *lugares de memória* acoplada às estratégias sociais de institucionalizar um espaço como vestígio do passado. Ricoeur avança cotejando com o componente corpóreo da testemunha, dentro da sua categoria de *quadrilátero geométrico do espaço vivido*. Ele elabora a categoria, segundo a intercalação do espaço do individual do corpo, com o público e o geométrico. Na sua visão, a vivência ocorre na interseção dos espaços, em consequência, as influências dos três constituíram fatores decisivos não só nas escolhas de quais memórias preservar ou descartar, mas também percebe como o meio de mais lenta oscilação na história.

A visão de Ginzburg sobre o tema é permeada pela fala de Agostinho. Ele defende que o termo memória possui outros significados, além dos processos neurológicos, indica aspectos físicos como: túmulos, relíquias, relicários e, noutra conotação, comemorações litúrgicas. A compreensão do passado, em Agostinho, seria permeada pela noção de *figura* que implica no livro *De doctrina christiana*, as relações das pessoas com os lugares que habitam. A ação de institucionalizar um local como espaço de rememoração da história ocorre, assim também em objetos e ritos tradicionais. Por isso, o sentido figurado ganha força, pois apenas pelo pensamento abstrato é possível tornar um local detentor de significância.

Também sobre a memória, é preciso investigar a *imaginação* e a *identificação afetiva*. Ricoeur utiliza-se do conceito Ginzburg para propor sua tripla atribuição e compreender o termo *outrem*, em sentido complementar, as duas noções em *Olhos de Madeira* significam a proximidade da experiência vivida e fazem parte da diferenciação efetivada da memória com a historiografia, o historiador italiano ajuíza que estabelecem um elo vital com o passado. Ele possui três pressupostos: *a irredutibilidade da memória à história*, o pertencimento da *memória ao passado* e diferença entre fenômenos da memória e as práticas historiográficas. O objeto da história, como gênero, que preconiza critérios objetivos, é o homem, não o passado, por isso ela se aproxima de uma forma intelectual que distancia o narrador da ação, em que pese ser um gênero literário para Ginzburg. Por outro lado, a memória consegue estipular uma relação afetiva com o passado, na medida em que é exercitado seu caráter subjetivo. Ele explica a diferença entre as duas por uma crítica a contemporaneidade, defendendo que vivemos num clima anti-intelectualista o qual propicia o desenvolvimento de estratégias subjetivas e cria uma distância intelectual das práticas narrativas tradicionais na historiografia e das abordagens cotidianas de cada sujeito.

A terceira categoria de análise é a narrativa de caráter histórico. Ricoeur, em *Tempo e Narrativa*, contrapõem o discurso ficcional e o historiográfico apontando pontos comuns e divergentes nos dois discursos, de acordo com a definição de *estranha cumplicidade*: “*a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia*” (RICOEUR, 2010, B, p325). Tal qual afirmamos no desenvolvimento das nossas considerações teóricas, o filósofo francês caracteriza tanto o texto literário como o acadêmico, tendo em vista os *conectores da história* que abarcam uma concepção de tempo fundamentada nas formas do calendário e das sequências de gerações. Também em *A história, a memória, o esquecimento* sua preocupação é a de estipular os traços *trans-históricos* e suas expressões variáveis.

No ensaio *Matar um mandarim chinês*, Ginzburg delimita três modelos que segundo ele acompanham a narrativa histórica desde a antiguidade: adaptação, conflito e multiplicidade. Ele recupera Walter Benjamin para avaliar a narrativa histórica no caminho do conflito, nessa visão existem duas

vertentes, como interpretamos acima, aquela preocupada em justiça social e a outra que intensifica a distância entre *nós* e *eles*.

A última categoria é a distância, sendo subdividida em distância temporal, geográfica, de moralidade, em conjunto com a perspectiva histórica. Ambos teóricos trabalham com a distância temporal nas categorias agostinianas. Para Ricoeur o fluxo de tempo será constituído pelo eixo de memórias, visões, expectativas e depende da relação do sujeito com o tempo que poderá ser longo ou breve, em decorrência da relatividade produzida pelo triplo presente. O historiador italiano relaciona as *Confissões* com o conceito hegeliano de *Aufhebung* que caracteriza a passagem do tempo na imagem de um anel. Os dois textos utilizam metáforas sonoras para discernir o curso do tempo e integrar presente, com passado e futuro, ainda que Ginzburg opte por transformá-las em metáforas visuais.

A geográfica está inscrita também na esfera dos *locais de memória*. Em *A memória a história, o esquecimento* o conceito é explicado como meditações entre a escrita e o espaço, como se localiza na interseção do privado, com o público e o geométrico. Contudo para completar o sentido de história, Ricoeur recupera o componente geográfico da obra de Braudel para abordar o período antes da construção humana. Assim, em termos geográficos a distância perde força, por causa da inerente manutenção dos aspectos físicos vinculados a regiões específicas, diz respeito à longa duração da história na qual o olhar configura-se mais *espacial do que temporal*.

Em *Matar um mandarim chinês* as implicações espaciais estão analisadas, tendo em vista a globalização e o capitalismo, o autor contrapõe distância e proximidade, além de seus excessos. Ele disserta como a injustiça é uma constante na história humana, mas procura caracterizar o que ele chama de *distância excessiva* que gera indiferença dentro do sistema moderno de globalização. Também implica no nível cultural e de reconstrução do passado, no esquecimento de culturas subalternas frente a culturas hegemônicas: segundo Ginzburg “*Trata-se de um fenômeno específico, ligado a circunstâncias históricas específicas que mudaram profundamente no decorrer do século XX*” (GINZBURG, 2007, p 216).

A distância entrelaçada com a concepção de moralidade se integra com as relações que Ricoeur propõem nos sujeitos de atribuição. No caso dos testemunhos e da memória incide na aceitação do relato testemunhal e na corroboração com uma ou outra maneira de narrar o passado. Lembremos as palavras de Ricoeur que dizem que a fala individual será autorizada na proporção em que os *próximos* autenticarem sua existência como relato válido, enquanto que Ginzburg opta pela diferenciação de duas perspectivas narrativas, centrada na diferença entre nós/ele, a fim de termos no coletivo *nós* um grupo central na história, e no coletivo *eles* um grupo subalterno que deverá ser explorado nas estratégias capitalistas de mercado, ou extinto, caso não possua mais serventia.

Na união dos tipos de distância encontramos a distância do presente para o passado e do presente para o futuro. Ricoeur lembra Agostinho quando fala que existe apenas o *triplo presente* que abarca as categorias de memória, visão e expectativa. Ginzburg explora de modo mais detalhado a relação existente entre essas três categorias. Para ele, ambas as divisões possuem força simbólica no mundo contemporâneo, apesar de concordar com a noção de que, efetivamente, apenas o instante vivido existe. Finalmente, importa na narração do passado a necessidade humana de reconstruí-lo, independente de qual perspectiva seja utilizada com a intenção de diminuir a distância entre a imaginação e a experiência vivida.

Dessa forma percorremos um caminho que iniciou na noção de testemunho e atravessou o conceito de memória para chegar nas distâncias entre os *sujeitos de atribuição da lembrança*. Propomos aplicar essas categorias de análise a leitura de *Longe de Manaus* com o objetivo de cotejar as falas das testemunhas, do policial e do narrador frente às distâncias descritas, sejam elas temporais, geográficas ou sociais.



## 2. Ramos e Isaltino: Investigadores de mortos sem memória

A narrativa de *Longe de Manaus* abrange o cotidiano das personagens Ramos e Isaltino no trabalho policial com a investigação dos homicídios nos bairros pobres da cidade do Porto. São consideradas distâncias geográficas, temporais e sociais, sendo que o fluxo narrativo é dividido em três ciclos que dizem respeito à África, da época de independência das colônias africanas (particularmente Angola, Congo e Guiné), no período do pós-guerra; Portugal neoliberal, da década de 2000, que procura um caminho como país da união europeia<sup>27</sup>, ao mesmo tempo em que busca uma solução para o dilema de lembrar ou esquecer as barbáries cometidas na época colonial e na ditadura de Salazar; no último caso, de forma subliminar, mostra o Brasil, na contemporaneidade, que surge como um país de múltiplas facetas e grandes diferenças regionais entre sul, sudeste e norte, sendo que no romance são focadas as relações existentes entre São Paulo, Manaus e o olhar estrangeiro.

### 2.1 *Uma brevíssima contextualização:*

Antes de iniciar a análise da narrativa vamos recapitular o contexto narrado, brevemente. Acerca das guerras de independências africanas convém perguntar em quais processos históricos estão inseridos os anos de 1972 e 73. Porém, é importante retomar a crise do império português que perdeu, gradualmente, espaço para nações industrializadas, que pode ser remetida para o momento da união ibérica, dentro da história de longa duração, e as modificações do poder colonial no período pós-guerra durante as ditaduras fascistas.

De tal modo, adotamos o mesmo paradigma utilizado por Eric Hobsbawn para descrever o contexto que vai do último quartel do século XIX até o pós-guerra- *Num sentido menos superficial, o período que nos ocupa é obviamente a era de um novo tipo de império, o colonial.* (HOBSBAWN, 2006, A, p 88).

---

<sup>27</sup>O livro foi publicado originalmente em 2005, portanto anteriormente à crise econômica de 2008.

Então, torna-se pertinente falar numa modificação das ações colonialistas, segundo o mesmo autor, apesar de não existir desde o século XVIII nenhuma ameaça séria ao domínio capitalista, também não houve por parte dos países, preferencialmente industrializados, nenhuma tentativa sistemática de anexar administrativamente territórios na África ou Ásia que estivessem livres ou sob domínio dos antigos impérios (Portugal e Espanha).

No século XIX inicia-se o contexto chamado pela historiografia tradicional de *neocolonialismo* no qual a maior parte do globo, exceto a América Latina, foi dividido em territórios com dominação direta ou indireta. Em que prevaleceu o poder de um grupo limitado de países: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, EUA e Japão. Os países ibéricos ainda conseguiram manter alguns territórios. Essa manutenção por parte dos países da península Ibérica se deveu à competência econômica, militar, ou ainda à incapacidade das potências industriais de chegarem um acordo para dividir os territórios:

As vítimas desse processo foram, até certo ponto, os antigos impérios europeus pré-industriais sobreviventes da Espanha e de Portugal, o primeiro mais que o segundo, apesar das tentativas de estender o território sob o seu controle no noroeste africano. Entretanto, a permanência dos principais territórios portugueses na África (Angola e Moçambique) que somente devido à incapacidade dos seus rivais modernos chegarem a um acordo quanto a maneira de dividi-los entre si. (HOBBSAWN, 2006, A, p 88, 89).

O historiador reflete sobre a razão pela qual a condição semiperiférica de Portugal tenha demarcado o fim tardio do império, se for comparado com os outros europeus<sup>28</sup>. Ele responde que apenas pelo controle direto era possível algum grau de competitividade contra os concorrentes de revolução industrial completa.

No contexto africano, o período posterior ao *neocolonialismo* foi chamado por Majhemout Diop (\*1922 ,+2007) “como década de ouro” (1930 – 40). No capítulo *A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português*, publicado em *História geral da África: África desde 1935* (ORG, MAZURI, Ali & WONDJI, Christopher, 2010) o autor estuda esses anos

---

<sup>28</sup> Ressalvando ainda hoje existirem domínios ingleses e franceses, além da inserção de bases militares estadunidenses, em diversas regiões ao redor do globo.

tendo em vista a problemática de quais foram às repercussões do desenvolvimento da extrema direita para as dinâmicas de poder imperiais:

Este capítulo pretende mostrar que a década fascista, 1935 – 1945, teve maior impacto sob o nacionalismo africano que sobre a natureza do imperialismo europeu. Se as políticas coloniais da França e dos Estados ibéricos se degradaram sob a direção fascista de Salazar e Franco e sob regime de Vichy, entretanto, a mudança mais contundente foi a reação da África a estas políticas. A década de 1935 – 1945 configurou um importante ponto de inflexão para a história da libertação da África, muito mais que um momento decisivo para o próprio imperialismo europeu. A era fascista nada mais foi senão um novo parágrafo da história dos impérios europeus, mas ela inaugurou um novo capítulo nos anais do nacionalismo africano (DIOP, Majhemout, 2010, 68).

Diop defende que houve uma ruptura com para um novo tipo de nacionalismo no continente africano. O surgimento de novos níveis de consciência política, traduzidas em organizações modernas e jornais de cunho nacional, foram importantes nas construções das identidades nacionais após a saída dos exércitos europeus. Na esfera militar, deveu-se ao fato de as ditaduras europeias, em especial a espanhola e suas oposições, terem utilizados soldados africanos nos conflitos internos das metrópoles que no futuro iriam participar das guerras de independência na África, seja como revolucionários ou soldados imperiais. No plano religioso, Diop cita as resistências de alguns membros do *Islã* e *Cristianismo* contra preceitos fascistas atribuindo a eles importâncias nas futuras lutas por liberdade nacional.

As consequências da *era do ouro* para as colônias de Portugal são relacionadas ao ano de 1930, ocasião na qual Salazar se torna ministro dos assuntos coloniais e de 1933 quando foi instaurada a ditadura do Estado Novo (1933 – 1974). Segundo Diop houve um considerável incremento da subordinação de todos os territórios aos interesses da metrópole, através da redução radical dos serviços administrativos impondo uma nova<sup>29</sup> política de extrair riqueza da África. Seguida pelo empobrecimento dos africanistas que, como solução, passaram a imputar contra os povos autóctones situações de trabalho análogas à escravidão, novamente. Nesse contexto, torna-se

---

<sup>29</sup> Ajuizamos que o termo nova pode ser questionado, pois consideramos que toda ação colonialista pressupõe maneira de extrair riqueza da região dominada.

importante articular com as consequências do ato colonial<sup>30</sup>, uma lei criada no período da ditadura nacional que antecedeu o Estado Novo e redefiniu as relações entre metrópole e colônias. O ato centralizou a economia do império colonial português causando crises econômicas para os africanistas. Em seu segundo artigo, o ato defende a função histórica de Portugal de agir como nação colonizadora de territórios Africanos e Asiáticos, e no décimo segundo artigo, estipula que apenas a metrópole possui as prerrogativas da administração pública. Para Diop, essas modificações levaram ao desmantelamento da economia das colônias aumentando a exploração que os africanistas causavam nos africanos.

Em conjunto com o ato, o autor leva em consideração a falta de inovação nas regiões controladas por Portugal. Nas grandes cidades Bissau, Luanda, e Lourenço Marques existiu certo desenvolvimento industrial, enquanto que no interior era mantida a condição de reservatório do trabalho escravo. Escapar do controle, seja de Lisboa ou dos africanistas, se tornou impossível, porque as riquezas minerais serviam para resolver os problemas econômicos portugueses, e a escravidão para aplacar quaisquer crises dos colonos.

Então, qual a relação direta entre regimes fascistas e as guerras por independência? Diop enxerga nas ditaduras ações de repressão contra qualquer meio de evolução social e econômica, já que havia sido eliminada a possibilidade de “aprendizado da vida política”. Se no século XIX pudesse haver alguma forma de negociação, após Salazar restou apenas o conflito. Por conseguinte, explica as reações anti-imperialistas, não só pela desestabilização promovida pela segunda guerra, já que estamos tratando da década de 1970, ou seja, a desestabilização é oriunda das brigas causadas pela ditadura. Enfim, ao mesmo tempo em que os conflitos europeus criaram crises nas metrópoles, também permitiram os movimentos revolucionários nas colônias.

## **2.2 Os espaços investigados e vividos por Jaime Ramos**

---

<sup>30</sup> O ato está disponível no site <http://dre.pt/pdfgratis/1930/07/15600.pdf> acessado dia 14/04/2013.

Compreendemos que existem três ciclos narrativos no romance. No primeiro são consideradas as dinâmicas contemporâneas de Portugal que nos acerca dos dilemas de ser um país membro da união europeia e, ao mesmo tempo, apresentar característica de país semidesenvolvido. No segundo ciclo tratamos do Brasil, interpretando a forma como é caracterizado e problematizado tanto com as descrições espaciais, como com as personagens brasileiras criadas e no último são abordadas as ex-colônias portuguesas durante a década de 1970 em suas lutas pela independência.

As personagens Ramos, Osmar e Isaltino repercutem a solidão e o sofrimento lusitano. Na esteira de suas falas é possível questionar sobre a diferença da solidão portuguesa para de outras nacionalidades, ou ainda se a nacionalidade interfere no sentimento de solidão? No final do romance o inspetor repete o título ao falar que apesar de todos os problemas de Portugal, os personagens ainda vivem na segurança de um Estado europeu, diferentemente dos personagens amazonenses os quais sofrem no cotidiano com a barbárie da violência: “*Tudo está muito longe de Manaus, que como sabe é o centro do mundo*” (VIEGAS, 2007, p 449).

O contexto brasileiro é transpassado pelas diferenças regionais do país. Em São Paulo o leitor de *Longe de Manaus* encontra referências geográficas com nomes de ruas, futebolísticas com a rivalidade entre São Paulo e Corinthians, e a história da literatura brasileiras com as preferências das personagens Daniela e Ramos. Em Manaus salienta-se o componente árabe da cultura amazonense. A narrativa apresenta proximidades com textos de Milton Hatoum na maneira de estipular a importância da imigração árabe para a região.

Os três ciclos estão presentes na introdução de *Longe de Manaus*, por meio de uma estrutura de seis capítulos que têm a função de apresentar cada espaço e temporalidade para o leitor. Nos capítulos introdutórios são definidas as estratégias de localizar as personagens no tempo e nos espaços urbanos, além de descreverem os artifícios que serão utilizados pelo protagonista, Jaime Ramos, para conferir sentido ao passado e ao presente, por um olhar crítico mediado por memórias e relatos das testemunhas que ele investiga.

Interpretamos a atuação da personagem Ramos permeada por dois critérios que não dizem respeito propriamente ao universo policial. De um lado o protagonista elenca como principal fator analítico a luta de classes para compreender as relações sociais, e de outro institui como seu objetivo reconstruir biografias de pessoas esquecidas. O narrador apresenta uma narrativa permeada pela caça aos vestígios e testemunhos dos assassinatos investigados pelo inspetor, bem como do passado lusitano, respeitando o critério de retomar as pessoas esquecidas pela sociedade capitalista, independentemente do espaço geográfico nos quais se encontram. No decorrer da análise vamos defender que não apenas o narrador possui voz narrativa, existem personagens que ocupam esse espaço em alguns momentos delimitados, como Ramos que narra a guerra, Ramiro que narra a história privada da personagem Portocarrero, e Pedro Luiz que testemunha os aspectos esquecidos da relação de Portocarrero com suas esposas e com o filho, Salim, escondido da sociedade. A voz narrativa, portanto, não é exclusividade do narrador ele concede a função para algumas personagens temporariamente.

O desenvolvimento do romance, da mesma forma, possui o foco dividido entre os três espaços Portugal, Brasil e África que, por sua vez, dividem-se em seus centros e suas periferias. Sobre Portugal, a narrativa explora dois universos sobrepostos na personagem do policial Ramos, o primeiro da sua rotina policial investigando mortes de indivíduos esquecidos e sem memória, chamados por ele de pessoas sem importância, o outro, da sua vida pessoal que ele caracteriza como de pequeno-burguês sem culpa ao lado da personagem Rosa.

O universo marginal no qual ele trabalha é permeado por personagens de origens diversas, porém com um ponto em comum são pobres e, em grande parte, imigrantes de países do sul. Durante a investigação da morte de Álvaro, Ramos trabalhou com três policiais, Isaltino que auxiliou constantemente, Osmar um delegado de Manaus com origens árabes e José Corsário das Neves (policial português filho de cabo-verdianos) que auxiliou na resolução do assassinato da personagem Shirley, brasileira que foi vítima do tráfico de mulheres para a Europa e atuou como prostituta em território português.

Outro universo contido no romance, diz respeito à vida privada de Ramos. Nela o leitor encontrará a vida que o protagonista classifica como a de um pequeno burguês. O narrador abandona os homicídios e explora o relacionamento amoroso entre Ramos e Rosa, para falar de seus gostos culinários, literários, musicais, dos filmes apreciados. Podemos interpretar que esses momentos, no romance, são marcados pelo sentimento de paz em oposição ao caos das investigações policiais. Podemos arrolar cânones literários e cinematográficos enunciados pelo protagonista e voz narrativa.

O Brasil é introduzido com a descrição de Manaus no momento em que o narrador menciona as chuvas constantes e referências locais – banco *Bradesco*; termos “manicure”, “barraca de bebidas Fiel ao Senhor”; lojas de eletrodomésticos *Insinuante* e imobiliária Macapá. Além de construir um personagem masculino sem nome chamado<sup>31</sup> pela pessoa gramatical *e/le* o qual, na continuação da leitura, causará a dúvida se o referente é Álvaro ou Salim<sup>32</sup>. No segundo capítulo, os espaços brasileiros passam a serem narrados com intuito de apresentar um contexto sobre o qual o leitor português pode não estar informado. Por isso, aumenta o número de referências do tempo real que dotam aspectos geográficos como o frio de São Paulo e a divisão de regiões do país; aspectos linguísticos que diferenciam o português falado; aspectos arquitetônicos como o Teatro de Manaus, além de nomes das ruas de São Paulo e aspectos econômicos pela citação de empresas brasileiras como *Bradesco*, *Insinuante* e marcas de cerveja.

Além de narrarem o Brasil com personagens de origem brasileira<sup>s</sup> que se expressam com português falado no Brasil, o narrador fala de imigrantes lusitanos que chegaram à América do Sul. As histórias familiares de Ramos são utilizadas para contar os destinos de portugueses que optaram ou foram obrigados a emigrar para o Brasil. São aqueles familiares “quase” esquecidos que foram para o a antiga colônia na América do Sul e construíram uma nova vida separada da família residente em Portugal. Na continuação da dissertação vamos apresentar a personagem Diniz Ramos, um familiar do protagonista,

---

<sup>31</sup> Segundo capítulo do romance.

<sup>32</sup> Salim filho adotivo de Álvaro que vamos analisar na continuação da dissertação.

sobre o qual não existem notícias atuais, sabe-se apenas que viajou para São Paulo e nunca retornou.

Em São Paulo existem as personagens Daniela e Helena que inauguram a temática da bissexualidade em conjunto com suas memórias e com as personagens Walmir – policial brasileiro – e do português misterioso que se faz passar por Álvaro na agência bancária onde Helena trabalhava. Igualmente, Daniela carrega consigo a história da literatura brasileira, pois é caracterizada como uma mestranda em literatura. Na continuação interpretaremos a narrativa em torno de Helena, atrelada à cultura popular do Brasil como o futebol, na rivalidade entre Corinthians e São Paulo, sobre o mundo acadêmico brasileiro, em leituras de autores canônicos da literatura.

Manaus será explorada pelas vozes narrativas com o critério da pobreza e pela pergunta: Como a pobreza pode afetar as relações sociais, especialmente no mundo policial de Ramos e Osmar? A experiência na cidade faz com que o protagonista reveja seus conceitos, de periferia em Portugal e sofrimento lusitano, pela constante emigração, mudança traduzida pelo diálogo entre os dois policiais:

... Eles nem sabem que Portugal existe.  
– Nós também não sabemos que o Amapá existe  
– É verdade tudo está longe de Manaus, que, como se sabe é o centro do mundo. (VIEGAS, 2007, p 449)

Na mesma cidade, os assassinatos das prostitutas assumem o posto de exemplificar a violência que se transforma em barbárie. Elas são assassinadas por turistas ricos que vão para Manaus em busca de turismo sexual. Osmar relata como é estruturada uma economia na qual há iates destinados ao excursionismo com homens ricos que cooptam mulheres ribeirinhas e depois devolvem para as margens do rio seus corpos sem vida. Ele ainda lembra que os familiares delas vão para as margens em busca de algum dinheiro que pudesse ter permanecido nas roupas, habituados com a situação. Não existe punição para os assassinatos e nem revolta por parte da população local, conforme Osmar narra:

Num dia de abril, um iate de luxo ancorado na marina levou cerca de doze garotas, na maioria menores. Isso acontece muitas vezes nessas paragens. Gente de São Paulo, de



Brasília, do Rio de Janeiro, vem foder no Amazonas. Contratam uma cafetina profissional, ela providencia garotas, é paga no ato.

O policial de Manaus continua narrando como ocorrem essas viagens, para os homens ricos é uma visita de dois a cinco dias de turismo sexual, para as meninas é um cruzeiro pelo rio, e o contato com o luxo proveniente do centro do país, situação que se torna possível apenas pela prostituição. Eventualmente, uma das meninas realiza fotografia dos cruzeiros e grava rostos de homens que não poderiam ser identificados naquele contexto, por isso são assassinadas e jogadas nas margens do Amazonas:

Entre essas seis estavam as duas meninas suspeitas de terem fotografado os homens de negócios, ou políticos que tinham vindo em abril. Elas embarcaram. Oito delas acabaram esfaqueadas. Morrem doze no meio do rio ao todo. (VIEGAS, 2007, p 326)

A ação narrada, nas citações, servirá de fundamento para Osmar renegar a tese de Ramos, da solidão portuguesa, e para considerar a morte de Álvaro apenas mais um assassinato. Um corpo morto é um pormenor para o amazonense, visto que, ele já possui doze corpos de mulheres assassinadas cujos culpados não serão julgados.

Assim, a descrição do Brasil obedece à noção de que se trata de um país multifacetado, com grandes diferenças sociais e regionais. A importância da imigração lusitana é considerada ao mesmo tempo em que São Paulo é apresentada como metrópole multicultural, com indivíduos com origens em diversos países, e Manaus de duas maneiras, a cidade com forte presença árabe, na descendência do policial Osmar, e a barbárie causada pela violência que produz mortes de prostitutas.

O foco sobre a África retorna para os anos 70 do século XX, a fim de debater as implicações do colonialismo em Portugal. Questiona-se o que foi levado pelos portugueses para as colônias e quais aspectos foram trazidos de volta ou esquecidos no retorno. Numa perspectiva, a voz de Ramos e de suas testemunhas vai considerar quais eram as práticas comuns aos lusitanos que viviam nas colônias naquela época e noutra analisará as escolhas das personagens nos dilemas de lembrar e esquecer as experiências nos países africanos. Não existem vozes africanas na década de 1970, os testemunhos

sobre os conflitos são enunciados apenas por portugueses, o narrador demarca esse silêncio não permitindo a entrada de personagens das ex-colônias. Nas escolhas do narrador a dicotomia lembrar/esquecer é representada pela inexistência de vozes africanas, falando a cerca da guerra, teremos as personagens José Corsário das Neves e Fátima, imigrantes cabo-verdianos que vivem contemporaneamente na cidade do Porto, porém, nenhuma voz que sofreu de forma direta as mazelas da colonização ou soldados dos exércitos de libertação das colônias.

No ciclo africano, ocorre uma divisão em quatro atos que apresentam aspectos diferentes da época colonial. No primeiro ato, as testemunhas e os documentos oficiais vão permitir que Ramos reconstrua, em parte, o percurso de Álvaro na África nos anos 1970, no segundo ato, a preocupação do narrador estará nas memórias que Ramos possui da guerra, quando serviu, como subordinado de Portocarrero, no exército imperial português. Nessas memórias, o leitor vai ter acesso à dinâmica entre as duas personagens, ao mesmo tempo em que são relatados os horrores das batalhas. No terceiro momento, a testemunha, Ramiro além de relatar fatos sobre Álvaro, também relatará a vida privada de Portocarrero (que na época da guerra era capitão e no presente trabalha como advogado responsável pelo inventário do morto) com as personagens Rita (separada) e Lurdes, ambas esposas do advogado. A última forma de compreender a atuação lusitana nas ex-colônias é demarcada pelo debate entre quais memórias as personagens querem e podem lembrar ou esquecer-se dessa época.

As ex-colônias africanas são apresentadas nas primeiras páginas do livro com uma descrição de Luanda, como um ambiente tropical: “*A ilha é uma restinga cinzenta diante do mar, batida pelo vento, abrigando as cabanas da praia, casas com coqueiros e um jardim na traseira*” (VIEGAS, 2007, p 7). Além de a sua localização no espaço e tempo, uma vez que o narrador reitera a data de 26/05/1973<sup>33</sup> no contexto da guerra de independência angolana – 1961/1974. Ele também adverte o leitor que o enredo será dividido em duas ações: lembrar o passado colonial representado na metáfora do “relato

---

<sup>33</sup> Para localizar o leitor no período da ditadura Salazarista.

meteorológico” e esquecer pelo “silêncio de mar”, porém as personagens através dos discursos diretos instituem que será narrada a vida dos portugueses nos territórios africanos. Elas falam do terror vinculado com as mortes, durante a guerra, e das histórias privadas, pertinentes ao confronto entre a moral pregada por um país em época de ditadura de direita católica contra uma liberdade, relativa, do controle governamental em suas respectivas estratégias de repressão. Dessa forma, o passado será considerado mediante a oposição relato/ silêncio, o narrador esclarece ao leitor que será constante o conflito entre personagens que desejam esquecer o passado das guerras coloniais e aqueles que buscam reconstruí-lo.

As duas metáforas norteadoras<sup>34</sup> do romance, “silêncio de mar” e “relatório meteorológico”<sup>35</sup> estão vinculadas aos atos de preservar ou esquecer as memórias. Elas apresentam ao leitor uma dicotomia que permeia a narrativa, silêncios e memórias que pode ser identificada nas escolhas de cada personagem em guardar ou perder as recordações da África, considerando-se as limitações biológicas e materiais de preservá-las. Uma lembra as biografias que ninguém, exceto Ramos, tem interesse, e a outra os lusitanos que foram silenciados pelo exílio ou emigração.

Particularmente, na guerra a primeira metáfora representa o passado da burguesia imperial na cidade de Luanda: Há um “*dado inútil: um silêncio de mar...*” (VIEGAS, 2007, p 8) que “*desce sobre essa Luanda vazia, madrugadora*” (VIEGAS, 2007, p 456). O narrador permite compreender o esquecimento da década de 1970, durante a guerra colonial, sobressaindo-se frente às vozes críticas das ações lusitanas além-mar, como indicará o desenvolvimento do romance: as experiências na África serão confinadas na categoria de testemunho mediadas por vestígios e recordações preservadas ou perdidas.

A segunda metáfora diz respeito ao o “relatório meteorológico”. Nela o narrador aborda os testemunhos que fogem ao discurso imperialista, porque tal

---

<sup>34</sup> Na perspectiva do narrador.

<sup>35</sup> Não aprofundo nas questões do romance policial, nem na resolução do crime na qual Ramos encontra os pais de Álvaro. Interessa o percurso que o Inspetor trilha. De que forma compila os diferentes vestígios que encontra pelo caminho.

qual um apresentador da *previsão do tempo* em telejornal ou técnico em meteorologia que retorna ao mesmo problema de descobrir as condições climáticas, o narrador repetirá temáticas relacionadas ao continente africano, exploradas em outras narrativas contemporâneas de língua portuguesa, num movimento literário oriundo do final da ditadura Salazarista. Ele considera os fatores implícitos ao contexto da década de 2000, no qual Portugal debate a respeito de sua identidade como parte integrante da União Europeia. Além, de questões a propósito da maneira pela qual deveria tratar seu passado compartilhado com os países do sul.

Com o uso das duas metáforas o narrador adverte o leitor que, embora aborde um tema recorrente na literatura, pretende inserir, além de um novo conteúdo, uma forma de narrar o passado colonial em contraponto ao presente, como podemos notar no período: *É certo que ninguém escreverá esse relatório, mas há ainda uma garrafa de White Horse sobre a mesa, tombada – e quatro copos à volta, dois deles vazios*” (VIEGAS, 2007, p 8). O termo *ainda* denota a preocupação em descrever a utilização dos vestígios pós-coloniais em sentido aproximado com a fala de Agostinho, já que representa a existência de pessoas e documentos pelos quais seria possível reconstruir, de forma narrativa, os anos 1970. A cena onde essa frase é enunciada, com homens e mulheres realizando jogos sexuais, avisa ao leitor que as memórias da África tratam da morte na guerra e de aventuras sexuais nos centros urbanos.

Debate-se a colisão entre os silêncios e os vestígios que restaram das ações de opressão, contra regiões coloniais, na formação da identidade lusitana. O narrador e a obsessão de Ramos, pelas “pessoas sem importância”, indicam a parcela da sociedade que pretende reavaliar e discutir a época colonial. Essa revelação pode ser feita através de julgamentos que poderão gerar o perdão ou ainda certo tipo de saudosismo. Todas as estruturas narrativas elaboradas, a organização cíclica do romance, as metáforas norteadoras, a estratégias de câmera, as obsessões de Ramos e os artifícios importados do método historiográfico, explicam a impossibilidade de narrar outra realidade afastada dos relatos geográfico/meteorológicos. Assim, se aproxima a perspectiva de Ramos de ver a sociedade pela luta de classes, com

o foco narrativo de abordar as memórias e os silêncios da sociedade portuguesa contemporânea.

Quando o narrador fala da África colonial da década de setenta, ele cita o Congo, mas a ação militar acontece na Guiné e a vida privada em Angola, particularmente, nas cidades de Guiné Bissau e Luanda. Na passagem abaixo Portocarrero compara os dois centros urbanos no passado e na atualidade:

Inspector, Luanda era um mundo, comparado com a nossa pequena província, com a metrópole. Nada que se compara com Bissau, inspector, a nossa Bissau, onde estivemos ambos. Luanda era a verdadeira capital do império, ou poderia ser. Infelizmente, não foi... (Viegas, 2007, p 146).

Afastando-se de Bissau, onde a natureza é representada como inimiga, os relatos chegam até Luanda sobre a qual é narrada a história da vida privada dos portugueses em solo africano, acerca de seus encontros e descobertas sexuais. Se na Guiné a ameaça da morte prematura era uma constante, agora o foco é a vida num centro urbano africano a partir do olhar europeu das personagens.

Segundo Portocarrero, a diferença entre as cidades remetia à dicotomia barbárie/ civilização: “*Vou-me embora desta merda. Para a semana já estou em Luanda, que se foda Guiné, quero que se fodam os fuzileiros, as companhias de caçadores e os pelotões de morteiros*” (VIEGAS, 2007. P 142). Desde o primeiro capítulo, as vozes narrativas não só apresentam Luanda em contraponto ao ambiente marcado pela morte ou fauna e flora agressiva, mas também próxima das questões pertinentes aos encontros culturais. Na nossa perspectiva Luanda ocupa um polo, de contato e conflito, dos modos de vida europeu e angolano. Na cidade, os lusitanos se afastam da guerra travada em outras regiões e aprofundam suas descobertas sexuais.

Em grande medida a imagem idílica da região, decorre, segundo as investigações de Ramos, das propagandas televisivas que foram citadas pela testemunha Pedro Luís<sup>36</sup>, interrogado no vigésimo sétimo capítulo do romance: “*Luanda era a gala dos Óscares, pelo menos pelo que vejo na televisão.*”

---

<sup>36</sup> Cujas referências consistem em alocar a pessoa gramatical “ele” em associação com pistas sobre sua idade, trabalho e vinculação a Álvaro.

*Prédios restaurantes, a ilha, as cervejarias. E as Gajas de todo o lado. Brancas, mulatas e até pretas.*” (VIEGAS, 2007, p 158).

Para Pedro não são nem as balas, nem os mosquitos da malária que sobressaem, na visão dele significava sair da natureza e encontrar um mundo familiar, como podemos ler na seguinte afirmação: “*aqueles tempo de Luanda, eram bons, formam bons*” (VIEGAS, 2007, p 158). Consequentemente, importam as dinâmicas de contatos culturais pautadas pelas temáticas sexuais, porque incluem personagens europeus distantes dos parâmetros morais católicos da península ibérica e cercados por um mundo negro que lhes confere uma liberdade relativa da ditadura salazarista, como demonstra a foto que Ramos apresenta a Portocarrero ao final do romance:

Jaime Ramos recolheu o sobrescrito com a fotografia e olhou-a de relance, puxando-a por um dos cantos: um rectângulo onde, ao fundo, se alinhavam prédios brancos e beges, inacabados, sobre uma superfície de terra alaranjada – e à frente de um pequeno jardim, de pé um homem e uma mulher sorriam, ela de cabelo claro, calças claras, uma camisa branca, uma fita no cabelo, a pele morena. Ele, um homem magro, vestido como um funcionário banal, calças azuis, camisa branca, o cabelo penteado para trás, óculos escuros. Em agosto de 1973, Álvaro Severiano Furtado e Rita Pereira Gomes sorriam numa pose de europeus em África, os óculos escuros, os cabelos penteados para trás, aquele sorriso distante da metrópole, distante do ruído da guerra em Angola, distante da morte. (VIEGAS, 2007, p 405, 406).

Na citação interpretamos duas variantes. No início do parágrafo, o narrador relembra os prédios inacabados, se lembramos da fala de Portocarrero, no início do romance, podemos constatar a manutenção dos mesmos prédios inacabados. Representa uma imagem da colônia inacabada, de um projeto de império abortado conforme trabalhamos na contextualização de *Longe de Manaus*. O encontro de Álvaro com Rita retorna para a diferença de classes na caracterização de cada personagem, sendo que ele estava *vestido como um funcionário normal*. Num viés permite mencionar a diferença proposta por Ramos entre ricos e pobres para compreender que a aproximação entre as personagens ocasionaria segredos que não poderiam ser revelados após o retorno para Portugal, a honra de Portocarrero, como oficial, deveria ser mantida intacta na volta para casa, ele, como advogado rico, não poderia mais

ser descrito como o capitão corno da tropa (ação que vamos analisar na continuação da dissertação, quando refletimos sobre a personagem).

A descrição da cidade está ancorada em quatro pontos fundamentais. O primeiro ponto é a sua diferenciação em relação aos outros espaços coloniais lusitanos na África. A cidade conferia algum grau de conforto urbano aos portugueses, sejam os soldados ou os africanistas, que já residiam em Luanda antes da guerra. O segundo ponto é circunscrito ao horizonte de expectativa do imaginário coletivo produzido pela mídia da metrópole, em Portugal, Luanda era propagandeada como uma bela metrópole aonde todos os portugueses poderiam ir sem medo, segundo a voz de Ramos. O terceiro ponto é constituído pela possibilidade de fuga da ditadura salazarista que a imigração para Angola permitiria, se em casa era possível ser perseguido pelas suas ideias, na África existia uma maior liberdade do controle estatal, como podemos notar a partir da personagem Ramiro que afirmou ser Portocarrero o único oficial que não era comunista durante sua atividade de soldado do exército imperial português. O quarto ponto, igualmente, utiliza Portocarrero para lembrar a sua comparação, do passado da cidade com o presente, dentro de um ponto de vista da decepção contemporânea, a propósito do que restou dos sonhos e lutas por mudança no século XX, a personagem confronta as duas temporalidades<sup>37</sup>, com a intencionalidade de mostrar as consequências da defasagem de desenvolvimento econômico e social que foi fruto do processo gerado nas circunstâncias da guerra civil e divisão do mundo da Guerra Fria: “*prédios que deixámos a meio, pois a meio ficaram, a apodrecer*” (VIEGAS, 2007, p 159).

Outra forma de narrar Luanda é o ciclo que chamamos de ‘história da vida privada<sup>38</sup> no império’ que traz relatos das descobertas, encontros e práticas sexuais, uma vez que Luanda “*era o sítio em que mais se fodia em todo o império*” (VIEGAS, 2007, p 85). O ciclo é introduzido na segunda parte

---

<sup>37</sup> Lembro que após a independência ocorreu a guerra civil, na conjuntura da guerra fria, em 1975 até 2002.

<sup>38</sup> Remete a uma releitura de obras da historiografia francesa com o título *Historia da vida privada* (2009) publicadas inicialmente em 1985 com quatro volumes iniciando no império romano chegando até a primeira guerra organizados por Paul Veyne (1º vol), Georges Duby (2 vol º), Roger Chartier (3 vol º) e Michelle Perrot (4vol º). Posteriormente a forma foi importada para o Brasil em 1998 e Portugal em 2011.

do capítulo inicial, quando o narrador combina a descrição geográfica e as referências temporais com uma cena de swing entre três homens e três mulheres, ao mesmo tempo em que apresenta um local exótico, aos olhos europeus. A primeira metade do capítulo tem a função de apresentar as metáforas norteadoras, a ação entre essas personagens recebe a incumbência de transportar o leitor para o contexto das décadas de 1960 e 70, com o movimento hippie e amor livre, e para os conflitos entre o que cada indivíduo escolhe tornar público ou privado.

Atinge seu clímax<sup>39</sup> com aqueles relatos de Ramiro que mencionamos anteriormente, na passagem em que ele descreve a dinâmica do casal Portocarrero e Rita: “*a mulher encornou-o em Angola e ele não suportava ver o exército inteiro cheio de suspeitos, desde o soldado raso a general. Porque podia ser qualquer um*” (VIEGAS, 2007, p 84). Caracteriza a mulher através do discurso moralizante adotando como explicação para as traições os termos: “*colapsos morais, lapsos temporários de razão*” e julga-a atribuindo a Rita o título de ser “famosa” com a tropa. Se nos outros espaços havia homens e mulheres sozinhas com a impressão que tudo estava para acabar, em Luanda ocorria o sentimento de que tudo que vivessem poderia ser esquecido no retorno para Portugal, permitindo diferentes encontros e descobertas sexuais das personagens, culminando na construção da imagem do capitão traído, situação que pode ser interpretada na seguinte passagem:

A mulher encornou-o em Angola e ele não suportava ver o exército inteiro cheio de suspeitos, desde soldado raso a general. Porque podia ser qualquer um. Separaram-se e vieram para o porto em setembro de 1973, mas cada um por seu lado e em dias e aviões diferentes. (VIEGAS, 2007, p 84).

Ramiro cita a utilização de técnicas sexuais sadomasoquistas pela esposa com o marido Portocarrero e outros homens: “*Um dia ela apareceu-lhe à frente atada à cama, nua – alguém a tinha deixado assim, no quarto, à mulher do capitão Portocarrero (...) Ele próprio prendia a mulher na parede*” (VIEGAS, 2005, p 83). A personagem rememora a ocasião em que essas relações levaram o capitão para a prisão, porque, além de amarrar a esposa na

---

<sup>39</sup> Décimo quarto capítulo de *Longe de Manaus*.



parede com algemas, o capitão disparava em volta do corpo da mulher com sua pistola.

Interessa-nos o espanto da voz narrativa de Ramiro ao mencionar o sadomasoquismo dentro de um período formado por conjunção adversativa *mas*: “*mas parece que ela gostava*” (VIEGAS, 2005, p 83), ou seja, a surpresa<sup>40</sup> deve-se à posição social de Rita como filha de africanista rico e esposa de oficial com alguma posição social, segundo o mesmo: “*que ela se dava muito bem com a rapaziada*”.

A Guiné é narrada, no passado, mediada pela metáfora do “*vento do sul*” que representa a morte dos soldados portugueses. Numa passagem aonde narra um fluxo constante de helicópteros e caminhões trazendo cadáveres de soldado. Igualmente, a pobreza e os mosquitos estão presentes nas memórias de Ramos e Portocarrero sobre suas atuações na guerra. No presente, a voz de Portocarrero contempla um contexto de abandono decorrente das guerras civis que aconteceram após a independência. Independente do espaço africano no qual a ação foi desdobrada, existe uma estratégia circular na qual a África é narrada tendo os esquecimentos e as recordações como elementos primordiais, seja sobre a fuga do controle de um governo ditatorial, para aqueles que defendiam o comunismo, ou sobre as memórias de descobertas sexuais nos centros urbanos ou, ainda, o horror da guerra com a ameaça de uma morte prematura.

Durante o romance o foco narrativo foi elaborado para causar no leitor uma cacofonia de vozes, memórias, espaços e tempos. Nesse percurso procuramos delimitar por quais conflitos os personagens e as cidades foram construídas ficcionalmente. No caso específico da Guiné e de Angola, e suas capitais, existem diferentes dinâmicas: o sofrimento dos portugueses, a exploração colonial e as vidas privadas que quando articuladas compõem uma reescrita pós-colonial desse período.

---

<sup>40</sup> Compara-a com Florbela Espanca. Nesse momento, não creio que seja pertinente aprofundar, mas compreendo ser *válido*, principalmente, se for interpretada em conjunto com as outras personagens femininas do romance.

Na introdução do romance, podemos interpretar uma diferença entre a caracterização da África e do Brasil. Ao contrário dos países africanos a descrição do território brasileiro, e de seu respectivo contexto, não engloba a culpa colonial. As vozes minimizam a atuação do império lusitano na América numa narrativa que apenas menciona a existência de imigrantes e não questiona as consequências da violência imperial. Na nossa perspectiva, a identidade brasileira, no início do romance, é formada pela ideia do sujeito que não possui pai que se auto gestou, por conseguinte, o discurso narrativo desconsidera o lugar da antiga metrópole na formação do Brasil econômica e culturalmente.

Quando comparamos a apresentação de cada região se torna plausível compreender que a atuação lusitana nas duas regiões – África, Brasil – é motivo de problematização por parte do narrador. Na visão dele, a abordagem sobre a África possui como ponto nevrálgico a busca por rever a história e encontrar perdão, julgamento, arrependimento sobre os atos cometidos na época colonial e até saudosismos daquela época. Em particular, nas vozes de Ramos e Portocarrero que possuem respectivamente as atribuições de reconstruir o passado e mantê-lo esquecido; na narrativa sobre o Brasil o foco, diz respeito à caracterização das discrepâncias entre uma metrópole desenvolvida, em São Paulo, e a manutenção da barbárie decorrente da pobreza em Manaus, contexto que só é avaliado, no romance, após o retorno de Ramos para o Porto, no final do romance, porque se torna viável comparar os crimes cometidos na África, Europa e Brasil.

Durante a permanência dos portugueses na África a guerra foi a desculpa para todo o tipo de “*sexo, traições, negócios ilegais, aventuras que seriam impossíveis na Europa, todo o género de grosserias, todo o género de gente*” (VIEGAS, 2007, p 400). Não obstante, todas essas memórias serem constituídas por escolhas entre lembrar e esquecer há os personagens que cruzaram a fronteira, de livre vontade ou obrigados, com intuito de serem esquecidos. Em especial no caso da irmã de Álvaro, expulsa porque participava de um grupo revolucionário, e de Gabriel que não retornou para Portugal vivendo em Manaus e em Angola. Dessa forma, a África e o Brasil tornaram-se espaços aonde era possível sumir. A respeito da fala de Lourenço

sobre os portugueses que vieram para o Brasil, ele defende que esses sujeitos após desembarcar se perderam na cultura brasileira:

Não se pense que foram os brasileiros que, de uma forma concertada – embora isso se tenha verificado e continua a verificar-se –, “puseram entre parênteses”, como recusa da relação obcecante de *uma origem vinda de outro lugar*. São os próprios portugueses a fonte da diluição dos laços com Portugal. Tudo se passa como se tivessem ido para o continente brasileiro para por lá se perderem. Por lá se perderam. No Brasil Portugal está em todo lado e em lado nenhum. (LOURENÇO, 2001, p 158).

Existe uma diferença na relação de Portugal com a África e o Brasil. Na África é configurado um ambiente de confronto, de lembrança da guerra, a atuação colonial é pouco debatida, as consequências dela, estão presentes. A fronteira Portugal, Brasil é objeto de reflexão: Qual o motivo que faz com que os emigrantes lusitanos que viajaram para a América do Sul sejam esquecidos por suas famílias, por que se perdem as referências da antiga colônia? A resposta enunciada em *Longe de Manaus* pode ser articulada com a fala do autor Eduardo Lourenço (2001) No livro *A nau de Ícaro* ele avalia o mito da melancolia lusitana, cotejando com o presente e os antigos espaços coloniais, em especial o Brasil. Ele contextualiza a formação da “cultura portuguesa” chamando-a de “*magma obscuro de heranças e ritos milenares*” (LOURENÇO, 2001, p 37), tendo na origem o intercâmbio de heranças célticas, mediterrânicas e latinas<sup>41</sup>.

Seguindo os olhos do narrador, Portugal é apresentado através do clima e aspectos tangíveis da vida de classe média na cidade do Porto. Ele começa a descrição do espaço mesclando os problemas urbanos, com o clima de inverno e novas leis vinculadas ao neoliberalismo, as quais ampliam o tempo de trabalho do inspetor, como podemos ver no diálogo entre o inspetor Jaime Ramos e Isaltino acerca do cotidiano na cidade do Porto em Portugal.

– Não me parece, chefe<sup>42</sup>. Há coisas. De vez em quando chove, às vezes o trânsito, vá, é esta desgraça, a vida em casa não corre bem, os miúdos fazem barulho quando um tipo está a precisar de silêncio, até que falta dinheiro, sim, até que falte dinheiro ao fim do mês, que é quando falta. Isso acontece sempre. Mas são coisas que acontecem. E estamos em maio,

---

<sup>41</sup> Notar que autor reduz a um nível subsidiário a influência da cultura árabe ao analisar os contatos apenas na época imperial, sem considerar o período de dominação islâmica.

<sup>42</sup>

não estamos em novembro, nem em dezembro. Estamos em maio, quase junho, e hoje choveu, não é uma grande novidade. Em maio costuma chover. (VIEGAS, 2007, p 17)

Na passagem acima a fala de Isaltino é uma resposta para a tese de Ramos de que o “*mundo está fudido*”. Seu argumento de um lado retoma o cotidiano da classe média em suas preocupações, de outro introduz, novamente, a questão da temporalidade e do seu aspecto cíclico que será uma constante durante o texto. Do mesmo modo que a passagem dos meses interfere na vida de cada personagem, a passagem dos anos também vai trazer implicações, fundamentais, na forma de Ramos ver o mundo a sua volta.

A citação insere uma das particularidades do espaço lusitano que também são narradas no universo de São Paulo com Helena e Daniela: as preocupações cotidianas da classe média, com crises econômicas que diminuem a capacidade de consumo, influência do clima na vida de cada personagem e preferências pessoais. Com Ramos o mundo íntimo é exposto articulado com seus gostos pessoais que fazem a personagem se intitular um pequeno-burguês.

### **2.3 As peculiaridades das personagens e das vozes narrativas**

Para que possamos ampliar as propriedades de cada personagem precisamos dissertar sobre o quarto capítulo, quando o narrador intensifica a estratégia de câmera em concomitância com os diálogos de Ramos com Isaltino. No primeiro momento, ambos os personagens, debatem sobre a sua condição de policiais em meio às mudanças na legislação que aumentariam o tempo de trabalho até a aposentadoria, enquanto que é descrito o ambiente de trabalho – principalmente o pôster do jogador de futebol Cubillas. A decoração do escritório, onde atua o protagonista, é detalhada, naquele espaço ele coleciona alguns objetos que dizem respeito a seus gostos pessoais, tanto em relação às formas populares de entretenimento, quanto às formas artísticas. Destaca-se o futebol, a literatura e o cinema, os artefatos demarcam os interesses pessoais do inspetor e denotam o tempo que Ramos dedicou para a polícia desde a sua saída do exército imperial português.

Jaime Ramos voltou-se e enfrentou a parede nua ao seu lado, como se fosse a mesma onde Teófilo Cubillas sorria havia muitos anos, e se não era essa parede seria noutra, no seu antigo gabinete, mas ele lá estaria, Teófilo Cubillas, como uma

dos anos que não regressaram e das vezes em que mudou de gabinete e em que subiu na hierarquia. O pôster foi perdendo as cores, era agora uma mancha azul, branco e cinza colada à parede... (VIEGAS, 2007, p 18)

Na passagem, é plausível a interpretação de que Ramos se vê como um indivíduo fora de seu tempo que se mantém no trabalho por causa da legislação trabalhista. A sua reflexão que ele considera anacrônica legitima a tese, pela qual o inspetor percebe o mundo e resolve os crimes que lhe são incumbidos, de que independente das críticas realizadas no final do século XX e na primeira década do XIX a luta de classes continua, para ele, como principal critério explicativo da sociedade. A descrição do velho pôster demonstra a maneira que o protagonista se vê perante o contexto de Portugal como país da União Europeia. Situação que vai permear todo o romance e todas as conclusões de Ramos. O narrador não diz que o protagonista é anacrônico, essa posição parte da própria personagem que constantemente emite essa auto-avaliação.

A passagem citada também possibilita que seja introduzida a face melancólica de Ramos. Desde a década de 60 ele havia sido um soldado nas guerras de independência das colônias africanas e depois um policial no departamento de homicídios. Agora ele começava a cogitar a aposentadoria, apesar de ainda haver algum tempo de trabalho, também demonstrava medo pelo seu futuro num mundo civil. Ele lembra-se das festas de colegas que se aposentaram e as convenções sociais que normalmente eram realizadas com colegas, presenteando os policiais aposentados com estojos de canetas Parker, enciclopédias, sobre caça em Portugal, uma máquina de cortar relva, vários romances de Saramago<sup>43</sup>, carteira em pele, garrafas de porto e até uma coleção de cromos de Batman, num caso isolado. Ramos tinha uma certeza, ele gostava daquela vida de policial e não queria outra vida. Após a juventude, no interior de Portugal, e a guerra na África ele havia encontrado um trabalho que lhe dava prazer – não por causa dos homicídios, mas sim por poder desvendar as biografias dos indivíduos sem história que ele encontrava – e que economicamente lhe proporcionava uma vida de pequeno burguês fora do ambiente profissional.

---

<sup>43</sup> Durante o romance são demonstrados parte dos cânones literários do protagonista Ramos e do narrador principal do romance.

O narrador utiliza a estratégia de câmera, elaborando uma imagem da vida dos personagens principais e descrevendo o entorno deles para demonstrar a importância simbólica dos objetos arrolados no escritório de Ramos. A voz imputa significação para o pôster de Cubillas, os gabinetes ocupados ou aos presentes de aposentadoria citados: canetas *Parker*; enciclopédias; romance de Saramago; carteiras; vinhos; charutos; *playboys*; placas comemorativas e coleção de cromos de *Batman*, no sentido de denotarem o longo período no qual Ramos esteve naquela delegacia. Assim, explica como ocorreu a transformação do soldado defensor de ideias comunistas num inspetor, autoproclamado, anacrônico devido à defesa insistente da luta de classes enquanto fator explicativo da sociedade.

Jaime Ramos voltou-se e enfrentou a parede nua ao seu lado, como se fosse a mesma onde Teófilo Cubillas havia sorrido muitos anos, e se não era nessa parede seria noutra, no seu antigo gabinete, mas ele lá estaria. Teófilo Cubillas, como uma memória dos anos que não regressam e das vezes em que mudou de gabinete em que subiu na hierarquia. O pôster foi perdendo as cores, era agora uma mancha de azul branca e cinza colada à parede. (VIEGAS, 2007, p 18).

Logo, existe uma diferença entre o pôster de Cubillas e os objetos encontrados junto de Álvaro. Os itens descobertos próximos do corpo da vítima servem como vestígios, iniciais, para construir uma narrativa acerca do crime e do indivíduo assassinado, os objetos pertencentes ao gabinete do inspetor são relíquias do passado que abastecem uma narrativa autobiográfica do protagonista, lembrando que o narrador cede sua função para que as personagens também possam agir como voz narrativa.

Concomitantemente, são intercalados diálogos que não só corroboram as reflexões do narrador, como também inserem a dinâmica de comportamento entre os investigadores. Nas suas conversas podemos ler a metodologia utilizada nas investigações dos crimes e seus respectivos olhares sobre a realidade. No campo profissional, Ramos procura contar ou construir histórias, por isso salienta as biografias de Salim, Álvaro, Rita, Lurdes, Portocarrero, Teresa, Raul, Gabriel, Marta, José, Fátima, Shirley<sup>44</sup> e os testemunhos de

---

<sup>44</sup> Viegas reutiliza os personagens em outros romances – *Crime em Ponta Delgada* (1989), *Morte no estádio* (1991), *As duas águas do mar* (1992), *Um céu demasiado azul* (1995), *Um crime na exposição* (2001), *Longe de Manaus* (2005) e *O mar em Casablanca* (2009). A interpretação diz respeito a *Longe de*

Ramiro, Pedro Luiz e Raul a partir do processo de coletar vestígios e interpretá-los até ser possível enunciar explicações para os crimes. Seu método é similar ao de um biógrafo, contudo diferencia-se por ser “amaldiçoado”, segundo a fala de Ramos, já que estaria condenado a elaborar biografias de mortos sem importância, de forma repetitiva, conforme diz no primeiro capítulo do romance: são *relatórios meteorológicos* que nunca serão lidos, a metáfora dos relatos remete para as biografias que ele constrói e que mais ninguém possui interesse e *silêncio de mar* representando os portugueses que viajaram para África ou Brasil e não retornaram. Em sua vida privada prevalece a relação amorosa com Rosa. Nesses momentos o policial se afasta do cotidiano de violência e vive no contexto de um pequeno-burguês.

A voz narrativa amplia a construção de cada personagem, porque elenca os vestígios do passado expostos em relíquias no gabinete de Ramos, ou nas memórias dele e de Isaltino. Por exemplo, a ênfase no pôster do jogador de futebol Teófilo Cubillas tem a função de introduzir para o leitor os problemas de um policial que, no final da carreira, repercute suas decisões desde a guerra, quando elenca as diversas alterações hierárquicas na polícia e os arrependimentos expostos em suas memórias.

Então, cabe a dúvida a propósito de quais mecanismos são utilizados no esforço de coletar dados relacionados aos crimes, e que tipo de preocupações delimitam as escolhas vinculadas aos atos de lembrar e esquecer determinado vestígio? Em termos metodológicos assemelha-se às etapas da produção historiográfica, mediada por dois fatores: a luta de classes em posição prioritária e a solidão portuguesa. No interior de uma conjuntura dividida entre os mundos: branco europeu e, multicultural, no Brasil e África. Ao final, além da

---

Manaus. Particularmente sobre Ramos, pois ele sofre modificações nos outros livros exacerbando seus conflitos de meia idade em combate com o sedentarismo, doenças cardíacas.

Importante considerar que dependendo da vontade do autor e de editoras a série de livros das investigações de Jaime Ramos pode ter sequência. Para uma leitora global das obras. Ver a dissertação de mestrado *Negra Melancolia* (Moreira, 2011) elaborada no PPGL da UFRGS:

... Viegas terminou elegendo Jaime Ramos como figura central, diminuindo o papel de Felipe Castanheira e destacando outros personagens secundários como os investigadores Isaltino de Jesus e José Corsário, assistentes de Ramos e fundamentais para as tramas mais recentes... (MOREIRA, 2011, p102 – lembrar de ver texto e página em versão publicada na UFRGS)

revisitação dos anos 1970, denúncia na contemporaneidade o tráfico de mulheres, pessoas abandonadas, assassinatos que nunca serão solucionados em Porto e assassinatos sem punição em Manaus, refletindo sobre a violência e a aceitação dela, ou seja, em que medida nós ressaltamos o horror da guerra, mas aceitamos conviver com assassinatos, recorrentes, de pessoas marginalizadas?

O primeiro mecanismo é exposto por Ramos para caracterizar cada uma das personagens. Para ele o critério fundamental é a luta de classes, ele sempre diferencia a vítima, testemunha ou suspeito, pela classificação de pobres ou ricos. Os motivos dos crimes que ele investiga originam-se, em grande parte, da diferença social. O interesse do inspetor é pelas pessoas pobres que são esquecidas pela sociedade. No final do romance diz que as relações econômicas, os pagamentos que Álvaro recebia de Portocarrero, são a peça fundamental para reconstruir a história do assassinato pelo questionamento: Por que um homem rico paga, grandes quantidades de dinheiro, para um homem pobre? Com o decurso da narrativa descobre que o pagamento é referente ao ocultamento da paternidade de Salim que é filho de Portocarrero, mas registrado por Álvaro.

Outro critério é declarado na epígrafe do romance que se auto intitula como “*O romance da solidão portuguesa*” (VIEGAS, 2011). A expressão é traduzida pela saudade e sofrimento do imigrante lusitano que permaneceu longe de casa ou daquele que retornou, mas não consegue se readaptar, com personagens portuguesas que se perderam na África e no Brasil. Serão catalogados pela voz de Ramos na categoria chamada de Nave de loucos: “*peças normais, com vidas solitárias*” (VIEGAS, 2007, p 439). O narrador relaciona com a história da literatura portuguesa e com o passado de conquistas ultramarinas e as migrações do século XX<sup>45</sup>. Na contracapa, dessa edição do romance de Viegas, além do subtítulo também encontramos<sup>46</sup> na

---

<sup>45</sup> Nós podemos lembrar que desde o trovadorismo é possível encontrar textos enfocando as fronteiras com os mundos árabes e as viagens de conquista da América, África e Ásia. Como diz Spina ao analisar a inquietação existente nas cantigas trovadorescas e na poesia lírica – palaciana – por causa do lusitano que partia para a guerra contra os mouros ou para o mar como em *Cantiga sua partindo-se* de João Ruiz de Castelo Branco. Também na prosa quando são narrados em *Lenda de Gaia* os confrontos em época de invasão árabe e reconquista da península ibérica.

<sup>46</sup> Na perspectiva do romance policial é interessante notar outra enunciação exposta na epígrafe:



epígrafe uma frase de James Murphy: “*Um português pode fretar um navio para o Brasil com menos dificuldade de que lhe é preciso para ir de cavalo de Lisboa ao Porto*” (MURPHY, apud, Viegas, 2007, p 6). A citação inicia a diferenciação realizada entre os portugueses que emigraram para o Brasil e os que foram para as ex-colônias africanas. Migração preocupa, em *Longe de Manaus*, à medida que é aproximada dos termos fugir, desaparecer, esquecimento, pois Salim, Álvaro, Tereza, Mara (brasileira) e Gabriel são personagens esquecidos, não apenas devido ao critério de classe social, mas também à distância entre o novo “quadrilátero”<sup>47</sup> das experiências vividas e a terra natal.

Os emigrantes e exilados portugueses possuem como destino à África e o Brasil<sup>48</sup>. Portanto, remete para aqueles sujeitos que vieram viver no Brasil no último século – fugindo da guerra, em busca de melhor situação econômica em tempos de crises na Europa, vide 1928 e 2008 – os africanistas cujo objetivo era enriquecer nas colônias africanas e retornar para casa; os soldados nos conflitos militares e os exilados devido à repressão da ditadura; além do fluxo de pessoas do interior do país para os grandes centros urbanos. A omissão da América do Norte e da Europa como destino dos emigrantes significa, na nossa leitura, uma escolha de focar os contatos culturais, econômicos e militares com os países do sul, em detrimento das fronteiras com países do norte.

Esses fluxos migratórios afetam a maneira pela qual são representados os conflitos de Portugal. Não se trata somente de uma nação pobre e secundária no globo, também é um lugar de onde os cidadãos desejam fugir em busca de melhores alternativas. Por outro lado, os indivíduos que permaneceram encontram no dia-a-dia imigrantes do sul, também, em busca de melhores condições de vida. Então migrar possui significados diferentes em cada contexto. Nos anos de ditadura reflete a repressão, durante a existência da colônia o sonho de se tornar rico, e na década de 2000 a permanência devido à esperança de desenvolvimento por causa da União Europeia.

---

“*Um romance policial, como se sabe, tem as suas regras. Este não tem.*” (VIEGAS, 2007, p 5)

<sup>47</sup> Noção de Ricouer em *A memória, a história, o esquecimento*.

<sup>48</sup> Olhando os índices de imigrações veremos um grande número para a América do Norte também.

Destino miserável dos portugueses que não regressam a casa, a nenhuma casa, a nenhuma aldeia perdida nas montanhas, a nenhuma cidade onde se sintam bem. Veneno mortal, este. (VIEGAS, 2007, p 323)

A voz do narrador procura relaciona as perspectivas das personagens Ramos e Isaltino revisitando a ideia de um destino comum a todos portugueses. Logo, ir embora é uma sina que se mantem desde as navegações até a atualidade. No entanto, quando Ramos compara o sofrimento lusitano com o contexto de Manaus ele começa a rever sua forma de pensar o lugar de Portugal no mundo capitalista:

Jaime Ramos queria acender um charuto, mas antes esconde o que pôde entre a roupa, entre as calças e a camisa, nos bolsos, na carteira: fotografias, papeis soltos. Só depois saiu da sala, atravessou o corredor e encarou a luz de manhã. Osmar estava sentado exactamente no mesmo lugar, encostado a uma das colunas da escadaria – e olhou para o português sorrindo. Mas não era um sorriso feliz. Era um sorriso cheio de ironias. Percebes, português, que os portugueses são iguais em todos os lugares, iguais na morte e iguais no desaparecimento? Jaime Ramos sorriu também. Percebo, brasileiro, que o brasileiros olham o desaparecimento como um alívio e nunca como uma tragédia. (VIEGAS, 2007, 324)

O discurso narrativo contrapõe, na passagem citada, acima, a noção de destino compartilhado. Em lado oposto, ao de Ramos e Isaltino, encontramos a personagem Osmar que questiona a fala sobre a solidão portuguesa, a partir da pergunta: Qual fator diferenciaria a solidão de um português e de um amazonense? Em seu argumento nenhum, porque somos todos iguais. A resposta de Ramos se baseia na sua tese sobre os solitários dos dois lados da fronteira, ele demonstra como para um brasileiro existe outra conotação o desaparecimento de uma pessoa. Enfim, Ramos também relativiza a ideia de destino compartilhado, principalmente, depois de conhecer Manaus e se deparar com os assassinatos das prostitutas ribeirinhas.

Isaltino reflete sobre esses portugueses que saem de seus lares. Sua tese consiste na argumentação da timidez, de viver na própria casa, já que escolheram viver no exterior. Relativiza os mitos sobre o heroísmo de cruzar a fronteiras e a imagem de aventureiros. Compara-os aos imigrantes da África ou América Latina que abandonam seus países em busca de melhores condições de vida. Do mesmo modo que Osmar, pergunta ao leitor qual a diferença das migrações dos povos sul para os lusitanos? Além de diferenciar dois tipos de

portugueses: os que emigraram para fora do país e aqueles que escolheram permanecer, argumentação exposta na passagem:

Sabe, inspector, no meio de nossas vidas aparecem portugueses assim, vindos do nada, sem casa, sem eira nem beira, sem família, espalhados por todo o lado. Encontram-se portugueses por todo o lado e diz-se que isso acontece porque somos ousados, aventureiros, mas, eu acho que não é bem assim. É por timidez. Timidez de viver na nossa própria terra, na nossa própria casa. Então, partimos pelo mundo fora. Quando chega a hora de voltar, não queremos voltar, temos vergonha de encarar a gente que ficou, este mundo pequenino. Ficamos a olhar para o Catumbela durante dias e dias. Eu fiquei. Ainda estou lá, se calhar ainda estou lá e não saio tão cedo daquele miradouro. Ou a ver o mais na baía Azul, a ver a foz do Quicombo, a apanhar sol no morro do Sombreiro. Não sei. (VIEGAS, 2007, p 391, 392).

Portanto, Isaltino pertence ao grupo de pessoas chamadas por ele de “gente que ficou”. Nessa lógica, não importa se Portugal é grande ou pequeno, interessa sua atitude de permanecer frisada nas frases “*Eu fiquei. Ainda estou lá, se calhar ainda estou lá e não saio tão cedo*”. No seu olhar a concepção de destino compartilhado não pode ser aplicada, uma vez que depende da vontade individual para ocorrer.

Algumas das personagens (Ramos, José, Fátima, Shirley, Teresa, Álvaro, Diniz e Raul) estão longe de suas terras natais. Aqueles que possuem vozes narrativas alternam os conflitos entre pertencer ao novo lugar e a recusa de ser assimilado. Portanto, o discurso narrativo solicita que o leitor reflita acerca da ideia de solidão portuguesa<sup>49</sup>. Quando comparamos as vozes do narrador e dos personagens é plausível ler uma relativização dessa solidão. De um lado revisita, e dota de importância, um aspecto da história literária de Portugal vinculado a viagens ultramarinas, de outro pergunta se a identidade, atrelada ao sentimento de solidão, é por excelência um aspecto português. No retorno de Manaus Ramos responde:

Vê tu o que temos: pessoas solitárias. Julgamos que não existem. Julgamos que não existiam. Elas vêm ter conosco. Vivem sozinhas ou não. Vivem numa casa que ninguém conhece e um dia aparecem mortas. Vivem com uma família perfeita e um dia o passado aparece para devorá-las e pedir satisfação. Uma desgraça nunca vem só, Isaltino. Aqui ou no Brasil, aqui ou em qualquer outro lado.

---

<sup>49</sup> “A saudade nos livros de Viegas parece se configurar como o elemento que faz dos romances policiais verdadeiras crônicas do espírito português” (MOREIRA, 2011, p 147).

As pessoas falam sobre solidão mas julgam que é um problema delas. Apenas delas. Os escritores inventam uma história e acham que a literatura é obra de solidão. E o músicos, os cineastas, os detectives privados que investigam adultérios nos subúrbios, os industriais de cerâmica, os contabilistas. Mas não é verdade. Aqui ou em qualquer outro lugar. Também sou gente solitária. Gente assim. (VIEGAS, 2007, p 445)

Essa fala deve-se às experiências que o personagem teve em Manaus. Lá todas as certezas sobre violência, crime e moralidade foram questionadas. Se nos bairros pobres de Portugal encontrava assassinatos de vítimas esquecidas pela sociedade; mulheres vítimas de exploração sexual e na África existe o terror da morte constante, no Amazonas ele enfrenta um contexto que acentua sua certeza na luta de classes como fator explicativo, mas obriga-o a comparar e descobrir que apesar dos problemas cotidianos ainda está “*tudo está muito longe de Manaus, que, como sabe é o centro do Mundo*” (VIEGAS, 2007, p 449).

Na narrativa são atualizados os mitos portugueses. Num ponto questiona a imagem da solidão vinculada à identidade lusitana, noutro relembra o papel de Portugal na história das colônias. O enredo de *Longe de Manaus* comporta um africanista que elabora uma complexa rede de complôs para se vingar de Portocarrero. Ao fim, os crimes que motivam o romance foram cometidos por portugueses em outros territórios, logo, é plausível lhes considerar como metaforicamente representações dos crimes cometidos contra as colônias, uma vez que Portugal foi agente do colonialismo, ainda que não desconstrua, por completo, o mito do português colonizador. O crime foi a condição periférica de Portugal e a incapacidade de gerir um império.

Após ter percorrido de forma geral à narrativa vamos detalhar as características das personagens e vozes narrativas que agem no romance. Em nosso ponto de vista existe um protagonista, Ramos, que investiga, com ajuda de Isaltino, a morte de Álvaro ao mesmo tempo em que reconstrói o passado de Portugal.

Na vida íntima com Rosa – professora – Ramos se considera um pequeno-burguês preocupado com culinária, literatura, cinema, livros e charutos. Como o próprio personagem diz são momentos de uma reconfortante

paz burguesa, proporcionada pelos prazeres físicos com Rosa ou gastronômicos, literários...

Durante aqueles instantes Jaime Ramos sentia uma paz reconfortante, burguesa, afectuosa, pacificada pela comida e pelos aromas que vinham da cozinha do restaurante, pelos dedos de uma mulher que procurava os seus, e por aquele fumo maduro a perfeito, amarelado, que constatava com o sabor amargo e belicoso dos seus charutos comuns, de capa negra, cinquenta de oito euros a caixa e vinte e cinco robustos Estrela<sup>50</sup>. (VIEGAS, 2007, p 45)

A citação apresenta hábitos que possibilitam a fuga dos assassinatos e das memórias da guerra. Aqui, não existem imigrantes perseguidos e mortos por europeus, corpos esquecidos, em algum apartamento de bairro pobre, ou memórias deixadas nas ruas de terra de Angola<sup>51</sup>. Há apenas os pequenos prazeres dos quais Ramos não abre mão. Ele confessa que no passado não buscava essa vida, porém, na contemporaneidade, não consegue se enxergar de outra forma, seja no mundo policial ou no mundo íntimo com Rosa. Existe um conflito entre as ideias defendidas pela personagem, e a sua situação econômica e afetiva, que lhe prendiam a um cotidiano de busca pelo passado dos esquecidos no trabalho e pelos prazeres existentes na classe média portuguesa contemporânea.

Os momentos de prazeres são intercalados por lembranças da guerra e da violência. Como no nono capítulo quando no meio de uma conversa com Rosa, Ramos encara seu próprio corpo no espelho marcado por cicatrizes e tatuagens da época que viveu na Guiné. Concomitantemente, ele vê outras marcas que retomam o aspecto melancólico, atrelado ao envelhecimento da personagem, causando a dúvida sobre qual cicatriz possui maior peso, aquela do ferimento ou as manchas vermelha na pele que estão presentes há algum tempo e não possuem explicação? Podemos compreender que para o policial são conflitos distanciados, o trabalho de inspetor de policia, encarregado dos assassinatos, lhe conferiu uma preocupação com o passado das vítimas, suspeitos e testemunhas, no caso da morte de Álvaro suas lembranças da guerra foram adicionadas ao que foi relatado durante o romance, de modo a

---

<sup>50</sup> Charuto fabricado a mão nos Açores.

<sup>51</sup> Ruas de terras é uma referencia feita no romance para os bairros pobres de Luanda nos quais os portugueses aventuravam-se, sexualmente, longe dos olhos da metrópole e seus julgamentos.

forçar a reflexão sobre o período, a vida íntima e os problemas de saúde são uma dinâmica que existe em toda a série de romance de Viegas nos quais a personagem Ramos está presente, como afirma Moreira em sua dissertação de Mestrado.

Para contrapor o presente com o passado de Ramos vamos investigar quais lembranças a personagem manteve sobre a África da década de 1970, dentro da sua autobiografia<sup>52</sup>. No início utiliza as relíquias, mencionadas pelo narrador, em seu gabinete, a fim de lembrar-se do passado; depois atrela suas experiências na África aos rastros de Álvaro, visto que ambos serviram ao mesmo tempo no exército imperial Português. A fala de Ramos é constituída, preponderantemente, pelas experiências vividas com Portocarrero no período em que serviram ao exército imperial português, nas guerras de independências das colônias, particularmente os combates em Guiné Bissau. As personagens contrapõem o passado com a desilusão do período pós-colonial numa reflexão a respeito da possibilidade que a autonomia política traz consigo de desenvolvimento<sup>53</sup>, uma vez que a pobreza, as mortes e a fome continuaram, na Guiné, cidade destruída pela guerra civil: “*mais casas caídas que nunca mais vão reconstruir-se*” (VIEGAS, 2007, p 58). Noutro polo, o discurso de Portocarrero diferencia os portugueses dos africanos segundo critérios de centro e periferia: “... *Cada macaco em seu galho, se me permite dizer. Desde que não sejam um daqueles que víamos na Guiné, inspetor Ramos, que fugiam pelo capim dentro*” (VIEGAS, 2007, p 58)

As recordações de ambos são assombradas pela possibilidade da morte prematura, simbolizada na imagem de um tiro fatal inesperado. Tal possibilidade tornava a bebida válvula de escape e legitimava o desinteresse pelo futuro em longo prazo, já que poderiam ser baleados a qualquer momento. Nas lembranças das duas personagens preponderam condições precárias de vida, como a passagem a seguir demonstra:

Jaime Ramos aproximou-se, o meu capitão está mal? Estou bêbado, meu alferes. Bêbados todos ficamos, mais tarde ou mais cedo, uma Cuca<sup>54</sup>, a mais, e é

---

<sup>52</sup> Autobiografia do personagem.

<sup>53</sup> Não aprofundo os diferentes tipos de desenvolvimento.

<sup>54</sup> Nome pelo qual é chamada a bebida cerveja.

assim, meu capitão. Bêbado, meu alferes. E bêbado por quê, meu capitão? Porque, meu alferes, estou a beber-lhe desde há três dias. Fez bem, capitão, fez bem, beba-lhe antes que um tiro lhe desfaça os cornos, murmurou Jaime Ramos, voltando-lhe as costas. (VIEGAS, 2007, p 77)

Noutro diálogo, é descrito o contexto do *front*. O narrador utiliza-se da metáfora do “*vento do sul*” para construir uma imagem que contrastasse à propaganda militar, sobre o orgulho e dignidade da missão dos lusitanos em terras africanas, com a morte recorrente de soldados portugueses. Nesse sentido, *vento do sul* representa o fluxo constante de soldados mortos transportados de volta para casa, o narrador utiliza a imagem simbólica de helicópteros e caminhões com cadáveres, a fim de demonstrar a barbárie e precariedade na qual se acumulam mortos e feridos em ritmo maior que a capacidade de enterrá-los.

– Vem aí vento do sul, meu alferes, cheio de chuva e de mortos.

– Os mortos estão enterrados, meu capitão.

– Não estão, alferes Ramos, não estão. Ninguém enterra estes rapazes todos. O caminhão vinha com dois, um sobre o outro, saltando os solavancos, da estrada, no meio das Panhards<sup>55</sup> que deixavam no capim, fechados em sacos plásticos, e vinha um Unimog atrás com mais quatro, tirando os cinco feridos evacuados por helicóptero para Bissau. Vem aí o vento do sul, meu alferes.

– Mesmo que venha, capitão, mesmo que venha. A esta hora já estão enterrados, já passou uma semana. (VIEGAS, 2007, p 78).

Por essas falas, Ramos e Portocarrero se tornam a antítese do soldado disciplinado às ordens do poder colonial, exemplificado pelo tipo ideal de um Ranger<sup>56</sup>: O soldado português, segundo a propaganda da ditadura salazarista, deveria ser obediente, e resistente à fome, à sede e ao cansaço. Sempre pronto para enfrentar à morte, “... *porque a sua razão o impõe e a sua preparação o permite*” (VIEGAS, 2007, p 77). Possui a confiança dos chefes e o respeito dos subordinados – sendo amado – generoso na vitória e paciente na adversidade. Regula seus procedimentos segundo a honra e o dever; orgulha-se da dignidade da missão com entusiasmo, abnegação e lealdade. Mas, acima de tudo, sua principal virtude é o patriotismo. Enquanto que fora da

---

<sup>55</sup> Veículo de combate de produção francesa. Com o tempo, o exército português constatou sua precariedade nos terrenos africanos.

<sup>56</sup> Tropa de operações especiais.

propaganda do governo todos os soldados, independentemente de estarem bêbados ou de prontidão para a batalha, deparavam-se com a morte simbolizada no “vento do sul” que trazia, segundo a fala da personagem, chuvas e mortos. Assim, seja qual for o soldado – aquele atrelado ao governo ou aquele que procurava estratégias de fuga da barbárie – todos eles sofriam com a possibilidade iminente de morrer.

Paradoxalmente, o horror da guerra foi minimizado – para Ramos – na própria ação bélica, pois, no capítulo vigésimo quarto, a cegueira e a perda de audição, ocasionadas pelas explosões, salvam-no de uma realidade insuportável. O narrador elabora um cenário no qual a personagem se encontra cega, surda e recebendo pancadas na cabeça em meio a morteiros, metralhadoras, granadas, homens caídos e helicópteros:

... O filme decorria à frente, dois soldados recolhiam as armas e munições abandonadas pela guerrilha – mas era um filme sem som, a sépia, uma nuvem atravessava-lhe à frente, também não via bem. Cegueira e surdez, pancadas na cabeça. Levou a mão direita ao bolso, procurando cigarros mergulhados na terra que tinha entrado em toda a roupa.

Agradecia aquela surdez que o impedia de escutar as ordens, os gemidos, os risos, o ruído dos helicópteros, os motores dos carros atolados nas bermas, e mesmo aquela nuvem nos olhos, aquela neblina, não deixou perceber quem era arrumando nas macas que entravam nos helicópteros... (VIEGAS, 2007, p 141).

O narrador que no momento fazia papel de câmera (re)utiliza os recursos da cegueira e surdez imputando à personagem a função de voz contrária aos jogos de guerra. Ramos questiona suas ações na África, se elas foram válidas e importantes. Com o questionamento sobre qual tipo de soldado Portugal precisava: Alguém com as reflexões de Ramos ou um ranger aparelhado pelo governo salazarista? Suas respostas são construídas tendo em mente o contexto lusitano, visto que lhe interessa debater quais motivos levavam um país pobre como Portugal a manter gastos noutros continentes, portanto, não discute o mérito da ação colonial, mas sim a capacidade de manter a estrutura funcionando sem prejudicar a metrópole. A fala do narrador corrobora essa crítica, porque ele escolhe dar voz para portugueses que foram lutar na África ou que viviam lá, em nenhum momento o africano possui voz para denunciar a violência colonial. A violência em *Longe de Manaus* está



atrelada à guerra na África, ao mundo urbano de Porto e a pobreza de Manaus, a violência imperial de Portugal foi questionada de modo secundário, tratando apenas o legado deixado pela metrópole na colônia, através da voz de Portocarrero que informa a manutenção de precárias condições de vida nesses países africanos.

De tal modo que quando chega a Lisboa, Ramos fica perplexo com a recepção que lhe espera. Ele foi recebido como herói em seu país com medalhas de honra do governo ditatorial português. No seu íntimo a personagem coteja as medalhas recebidas com a condição semiperiférica do país, particularmente, ele lembra a época juvenil quando vivia no interior de Portugal e assistia mortes recorrentes na sua família por causa do frio. Logo seu pensamento é estruturado numa pergunta: Se ainda havia alto grau de pobreza por que estavam gastando recursos em guerras?

Recorda aquele mar de gente que entoa seu nome num enorme coro representando sua mãe morta, as suas tias desaparecidas noutro combate, o da família contra o inverno permanente da aldeia de Trás-os-Montes, e o tio arrastando o reumatismo... (VIEGAS, 2007, p 142).

A partir da reflexão, Ramos recusa os prêmios recebidos do Estado com os termos “um saco de medalhas”. Já que, ao invés de exaltar seus feitos militares, denotam a indignação do protagonista quando percebe que retorna para o mesmo país envolvido com repressão e pobreza do qual havia partido, como podemos ler na citação abaixo:

E é uma multidão que diz seu nome enquanto vai descendo as escadas do paquete *Vera Cruz*, ou será do *Infante Dom Henrique?*, Milhares de vozes dizendo seu nome como de um herói que transporta um saco de medalhas por feitos cometidos em combates, defrontando exércitos invisíveis, mosquitos carregados de malária, rasgando nuvens de poeira na estrada de Bafáta<sup>57</sup> para Bambadinca, atravessando o rio Colufi como uma jangada passando rente aos campos de arroz, mancarra, de cajueiros, de mangueiras e de pássaros que vivem de restos de peixes, de manchas de cereais despejados dos solos de Camamudo, do Biombo, ou nas bolainas abandonadas do Peciixe. Faz bem, capitão, faz bem, beba-lhe antes que um tiro lhe corte o caminho (VIEGAS, 2007, p 142, 143).

Nela foi utilizada a imagem de um soldado que venceu um inimigo que não tinha condições tecnológicas de se opor, ele não é um herói mítico como

---

<sup>57</sup> São cidades do interior da Guiné Bissau.

poderiam ser os antigos navegantes que no passado conquistaram a África, Ásia e Brasil. O real inimigo das tropas era a natureza com as matas e, fundamentalmente, os mosquitos da malária que assombravam a todos, segundo o narrador. Ramos não consegue se colocar na posição de herói nacional pelos seus atos no exterior.

Outra faceta importante da personagem Ramos é a sua atuação como biógrafo de *gente sem história*. Ele enxerga no seu trabalho, além da função de descobrir os autores dos assassinatos, também o papel de reconstruir o passado daquelas vítimas esquecidas nos bairros pobres da cidade que haviam perdido o seus respectivos passados:

– Eu sou um biógrafo meticuloso, Dr. Portocarrero. Avise-me sobre Salim Furtado, quando souber contacto dele.  
Eu sou um biógrafo amaldiçoado, também – mas isso esqueceu-se de dizer, e não vinha a propósito. Um biógrafo de gente sem história, ele acrescentaria, mas isso poderia querer dizer que Jaime Ramos, tinha alguma pena de si, não tinha nada, não tinha pena. O mundo era como era, cheio de coisas que detestava e de coisas que aconteciam sem que pudesse contrariá-las. Um biógrafo meticuloso aprende isso como o tempo. Portugal feito em merda e eu preocupado com uma biografia que ninguém encomendou. (VEIGAS, 2007, p 146)

Além de seu olhar crítico sobre a sociedade, Ramos possui, no campo criminal, uma visão delimitada pelas metodologias investigativas dos romances policiais<sup>58</sup> e do método historiográfico. Conforme Moreira afirma, a narrativa no romance utiliza e refigura estratégias utilizadas na literatura policial, nós consideramos que esse viés é aproximado com método historiográfico de escrita. Diferente de uma narrativa na qual o foco seja a descoberta e captura do assassino, em *Longe de Manaus* a investigação sobre o passado esquecido ganha importância através da fala do protagonista que se institui como biógrafo dos esquecidos.

Ramos confecciona essas biografias, durante seu trabalho, na busca dos vestígios daqueles assassinatos e vítimas que lhe são incumbidos. O espaço dessas histórias são os bairros pobres da cidade do Porto que denotam o caráter periférico da economia portuguesa. A personagem compara os crimes

---

<sup>58</sup> Se o gênero policial foi ou não questionado no romance não faz parte dessa leitura.

investigados chamando-os de “crimes pequenos” frente aos filmes <sup>59</sup> estadunidenses. Trata-se do questionamento de uma visão idealizada, para abordar a violência causada pelas diferenças sociais como motivo fundamental no passado e no presente.

A luta de classes adquire critério chave para Ramos. Quando questiona suas testemunhas e analisa os documentos escritos ou vestígios materiais, ele interpreta-os tendo em vista a luta de classe no seu horizonte teórico. Por isso, seus crimes são pequenos em comparação ao cinema, porque no seu caso não há motivações exteriores aos problemas sociais oriundos do capitalismo. Podemos compreender que o protagonista elabora as palavras para criar uma ironia ao considerar como grandes os crimes motivados por agentes comuns dos filmes policiais estadunidenses, e pequenos aqueles motivados por problemas econômicos da comunidade.

No oitavo capítulo, o policial explica que seu método é baseado na ação de invadir a “liberdade dos cidadãos”, aludindo às coisas banais que guardam e não podem ser catalogadas em documentos oficiais, nelas descobre diferentes pistas dos hábitos de cada pessoa pelos cheiros de sexo, suor, mau cheiro (...) cabelos e manchas. A roupa arrumada ou desarrumada; objetos deixados ao lado da cama: copos, livros ou controle remoto. Diz que existem todos os tipos de corpos: “*o corpo dos solitários e das solitárias, há quem leve comida de noite para a cama, há quem fale ao telefone deitado na cama. E há quem use soutiens para aumentar o volume dos seios...*” (VIEGAS, 2007, p 36,37). Quando chega numa cena de crime, Ramos nota, particularmente, a desordem das casas, os livros e discos fora de lugar chamam sua atenção, trazendo sua

---

<sup>59</sup> Sua fala compara os assassinos portugueses com os filmes dos EUA e narra ao leitor a globalização, dentro de um país semiperiférico. Citando o crescimento das lojas de celulares: Assassinos medíocres que armazenam impressões digitais ou matam nos descampados, escadas escuras onde toda a agente se esconde, parques de estacionamento abertos até à meia-noite, estações ferroviárias que cheiram a mijo, cervejarias que vendem caracóis e servem amêndoas, peixarias de peixe congelado, lojas de (telemóveis, há demasiadas lojas de telemóveis em todas as praças, ruas, becos, centros comerciais, shoppings de bairros, travessas, largos aberto ao sol, incêndio nas florestas, eucaliptos no quintal, tijolos de obras inacabadas, couves galegas plantadas ao longo das estradas, jardins fechados às cinco da tarde, chafarizes que não funcionam, carros que transportam famílias ao domingo, funcionários de administração pública que vestem fato de treino, amarenistas de pneus recauchutados, vendedoras de tupperwares, sim, nem todos podem trabalhar em agências de viagem ou ser investigadores de biologia, nem todos podem ser jogadores de futebol ou presidentes de câmara, licenciados em teologia ou filosofia, porteiros de discotecas de verão, proprietários de cortiça no Alentejo, donos de empresas de jardinagem. Felizmente que existe a liberdade dos cidadãos. (VIEGAS, 2007, p 41).

faceta ranzinza. Ao mesmo tempo em que as cozinhas e os lixos colaboram na determinação da categoria social do investigado. Em consequência, a expressão liberdade dos cidadãos significa, não só, a ampla repressão dos anos 1960/70, mas também, a persistência de medidas autoritárias por parte do governo, ainda na atualidade, vide o exílio de Tereza que será explicado no decorrer da dissertação.

Seu modo de narrar o passado depende, em certa medida, do componente corpóreo. Em primeiro lugar, porque a investigação dos crimes começa com um corpo abandonado que fornece os vestígios iniciais para começar a reconstrução de sua história. Destarte, é imprescindível conseguir coletar o máximo de vestígios possíveis em volta do corpo, cuja morte será investigada. No caso de Álvaro, Ramos coleta cada pista que pudesse lhe indicar algum caminho investigativo, ele analisa o apartamento, os objetos deixados e o corpo do morto. Em conjunto com a vida de Álvaro, o policial narra as suas próprias memórias e nesse caso o corpo possui importância da mesma forma. Cada cicatriz – que mencionamos acima – é um rastro para a elaboração de uma autobiografia do protagonista.

Jaime Ramos olhou para o que restava do seu próprio corpo, aquilo que a toalha não conseguia tapar. Os pelos nas pernas, uma pequena tatuagem no braço esquerdo (estivera na Guiné, sim), duas cicatrizes no abdômen e uma na coxa esquerda (uma luta com faquistas<sup>60</sup>), uma pequena mancha vermelha no antebraço que lhe aparecera havia dias e que não tinha explicação, uma unha negra nos dedos do pé direito, o dedo indicador ligeiramente amarelado (o tabaco). (VIEGAS, 2007, p 48).

Seu corpo é uma espécie de vestígio sobre sua história de vida. Ele permite lembrar dos conflitos na África e não esquecer que está ficando velho. Situação que é o maior temor de Ramos, tanto em *Longe de Manaus*, como nos outros romances de Viegas. Ele teme a morte banal, provocada por doença.

---

<sup>60</sup> Aquele que luta com faca. Importante notar como o termo é ligado na história de Portugal à criminalidade e a indivíduos marginalizados no século XIX. Uma das fontes de Maria Garnel é o livro *Uma noite de rusga* (1906) – Albino Forjaz de Sampaio. Ele é chamado para discernir quem era a população marginalizada ou criminalizada. Saliento que termo faquistas aparece citado em conjunto com vagabundo, falso mendigo, mendigo verdadeiro. Referindo-se a pobres e a criminosos.

Comparando-o com Portocarrero, podemos delimitar os papéis de cada um. No diálogo – presente no sexagésimo quinto capítulo do romance – o advogado representa quem deseja esconder o passado colonial, ditatorial e Ramos a culpa e a vontade de reescrevê-lo. De tal modo que o policial classifica a si mesmo como um ser anacrônico, pois está interessado em pesquisar o passado de pessoas marginalizadas e porque considera a luta de classe um critério analítico válido para compreender a vida social e econômica na atualidade.

As biografias construídas por Ramos questionam a história oficial em suas elaborações heroicas e de orgulho nacional. Não existe nelas louvor ao heroísmo do lusitano, nas aventuras ultramarinas, e ao estado neoliberal pertencente à União Europeia, e sim críticas sobre o passado e o presente. Elas são fruto da constituição simbólica da personagem que representa a crise do marxismo no final do século XX. Como falamos acima, ele surge na figura de um desajustado por causa de sua ‘insistência’ em ver as causas dos crimes, invariavelmente, na luta de classes e na desigualdade econômica. Noutro aspecto, está correlacionado aos sentimentos de decepção<sup>61</sup> com o passado. Ele se difere dos argumentos, por exemplo, presente nos textos de Edgar Morin, *A decadência do futuro e a construção do presente* (1993). O narrador inicia com uma crítica baseada nos desapontamentos com a União Soviética e reflete sobre a natureza determinista do marxismo, enquanto corrente teórica e analítica, de privilegiar as forças materiais de produção que inviabilizariam compreender o presente. Para Morin, na contemporaneidade, análises puramente estruturais da economia não teriam condições de contemplar o horizonte cultural. Avalia que os fundamentos do pensamento não são mais válidos, apesar de ressaltar algumas ideias de Marx, pois “são e permaneceram fecundas” (MORIN, 1993, p 23). É possível ver o texto de Morin inserido no repensar das práticas revolucionárias desde a atuação da URSS e do marxismo dogmático, dentro da argumentação baseada na relativização das relações de produção, como fator explicativo da vida social.

---

<sup>61</sup> Ou melancolia como chama Carlos Moreira

Dessa forma a suposta vinculação de Ramos ao marxismo e o seu autointitulado anacronismo são construídos para rebater o contexto neoliberal no qual a personagem vive. Para ele, não há dúvida sobre a serventia dos textos de Marx nos anos 2000, a luta de classes segue como critério predominante para compreender a sociedade na qual vive. Através das revisitações da África colonial o inspetor avalia seu país quando denuncia ou critica os governos contemporâneos, na condição de um indivíduo anacrônico, frente aos discursos otimistas da época, quando o país ingressava na União Europeia. Logo ele é a voz contrária não apenas em relação ao otimismo oriundo da aproximação com as potências europeias, como pela sua insistência em diferenciar as vítimas, testemunhas e assassinos investigados, por duas categorias gerais: ricos ou pobres. Na visão do protagonista, independente de gênero, cor e nacionalidade, os crimes possuem uma raiz comum que é a concentração de renda.

A desilusão da personagem não se refere aos conceitos e métodos marxistas, mas sim ao custo humano que os conflitos do século XX geraram. Na visão de Ramos, é melhor *uma vida banal permeada de objetos banais* do que conviver com a morte decorrente da guerra ou da revolução. Sua posição resulta, em grande parte, dos conflitos na colônia que lhe retiram a vontade de lutar, em nível nacional tal pessimismo provém das promessas não cumpridas pela Revolução dos Cravos:

Os ricos comem e não engordam, também é verdade. Às vezes estão enfasiados, que é outra forma de desumanidade, debicam. Quando eu era novo, o meu grupo de amigos mal comia – havia garrafas de vinho regional, Super Bocks abertas, comida do dia anterior, a revolução toda para fazer. Nós os pequeno-burgueses, estragámos tudo. No meu caso, vim da guerra em 1972 disposto a não morrer mais, já tinha morrido bastante, e não havia banho de água a ferver que tirasse o cheiro da terra alaranjada de Gabu ou de Bafáta, o cheiro da pólvora, o cheiro da creolina a desinfectar corredores de hospitais, eu não queria morrer mais. Morre-se muito, hoje em dia, e por motivos cada vez mais comuns, e por isso, quando me falaram em morrer pela revolução, achei que as coisas tinham ido longe demais, comecei a cozinhar todos os dias, glória dos pequeno-burgueses. (VIEGAS, 2007, p 38).

Na passagem, a personagem estipula qual é a sua posição social atual e como ela lhe causa um pessimismo crônico, conforme já havíamos anunciado

anteriormente. Aqueles prazeres pequeno-burgueses indispensáveis para fugir do cotidiano de violência fazem o protagonista questionar sua vida em contraposição aos seus pressupostos políticos e renegar qualquer tipo de esperança no futuro. Todavia, sua conclusão diz que apesar de haver plausibilidade no socialismo, ele não possui mais vontade de lutar por mudanças, deseja seguir sua vida de biógrafo dos esquecidos no trabalho e de pequeno burguês na vida íntima.

As caracterizações do protagonista como militar, policial, pequeno burguês e ser anacrônico têm origem noutra faceta dele: de ser um exilado. Ele seria outro daqueles *Ulisses portugueses* mencionados por Lourenço?

De forma geral a *Odisseia* (2004) é dividida em dois momentos: quando Ulisses é mantido longe de casa por Poseidon e quando retorna com ajuda de Atena. Nas duas partes a viagem se traduz num fardo, imposto por um poder superior, ao personagem principal que necessita conviver com os sentimentos de saudade e esperança em relação à distância e retorno para o lar. Na narrativa, *Longe de Manaus*, o inspetor se assemelha a Ulisses no que tange a suas viagens, pois elas são indesejadas e impossíveis<sup>62</sup> de serem contornadas. Diferencia-se pela motivação, já que a causa do exílio no texto grego era ação de uma força superior, enquanto que no romance deriva da obsessão de Ramos em desvendar os vestígios das vítimas, no esforço de construir uma história para pessoas esquecidas. A necessidade de viajar conflita com a vontade de usufruir de algumas comodidades da vida junto de Rosa, conforme explicita Moreira (2011) quando afirma que ele é o contrário da imagem do português errante, porque vive bem em seu próprio espaço, transformado num burguês sem culpa.

Especificadamente, ocorrem três movimentos geográficos durante o romance. No primeiro Ramos acompanha o exército imperial português na África, durante a década de 1970, e nos anos 2000, persegue os rastros de Álvaro nas cidades de São Paulo e Manaus<sup>63</sup>. Sendo que o exílio ocorre, apenas dentro de Portugal, pela mudança de Trás-os-Montes para Porto.

---

<sup>62</sup> Seja em *Longe de Manaus* ou nos outros romances de Viegas nos quais o personagem reaparece,

<sup>63</sup> Nos outros romances de Viegas ele viaja para Espanha, Cuba e Lisboa.

Assim, o problema acerca das excursões em outros países se aproximam com a dúvida se a vivência de Ramos na cidade do Porto pode ser comparada com a vida de um exilado? Nossa resposta repercute a passagem na qual o inspetor visita à vila da família de Rosa e descreve uma região abandonada pelo Estado Português. Quanto mais se aproxima de Vila Flor o passado de pobreza em Trás-os-Montes é lembrado, sua voz confronta os dois lugares, encontrando similaridades no que tange as condições de vida, o narrador focaliza a prevalência da pobreza no interior do país. Distinguem-se pelo frio, que em conjunto com a precariedade econômica, causou mortes repetitivas na família do inspetor.

LEMBRO-ME DOS NEGRILHOS ALTISSIMOS, DE INVERNO<sup>64</sup>, Encostados aos muros (e das árvores suas contrárias: as cerejeiras e as amoreiras, que eram o esplendor do verão), escuro, nas estradas ao redor da aldeia, por exemplo, sobretudo na que seguia para o alto da serra. Vejo também Vila Flor, pensou Jaime Ramos, Rosa adormecida ao lado, dormindo desde que atravessamos o rio Sabor na direcção de Foz Côa. Não é um terra de negrilhos, acrescentou ele, é já quente, mas aquele vale sempre fora espantoso, uma espécie de terra sem vida e sem explicação, cheio de amendoeiras, eucaliptos e giestas, oliveiras, albufeiras isoladas, presas à colinas. (VIEGAS, 2007, p 131).

Conforme a passagem citada, a descrição do ambiente comporta pequenas construções aleatórias, e abandonadas, no percurso da estrada. Surgem no trajeto pontes e aquedutos de rios – “invisíveis” – que tinham secado ou haviam sido desviados. Além, de descrever a região pelas aparições e bruxarias consideradas histórias de infância.

Nesse período, o leitor compreende que o foco se afastou da cidade do Porto. O imaginário é alterado, a fim de dotar de voz o interior do país. Ao mesmo tempo critica a infraestrutura e repercute as tradições orais que mantêm vivas figuras alegóricas como fantasmas ou bruxas, vale lembrar que a bruxaria também foi um trauma oriundo da idade média, devido à ação da inquisição, conforme lembra Lourenço, acerca das relações entre Portugal e a Igreja Católica.

A despeito do esquecimento, o lugar agradava Ramos. Não importava que houvesse uma espécie de deserto, com aldeias engolidas, povoados de

---

<sup>64</sup> Letras maiúsculas estão presentes no romance.



imigrantes da França, Luxemburgo e Alemanha. Ainda que houvesse precariedade ele gostava, porque ali não havia negrilhos, não havia o frio, o qual lhe atormentava quando era criança, como um fantasma, que a qualquer momento poderia matar outro familiar.

Logo, o caminho percorrido na estada até Vila Flor e as memórias de Trás-os-montes denotam a distância entre a vida numa cidade grande e no interior. Representada pelas ruínas, encontradas na estrada, as quais significam o abandono estatal enunciado na fala de Ramos. Igualmente demonstram a dicotomia entre centro e periferia, com a inserção de cemitérios ao longo do caminho, a partir de duas modalidades: aqueles cemitérios antigos e esquecidos em algum bairro das cidades e aqueles construídos fora das vilas.

A utilização dos cemitérios serve para reforçar a diferença da cidade de Porto para as vilas. Num país em que o passado faz parte do simbolismo mítico a morte é paradoxal. Ela pode ser louvada, como nos marinheiros que conquistaram o império, ou motivo de conflitos, no caso dos assassinatos cometidos pela ditadura.

Desse modo, a saída de Trás-os-Montes para a África e, subsequentemente, para Porto significa a fuga da morte pelo frio e pobreza. Ir lutar na guerra permitia fugir da repressão ditatorial e morar numa cidade grande. Permitiu ao personagem uma gama maior de oportunidades negadas na sua terra natal. Por conseguinte, da mesma forma que esses espaços foram esquecidos, as pessoas que morreram por causa da falta de infraestrutura também foram perdidas, a não ser pelas memórias de Ramos.

Preteritamente às outras facetas, o personagem é construído por meio da estrutura de um exilado que precisou, por motivos econômicos, sair de sua vila. Os traumas existentes nos emigrantes que foram para o exterior estão presentes em Ramos, porém, noutras escalas de importância.

Isaltino foi uma personagem masculina que citamos anteriormente. Ele atua na narrativa como subordinado de Ramos na polícia. Temos poucas informações sobre a história dele, porém, sabemos que possui uma função

essencial na confecção das biografias dos esquecidos. Ele é encarregado de pesquisar e catalogar todos os vestígios possíveis de serem encontrados de cada vítima, e testemunha, a fim de entregá-los ao inspetor.

Noutra perspectiva, o chefe representa a geração que foi para África lutar na guerra e o subordinado representa a geração posterior às guerras coloniais. Isaltino ficou em Portugal, não participou das batalhas. Por causa disso, suas memórias não fazem parte da reconstrução do passado lusitano.

Embora exista a diferença entre o passado de cada personagem, ambos são caracterizados pelo narrador a partir do universo que os cerca na atualidade e pelos seus papéis dentro da polícia. Desde o terceiro e o quarto capítulo do romance, é enfatizado o componente urbano composto pelo tráfego de automóveis e problemas econômicos vivenciados na década de 2000 – contrapostos à entrada na União Europeia – e seus conflitos internos decorrentes das relações de trabalho e recordações da época imperial. Enquanto que, no sexagésimo segundo capítulo do romance, o leitor é provocado com a proposição de Isaltino: se é possível comparar ele e Ramos com Dom Quixote e Sancho Pança? Ramos responde que não, contudo, no decorrer do romance, a ideia de um ser anacrônico em relação ao mundo se torna uma constante. Desse modo, o convite para explorar a referida comparação leva-nos para a segunda dúvida: se nossa sociedade ainda pode ser explicada por pressupostos marxistas?

– Chefe, Se o chefe fosse o Dom Quixote, eu tinha hipótese de ser o Sancho Pança, não?

– Terias garantido o papel, Isaltino. Mas eu nunca seria o Quixote. Não tenho a altura requerida, sou demasiado baixo, um pouco gordo para o papel, não tenho leituras, doem-me as costas, deve ser reumatismo. E, enfim, ainda não tenho tempo jeito. Ben Gazzara<sup>65</sup>, talvez... (VIEGAS, 2007, p 387)

Então, é explorado na narrativa tanto o *modus operandi* das respectivas funções de Ramos e Isaltino, como suas maneiras de observar e atuar – ou não – no contexto que os cerca. Consequentemente, a provocação representa

---

<sup>65</sup> Ator estadunidense com carreira marcada pela recusa de participação em filmes. Normalmente é lembrada sua entrevista ao programa de televisão de Charlie Rose no EUA em 1998 quando fala das recusas. "I won't tell you the pictures I turned down because you'll say, 'You are a fool,' and I was a fool..." Retirado do site <http://www.charlierose.com/view/interview/4934> dia 4 de janeiro de 2012 às 15 horas.

uma leitura da contemporaneidade ancorada em dois pressupostos. O primeiro, diz respeito ao olhar marxista sobre as relações de classes – “A luta de classes me preocupa”<sup>66</sup> e o segundo, faz referência à crise do socialismo, enquanto alternativa viável ao capitalismo: “... *eu sei coisa de geração, coisa fora de moda...*” (VIEGAS, 2007, p 452). De modo que compreende o mundo pelos lugares de cada sujeito, portanto seu método de investigação depende do esforço de relacionar os indivíduos envolvidos com as respectivas classes, para, no final da investigação, poder identificá-los em duas categorias gerais: ricos ou pobres, a despeito de num nível subsidiário utilizar a categoria “nave de loucos”.

Enfim ele é um Dom Quixote? A voz de Ramos diz não pretender ser e de fato não se constitui como tal. A referência ao texto de Cervantes, em um ponto, repete uma estratégia narrativa, utilizada ao longo do romance, de citar obras literárias ou cinematográficas, a fim de provocar o leitor<sup>67</sup>. Em outro ponto, enfoca o pessimismo de Ramos em relação às promessas da Revolução dos Cravos com intuito de gerar uma pergunta: O marxismo tal qual o mundo da cavalaria para Quixote é “coisa” do passado? A resposta está atrelada a função de biógrafo subversivo dos sujeitos esquecidos, porque enquanto houver a distinção entre ricos e pobres, que produz o cotidiano de Ramos, as abordagens marxistas serão fecundas.

A personagem Rosa é apresentada no romance através da voz do narrador quando diz:

Foi a primeira vez, em muitos anos, que Rosa abriu a porta do seu apartamento sem esperar que ele respondesse lá de dentro. Geralmente, quando descia as escadas do prédio, batia à porta e não tocava a campainha. Jaime Ramos respondia com um berro:

– Entra. (VIEGAS, 2007, p 43)

Conforme a passagem demonstra, quando o foco narrativo se volta para o relacionamento das duas personagens citadas, o tema do universo policial é modificado para abranger a vida íntima do casal. A relação dos dois permite a

---

<sup>66</sup> Voz de Ramos.

<sup>67</sup> A comparação simples que os dois são personagens esféricos e que Isaltino, tal qual Sancho Pança, é plano, está inscrita na provocação ao leitor.

fuga do policial do cotidiano de assassinatos para o que ele chama de momentos de prazeres de um pequeno- burguês. Na medida em que são narradas as experiências do casal, podemos encontrar outro Ramos preocupado com culinária, charutos, livros e discos. As pequenas incursões nesse universo descrevem a vida privada do protagonista e as maneiras como ele compreende o mundo a sua volta, sempre com a característica de pessimismo. Diferente das outras personagens femininas que falaremos na sequência, Rosa possui apenas a função de ser mulher de Ramos, não interessam suas características individuais. O narrador contrapõe duas construções da figura do feminino, de um lado ele elabora Lurdes, Rita, Fátima e Daniela as quais negociam em níveis e perspectivas diferentes com o mundo masculino e de outro Rosa com o papel de distrair o policial das lembranças da violência urbana.

No quinto e sexto capítulos, a dupla de policiais encontra o corpo de Álvaro morto em seu apartamento. Tal qual uma câmera, o apartamento é narrado com duas ênfases, em determinados momentos a descrição é simples de um apartamento vazio com poucos móveis e objetos que pudessem ser arrolados, noutro, os vestígios que relacionam o morto com o exterior recebem atenção especial.

Ramos enuncia uma afirmação sobre Álvaro – em discurso direto – que será repercutida durante a narrativa nos diferentes vestígios encontrados: “*Este homem não é deste mundo, Isaltino*” (VIEGAS, 2007, p 26). Sua fala repercute a vida do morto, não a sua morte, porque pelos vestígios encontrados no apartamento ele descobriu evidências para agrupá-lo com outros mortos que normalmente se depara durante o trabalho policial:

“Suicidas, vítimas de homicídios, corpos abandonados numa rua da cidade ou recolhidos da chuva em apartamentos Santo Ovídio, tudo entrava em seu catálogo de ocorrências, homens, mulheres, velhos e novos ou sobretudo ricos e pobres.” (Viegas, 2007, p 27)

A classificação acima, na qual Álvaro foi catalogado, será retomada no final do romance em articulação com outra chamada de *nave de louco* que congrega pessoas normais com vidas solitárias. Na introdução prevalece o critério da luta de classes e da reconstrução de biografias esquecidas, com o

objetivo de investigar os passados desses indivíduos esquecidos e marginalizados pela sociedade. No capítulo vinte e cinco, Ramos explica como constrói a noção base para identificar o mundo de Álvaro, em seu ponto de vista existe certo tipo de indivíduo que pode ser caracterizado como pessoa sem importância e sem história. Aqueles que foram perdidos, por causa de seu lugar social, no capitalismo ou emigraram para África/Brasil e não retornaram.

Álvaro surge como um mistério, de um lado ele se encaixa na definição de pessoas sem importância, tratando-se da sua origem, contudo, o passado revelado, pelos primeiros vestígios, denota um homem que viajou, pertencendo prioritariamente ao continente africano com passagens pelo Brasil e Uruguai. Seu corpo foi encontrado num apartamento no bairro de Santo Ovídeo na cidade do Porto. Ele permanecerá sem voz, seus vestígios surgem na medida em que se torna a obsessão momentânea para o inspetor, da mesma forma como foram outros casos de *“suicidas, vítimas de homicídio, corpos abandonados numa rua da cidade ou recolhidos da chuva e apartamentos de Santo Ovídio”* classificados segundo o gênero, idade ou *“sobretudo ricos ou pobres”* (VIEGAS, 2007, p 27).

A única coisa que Jaime Ramos, de olhos fechados, tinha ainda rondado, essa galeria de retratos que teimavam em flutuar nas suas recordações eram gravuras penduradas na parede, uma espécie de arco-íris sem sentido, um fogo-de-artifício, que lhe lembrava África, fazendas, e extensões como as conhecia por descrições alheias, crepúsculos húmidos, ruídos que se suspeitavam ao longo de ravinas poeirentas. O seu conhecimento de África limitava-se à Guiné, ao solo alaranjado e vermelho de Bafatá (e de Gabu, e do Cachéu) e à linha de água do mar das ilhas, nos Bijagós. Mas aquele, cadáver pertencia a um homem de África rodeado de coisas prescindíveis. De coisas que nem existiam. Excepto aquela gravura junto da porta de entrada indicando que Álvaro Severiano Furtado sabia pronunciar a palavra Manaus... (VIEGAS, 2007, p 29,30).

Na passagem Ramos descobre qual será a época que ele vai retomar com a presente investigação. Ele e o morto foram soldados do exército português nas guerras de independência das colônias africanas, os vestígios arrolados no apartamento indicam que Álvaro participou por mais tempo e em mais lugares do que o inspetor. O Brasil será outro espaço percorrido, pois no apartamento também existem vestígios que apontam para Manaus.

Na visão de Isaltino esse morto diferencia-se, porque os rastros encontrados ao seu redor informam que a vítima é um sujeito com ligações em Portugal, África e Brasil, além disso, no seu passaporte estão viagens marcadas para distintos lugares. A personagem morta também possui uma alta quantia em dinheiro na conta bancária. Doravante, a investigação sofre uma profunda transformação devido ao paradoxo que guiará as considerações de Ramos: Por que um homem rico morreu num apartamento de pobre?

Interpretamos Álvaro como um indivíduo em constante movimento: “...dezesseis carimbos referentes a entradas no Brasil e dois vistos para Angola (...) há dois vistos para a Indonésia” (VIEGAS, 2007, p 33). A personagem não traduz o perfil do marginal, comumente encontrado pela polícia nos bairros pobres de Porto. Suas viagens causam dúvidas nos investigadores. De que forma compreender a vida desse morto que durante um tempo serviu ao exército colonial português e depois não retornou para a antiga vida no interior de Portugal?

A resposta começa pelo apartamento que, na visão de Isaltino, seria uma plataforma que interligava os variados destinos do morto. Examinando atentamente o passaporte, o investigador conjectura quais as significâncias de cada local, por exemplo, ele questiona os interesses de um português sozinho na Indonésia. Seriam mulheres, drogas ou foi apenas se divertir? Porém, por que ele foi, na mesma época, até o Timor Leste? E qual a explicação para a rápida passagem de dois dias no Uruguai?

Isaltino também levanta outro fato, a movimentação bancária de Álvaro. Suas contas bancárias, naquele momento, possuíam seis e doze mil euros, e no passado já tinham contido muito mais dinheiro. Assim sendo, possibilita levantar perguntas vinculadas a origem do morto que aparentemente era rico, contudo, morreu num apartamento de pobre.

Por outro caminho, Ramos investiga a vida anterior à guerra e torna possível ver Álvaro como vítima, e bode expiatório, de um homem rico,

Portocarrero, o qual esconde um filho, Salim, fruto da relação com Rita, imputando a filiação para Álvaro e Mara<sup>68</sup>:

Por isso, Salim Furtado não viajou para Lisboa, nem para o Porto, nem para Amarante. O nome de Salim foi lhe dado por Mara e por Álvaro Severiano Furtado, mas a mãe, de facto, era Rita Pereira Gomes. E o pai era Henrique Praia Portocarrero.” (VIEGAS, 2007, P 458).

Álvaro não tem voz na narrativa. A sua aparição é decorrente da busca pelos vestígios materiais existentes em documentos e nas memórias das diferentes testemunhas encontradas por Ramos que relataram aos policiais a história de quando se escondia do exército para não ir lutar na guerra. Ele permaneceu dois anos sem poder sair de casa assistindo ao casamento da noiva com outro, impotente pelo medo se ser preso.

Ele esteve dois anos ali escondido, sem sair nem para mijar pelo Natal. No forro, encostado às telhas, uma refeição por dia. Dois anos no telhado. Eu não era capaz, mas ele esteve ali dois anos. E sabe qual foi o dia mais fodido desses dois anos? Vá, diga, Faça lá idéia.  
... dali do telhado de casa, em frente da igreja, assistiu ao casamento... (VIEGAS, 2007, p 138).

Depois do casamento se apresentou ao exército e foi para a guerra, e não parou mais de viajar. Deixou de ser um exilado em casa para ser um viajante em outras partes do mundo, percorrendo a África e a América do Sul. Porém, essas experiências não são narradas a partir de alguns vestígios. Álvaro não possui voz na narrativa. Suas ações chegam aos policiais em documentos, memórias e, depois, por extratos bancários. Por eles é possível descobrir que vivia no Brasil e circulava pela Espanha com seiscentos mil euros. No final, foi mais um número entre as estatísticas de corpos esquecidos, sem memórias. Sua história ficou salvaguardada pela obsessão de Ramos em reconstituir seus percursos.

Das viagens descobre-se apenas o sofrimento. Depois de ser encontrado morto, e da compilação de alguns de seus dados, o inspetor afirma que ele não era desse mundo, vivido no dia-a-dia, de trabalho, trânsito e casa; o mundo esquecido em apartamentos e bairros de baixa renda. Havia sido esquecido pelo mundo desde o momento no qual se escondeu em casa, em

---

<sup>68</sup> Personagem que adotou a maternidade de Salim Furtado, filho de Álvaro.

Sambade<sup>69</sup>, e assistiu à noiva casar com outro, foi transformado em um dado, nos documentos do governo, e em fugazes recordações nas mentes de algumas testemunhas. Viajou pelo globo e não regressou até a sua morte. Conheceu a guerra, a violência e a morte de perto. Pedro Luiz diz que o morto não havia se habituado à vida civil nem a pequenez de Portugal: “*Não sei, mas não procure em Portugal, isto aqui era coisa pouca para um atirador como ele*” (VIEGAS, 2007, p161).

– Isso não sei se posso lhe dizer. Só posso falar dos boatos. Se estamos a falar do mesmo Álvaro Severiano Furtado, eu acho que ele nunca deixou o mundo das armas. Se está a pensar em bombas no verão quente, tire daí o sentido. Ele não queria voltar, aqui não havia futuro para um militar como ele. A falar a verdade, ele não era bem um militar, porque os militares dessa altura se meteram em comboiadas que só visto. Não. Ele era um soldado, Sr Ramos. E espero que tenha morrido como um soldado, sem pestanejar. Portanto, se quer a minha opinião, ele voltou para a África. Acho que foi aí que enriqueceu, ou que ganhou algum dinheiro.

– Disse que o viu há quinze anos.

– Mais ou menos há quinze anos. Tinha a mesma idade de quando o conheci no *Infante Dom Henrique*, o paquete. O mesmo aspecto. Mas um homem que anda em África não consegue esconder que anda em África. Sente-se. Cheira-se. Um homem que anda em África olha para isto tudo e acha uma miséria. Isto é pequeno, comparado com aquela distância entre uma cidade e outra, entre uma ponta e outra do mapa. Ele disse-me que tinha estado na África do Sul, mas de passagem, e que esteve em Zanzibar. Se calhar esteve nas Comores. A fazer o quê, não sei, não lhe posso dizer, mas talvez os senhores descubram, se tiverem falta disso ... (VIEGAS, 2007, p 160).

Foi recuperada a ideia da pequenez do país nesse fragmento. Segundo ele, qualquer lusitano que se aventura além da fronteira após retornar precisa enfrentar o dilema de o universo português ser menor em relação ao brasileiro, africano, asiático, europeu e norte-americano.

Existe uma questão que não é paradoxal no morto. Ele é igual aos outros portugueses solitários que vão para o exterior, na visão de Ramos. Ao sair do exílio em casa, sua primeira ação é se entregar ao exército e não retornar para Sambade. Depois da deserção entrou na galeria de loucos de Ramos, no grupo das pessoas solitárias com vidas desconhecidas. Foi exilado, rejeitado pela tropa e esquecido em Manaus, junto com o Salim.

---

<sup>69</sup> Uma freguesia de Portugal pertencente o concelho de Alfândega da Fé.



Não só Álvaro tem uma história de esquecimento entre as fronteiras de Portugal. A sua irmã foi exilada para a África pela participação num grupo político armado, nos anos 1980. Nos primeiros capítulos, do romance, ela é citada informando em quais processos havia sido acusada. Neles é explicado o motivo de ir viver na África com outro nome.

O leitor passa, a saber, que seu nome é Teresa Cremilde Furtado, nascida em 22 de setembro de 1957 presa em Lisboa em 12 de março de 1983. Procurada pela DCCB<sup>70</sup> por fazer parte FP-25<sup>71</sup>. Foi presa com explosivos em sua casa, sendo presa por oito meses em Caxias.

Ao lembrar-se da guerra, Ramos envolve, subliminarmente, a ditadura de Salazar em Portugal. Teresa enfoca esse período, e as aspirações comunistas, logo após a Revolução dos Cravos. Seu exílio demonstra a vitória de uma forma de governo conservador, alinhado a discursos que também faziam parte do regime ditatorial.

Qual a história dela na África? Seus vestígios são exíguos comparados com Álvaro. Sabe-se que morreu em 2002 com nome de Gloria no Lobito<sup>72</sup>. Remete para aqueles personagens que Moreira diz serem uma constante na série de romances de Viegas. É uma portuguesa que se perde na África, por causa do exílio obrigatório.

A personagem Portocarrero é a antítese de Ramos, no romance, quando abordamos o papel de cada personagem. O policial possui a função de investigar o passado e, a partir dos vestígios, reconstruí-lo, enquanto que Portocarrero têm o papel de um advogado que objetiva uma breve investigação sobre a morte de Álvaro, sem a profundidade desejada pelos policiais. No início existe a dúvida sobre qual a vinculação da personagem com o morto que no final do romance será esclarecida – o advogado era o pai de Salim, filho adotivo que havia sido registrado por Álvaro.

No tempo cronológico do romance, o policial e o advogado se conheceram na época da guerra, quando Ramos era um soldado comandado

---

<sup>70</sup> Direção geral de combate ao banditismo.

<sup>71</sup> Organização armada de esquerda que atuou de 1980 a 87.

<sup>72</sup> Cidade pertencente a Angola.

pelo oficial Portocarrero. Suas experiências delimitam, em parte, o foco narrativo sobre a guerra nas ex-colônias, com as duas personagens o narrador perpassa o horror das batalhas e a ameaça da morte, além da vida lusitana em Angola, cercada por descobertas sexuais. No tempo da leitura, o primeiro encontro deles aconteceu em decorrência da investigação, pois Portocarrero tinha a incumbência de realizar o inventário do morto. A partir desse ponto, começa um antagonismo no qual um investiga os vestígios e outro mantém uma posição de distanciamento, sem abordar todas as informações existentes. Inclusive, o inspetor conversa com Isaltino destacando a importância do encontro para a descoberta de novos vestígios:

- Estou bem Isaltino?
- Para o gênero está muito bem, chefe. Não se preocupe. O advogado é coisa séria? Pessoal?
- Não. O advogado é a coisa mais importante que já aconteceu dos últimos seis dias, agente Isaltino de Jesus, aliás inspetor Isaltino de Jesus. Até aqui tínhamos um corpo que ninguém queria. A partir de agora temos um corpo que levou um advogado famoso a telefonar-nos e a pedir para ser recebido, porque tinha um recado de Álvaro Severiano Furtado. Para nós. Um recado do morto, Isaltino. Não é todos os dias.
- Isso é verdade – murmurou o outro, sentando-se – Um recado de Furtado?
- Um recado de Furtado. Do homem sem nome. Sem nada. E deve estar a chegar. É um velho conhecido. (VIEGAS, 2007, p 57).

Nessa perspectiva, a atuação do advogado é dividida em duas ocasiões, segundo a voz de Ramos. Primeiramente ele se torna importante para a reconstrução da vida de Álvaro, uma vez que devolve para a investigação novas possibilidades além daquelas encontradas no apartamento, já que o inspetor diz que a mera presença dele é importante. Após o encontro, a personagem passará a ser um empecilho na descoberta de vestígios, uma vez que não demonstrava interesse no aprofundamento da biografia de Álvaro. Na nossa visão, ponderamos ser importante ressaltar que temos pouco acesso ao ponto de vista de Portocarrero, ele aparece apenas em conversas com o inspetor que em determinados momentos abordam a dificuldade de encontrar o filho de Álvaro e noutros falam sobre as lembranças da época que serviram juntos. O narrador não abre espaço para reflexões aprofundadas da personagem a respeito do morto, existem apenas as reflexões dos policiais que

desconfiam das intenções ocultas do advogado. O seu íntimo não é revelado, nem as suas relações com Álvaro ou Salim são objeto de atenção do narrador.

A fala do Advogado se torna mais importante na autobiografia de Ramos, em suas lembranças compartilhadas da África, do que sobre a vida de Álvaro e Salim, a propósito de quem ele pouco fala. Assim, analisamos o policial atrelado ao desejo de revisitar o passado colonial de Portocarrero com o objetivo de esconder sua vida íntima na África.

Na guerra, a caracterização da personagem divide-se em três vertentes. Numa ele foi caracterizado como o único oficial que não era comunista na tropa, por Ramiro. Na segunda, retoma a possibilidade de liberdade que a vivência na África proporcionava, na metrópole havia perseguição política, em Luanda havia liberdade, inclusive dentro do exército português. Podemos retomar o testemunho de Ramiro que imputa para Portocarrero a alcunha de oficial corno, pois a mulher traiu ele com outros oficiais e com soldados da tropa. A última vertente é pertinente ao casamento com Lurdes que ocorre pelo dinheiro e posição social que ela proporcionava ao advogado, sem os prejuízos decorrentes das traições de Rita.

Comparando as personagens masculinas principais que serviram no exército imperial português podemos dizer que as memórias de Isaltino inserem a geração posterior à guerra, que apesar de receber treinamento militar e conviver com as incertezas da Guerra Fria, não precisou entrar em combate. Logo, tornam possível para Ramos exercer, sobre seu subordinado, um diálogo de autoridade no qual aponta quais aspectos preservou de suas experiências na Guiné, através do som da metralhadora que é diferente para quem estava na guerra ou quem apenas treinou. Por isso, sente-se no direito de traçar uma linha entre as realidades, no sentido de ser impossível a um português que não estava nos conflitos alcançar o contexto das batalhas<sup>73</sup>.

– Uma pena, chefe. Mas já não tínhamos África nem haviam desertores. Alguns amigos de escola conseguiram passar à reserva antes de fazerem a recruta, eu não tive essa sorte, mas lá me safei. E aqui me tem, casado em Valongo, dois filhos, polícia. Dezoito quilômetros a pé à volta de Mafra, mochila às costas, sei desmontar uma G3 às escuras e guiar um Unimog.

---

<sup>73</sup> Cita Mafra. Localiza-se no Distrito de Lisboa.

– Já não há G3<sup>74</sup>, Isaltino.

– Já ouvi dizer. Ratatatata

–O ruído de uma G3 em Mafra não é o mesmo de uma G3 na Guiné. (VIEGAS, 2005, p 129).

A luta armada não deixa nenhuma das personagens que participam dos conflitos esquecerem os cheiros da terra, pólvora, metralhadora e tiros dispersos. Álvaro, por exemplo, também aprendeu na Guiné o cheiro do “*silêncio, fatal, das cobras escondidas (...) da chuva amarela, o das tempestades de areia vindas do Senegal*” (VIEGAS, 2007, p 140). Acima de tudo, conheceu a barbárie.

As memórias ultrapassam a luta armada quando os rebeldes deixam de ser inimigo para entrar em cena um ambiente agressivo aos olhos lusitanos. Que torna as lembranças da natureza da Guiné um trauma representado pelos mosquitos da malária que matavam mais soldados do que a própria guerra.

Ao comparar o passado com a atualidade o narrador informa ao leitor como as personagens Ramos e Portocarrero readaptaram-se a vida civil e a dificuldade de Álvaro de esquecer a morte, porque, após retorno, ele não conseguiu se inserir na vida civil. Ou como diz Pedro Luís<sup>75</sup>: ficou impregnado nele o “cheiro da pólvora” e no corpo a experiência do combate, conferindo-lhe um dedo treinado para o gatilho pelas mortes de angolanos. Situação corroborada pelo inspetor, no início do romance, na descrição do morto como: Um homem da África, nesse caso não se trata de um africanista, mas sim de um indivíduo que foi transformado pela barbárie.

A guerra também foi narrada através de personagens femininas. Uma delas é Lurdes que surge chegando de avião em Luanda, no décimo quinto capítulo do romance. Se na introdução o leitor é advertido que serão narradas as vidas privadas, sobre a personagem ocorre o inverso, visto que, o narrador menciona apenas o cotidiano controlado pela moral católica da burguesia branca silenciando sobre suas experiências fora desse contexto, inclusive adverte quem estiver lendo o romance sobre sua intenção: “*Não há indicações meteorológicas sobre esse dia...*” (VIEGAS, 2007, p 86). A narração de sua

---

<sup>74</sup> É um fuzil de assalto e espingarda automática.

<sup>75</sup> Testemunha que relata, para Ramos, suas lembranças sobre a atuação da Álvaro durante a guerra.

chegada esconde do leitor os detalhes da vida de Lurdes antes do casamento com Portocarrero trata de experiências sexuais dela no território angolano, por isso a caracterização de Lurdes sofre variações. Não é apenas a filha de família burguesa com crises de “amnésias repentinas”, pautadas pelos aspectos de descobertas sexuais e do contato com a população negra da cidade, ela reaparece como a segunda esposa de Portocarrero. A personagem optou por esconder quaisquer lembranças remanescentes da África, o narrador reutiliza as metáforas do relatório meteorológico e do silêncio de mar existentes na introdução do romance para caracterizar as escolhas de Lurdes.

A fala do narrador compreende três circunstâncias que envolvem a personagem. A primeira está relacionada à sua vida de solteira, na cidade de Luanda, dentro da burguesia colonial portuguesa. Nessa época, Lurdes possuía duas vidas separadas, numa era a menina rica, cercada por luxos e controle familiar, noutra a jovem que fugia desse ambiente para conhecer outras facetas de Luanda, particularmente a sexual. A fim de demonstrar a dicotomia entre os dois mundos, o narrador descreve o recurso de amnésias utilizado por Lurdes. Na casa da tia rica, era uma filha de *gente da indústria* com comportamentos previsíveis, e nos outros espaços sofria de amnésias que escondiam suas descobertas sexuais. Assim como o narrador não possui acesso a vida secreta de Álvaro, ele também não tem acesso ao que acontece durante as amnésias repentinas de Lurdes. Informa apenas as percepções da Tia e dos empregados conforme a passagem abaixo:

Lurdes Nogueira de Castro era filha de gente da indústria e tinha amnésias repentinas. Ficava muito parada, magra, hirta, passava uma mão pelo cabelo negro penteado em ondas, forte, e abria muito os olhos – durante cinco ou dez minutos olhava em frente como se não visse nada. A tia, que era a única mulher a usar Yves Saint-Laurent em Luanda, onde era proprietária de dois colégios e de um laboratório farmacêutico, esperava-a sentada no passeio diante de casa, debaixo de uma acácia que a protegia da luz dos candeeiros, com as mãos transformadas num novelo. D. Laura mandava que os dois empregados ficassem um em cada extremo da rua para avisarem no caso de Lurdinhas aparecer – magra, hirta, olhando em frente como se não se lembrasse de nada. E a verdade é que, durante esses minutos Lurdes Nogueira de Castro não se lembrava de nada. Limitava-se a ficar hirta. D. Laura esperava-a para lhe indicar o caminho de casa metendo-a no elevador, muito direita no seu tailleur Yev Saint-Laurent creme, rodeada de criados pretos e empurrando-a com palmadinhas instigando-lhe os cheiros, tentando encontrar

sinais de homem, a saia amarrotada, um botão solto. (VIEGAS, 2007, p 88, 89).

A personagem chamada apenas por tia permite abordar a situação dos africanistas que viviam nas colônias africanas trabalhando em diversos setores da economia. Constituíram-se na burguesia dessas regiões e, conforme Dioup afirma, utilizavam-se de mão de obra análoga à escravidão. Na citação, podemos interpretar o contexto multicultural da cidade de Luanda. Igualmente demonstra os preceitos de classe constatada diariamente por Lurdes. Quando a guerra acabou se tornou necessário escolher quais aspectos desses contatos podem ser recordados. No caso de Lurdes é o casamento com Portocarrero e o subsequente retorno para Portugal. Uma vez que, segundo a voz narrativa, o fim das amnésias relaciona-se com o retorno do casal para Portugal.

Ela recordara-se do voo do pequeno Cessna no céu azul de Luanda, subindo no céu azul de Luanda, subindo devagar, flutuando, descendo sobre o mar. Imagens tão banais, passados esses anos. Mas aquela era a primeira vez que um homem lhe emprestava asas daquele tamanho, Jaime Ramos compreendia. E ela apaixonara-se. Tinha amnésias repentinas. Ficava muito parada, magra, hirta, passava a mão pelo cabelo negro, penteando em ondas, forte, e abria muito os olhos, em frente. Ora via o Yve Saint-Laurent no meio dos pretinhos do mercado, das lojas, das ruas, como se fosse uma imagem arrancada de um filme. (VIEGAS, 2007, p 455).

Na citação, Lurdes representa, metonimicamente, o conflito colonial do mundo lusitano com o angolano. A condição física, mencionada pelo narrador, quando a caracteriza como magra e hirta, permite interpretar a debilidade do imperialismo português. A aparência física da personagem denota o caráter periférico em comparação ao caso anglo-saxônico, e as suas escolhas permitem refletir sobre os dilemas entre lembrar o que aconteceu com os portugueses na África ou esquecer. A perspectiva de Ramos sobre a personagem se afasta da fala do narrador. O policial utiliza a categoria “nave de louco” para compreender Lurdes. Ela seria como outros indivíduos que não conseguem se adaptar ao contexto em que vivem e passam a ser solitários. O inspetor encontrou-a com o rosto magro, coberta de joias, afastada do marido. Tal aspecto pode informar a solidão dos portugueses que retornam da África. Lurdes, na visão de Ramos, representa além do desejo de escamotear o passado, também o sofrimento dos imigrantes no exterior seja na vivência fora de casa ou na inadequação quando conseguem voltar para suas terras. Ela

traduz a inadequação do imigrante no retorno para o país de origem, no que tange a sua identidade:

Jaime Ramos tinha necessidade de incluir Lurdes Portocarrero na sua galeria de loucos. A nave dos loucos. Pessoas normais com vidas solitárias, Ramiro. Pessoas solitárias com vidas desconhecidas. Pessoas solitárias resistindo à violação de privacidade, ou entregando a vida de portas abertas, festiva incondicional. E ele vira-a: o rosto magro, as mãos cuidadas, o colar de pérolas, a blusa creme, o tailleur que devia imitar o mesmo tailleur da tia angolana. Os olhos que não perderam um gesto de Jaime Ramos, um gesto que fosse, pequeno, grande, insuspeito, suspeito, casual como levantar-se, despedir-se com um aceno de cabeça, muito ligeiro, depois de perguntar tudo o que tinha a perguntar. (VIEGAS, 2007, p 439, 440).

No sexagésimo capítulo, quando Ramos interroga a personagem, torna-se possível descobrir outra faceta de Lurdes. Aquelas amnésias repentinas, mencionadas pelo narrador, eram consequência das escassas possibilidades de negociar com o governo ditatorial ou com a família burguesa. Logo, as lembranças da época na África eram mantidas naqueles espaços privados de cada indivíduo. Consequentemente, as recordações se mantêm em confronto com as ações de esquecimentos, promovidas pelo Estado, numa alusão direta à opressão extensiva do regime Salazarista e a fala de Ramos no oitavo capítulo do romance.

O mesmo interrogatório de Ramos revela outra mulher, em comparação àquela descrita pelo narrador. O policial encontra uma mulher com total ciência do que ocorre ao seu redor sem nenhum tipo de menção para as amnésias. Há uma mudança de caracterização entre o décimo quinto capítulo e o sexagésimo, a única aresta mantida é a solidão. Aspecto que a própria personagem indica no diálogo com o inspetor:

– Eu sei que não quer dar-me o telemóvel do seu marido. Mas aconselho-a a telefonar-lhe. De uma maneira o de outra, vai ser acusado de triplo homicídio. Não sei se cometeu esses três crimes, mas a acusação pode ser feita com base nessa suspeita.

– Ele é o meu marido. Não vou acreditar em si.

– Eu sei. Fico a admirá-la ainda mais por isso.

– O senhor não me admirava antes de me conhecer.

– Claro que admirava – Jaime Ramos imaginava Lurdes Nogueira de Castro arrastando a sua malinha pela pista do aeroporto de Luanda. Ela era amnésica, Luanda, em 1973.

– Posso saber por quê?

–Ah, porque sei o suficiente de si.

– Não acho. Ouviu falar de mim, mas não me conhece.

–Fiz um desenho.

Outra personagem importante é Rita, a primeira esposa de Portocarrero. Ela vincula-se a “história da vida privada” dos lusitanos, através das observações de Ramiro quando narra à dinâmica do casal em práticas sadomasoquistas ou relações sexuais com outros soldados e oficiais do exército. Sua participação inclui experiências descritas e silenciadas na voz narradora, acerca de seus anos no Congo, sobressaindo o esquecimento e a falta de informações sobre o que ocorreu. O narrador focaliza as experiências da personagem em Angola no período em que foi casada com Portocarrero, antes ele informa que ela havia vivido no Congo, sem detalhar quais são as memórias da personagem. Apesar dela e de Lurdes serem filhas da burguesia, se diferenciam pelo título de africanista do pai de Rita. Assim, suas memórias atravessam outros espaços a medida que a África era um local hostil para Lurdes, e familiar para outra.

Rita representa o presente da África, após o colonialismo português. Segundo a voz de seu pai – Raul Gomes – a filha nunca se recuperou do casamento com Portocarrero, pois ele se separou para casar com uma mulher rica europeia –Lurdes – abandonando a primeira esposa. Simbolicamente remete para a reflexão de Raul, ao contrariar todos os outros personagens, de chamar os lusitanos de *filhos da puta* que enriqueceram e depois abandonaram as colônias, numa âncora direta com os processos de assimilação pela União Europeia e subsequente fechamento das fronteiras para os imigrantes do sul. De modo que, para Rita, seu pai, no passado, era o africanista que enriqueceu devido ao controle colonial e no presente, é a consciência crítica das mazelas causadas pela dominação colonial portuguesa.

Raul tem a função de lembrar a violência que o ato imperialista carrega, independentemente da condição semiperiférica da metrópole. Suas características são o oposto dos portugueses que buscam a África e o Brasil para desaparecerem e das perspectivas que enxergam riqueza nas trocas culturais. Ele é um africanista. Seu objetivo era voltar rico para seu país, isso



não se configura numa fuga ou num exílio. A emigração é temporária até que possa retornar como detentor de poder em sua comunidade.

– Ramos, inspector Ramos. Limitei-me a enriquecer. Limitei-me a ser um filho da puta, nem melhor nem pior do que os outros. Dei emprego a muita gente, percorri muitas daquelas estradas, fiz contratos miseráveis e outros bons, mas não fiz o que era necessário para viver da única maneira que podia. Fui um filho da puta. Mais nada. Desde o século XVI, salvo erro, que somos filhos da puta, juntamente com os ingleses, os holandeses, os espanhóis, os franceses. A principio fomos uns filhos da puta com mania de grandezas. Depois, fomos só filhos da puta. Normal. Soldados bêbados, comerciantes no mato. Sobretudo soldados desleixados, como me disseram, na altura da retirada. Nessa altura eu estava no Porto, vivi no Porto uns anos, três anos, antes de me enfiar aqui, no meio da serra. Não tenho saudade da terra que não era minha. Enriquei. Ganhei dinheiro. Vim embora. Coisas normais. Nunca me interessou discutir a vida dos pretos nem sequer a dos brancos. Os brancos, então, interessavam-me ainda menos, inspector. (VIEGAS, 2007, p 421).

Notemos o discurso que busca num mesmo fragmento articular os julgamentos do passado colonial. O mérito, se o colonialismo era uma ação moral ou não, não é discutido por ele nem por Ramos. Interessa apenas a precariedade das colônias portuguesas frente aos territórios controlados pelos vivinhos europeus. Visão compartilhada por Santos e Lourenço quando dizem que a condição periférica foi repassada para a África e o Brasil.

A relação entre Portocarrero, Álvaro e suas mulheres é atrelada aos silêncios mantidos por cada personagem. Com Álvaro existe o silêncio de uma paternidade escondida da sociedade burguesa lusitana, com Rita, o primeiro casamento, no qual o advogado recebeu a alcunha de capitão pela tropa, e Lurdes com quem Portocarrero se casou por causa da herança. Nos três casos, a perspectiva do narrador é construída através da noção de que os encontros entre essas personagens, em Angola, ficaram esquecidos entre recordações de famílias desfeitas, adultérios, traições, aventuras e tentações, até que a investigação sobre morte de Álvaro retomasse o passado de todas elas.

Enquanto isso os silêncios pertinentes a Portocarrero são mediados pelas suas múltiplas facetas. Pode ser o advogado famoso – rico – o superior de Ramos na Guiné, o marido traído pela esposa, o aproveitador que se casa

por dinheiro. No entanto, durante sua época na África prevalece a caracterização do capitão traído em conjunto com sua atuação política em grupos de direita ao ser classificado como o único do regimento que não era comunista. Logo, se compararmos as funções do inspetor e de Portocarrero, o primeiro terá a incumbência de quebrar o silêncio, ou seja, de efetivar a metáfora do relato meteorológico e descobrir os atos escondidos de cada testemunha arrolada. E o segundo o desejo, de manter o passado esquecido.

Importante lembrar que Portocarrero, Rita e Lurdes são caracterizadas a partir do testemunho de Ramiro, e a atuação de Álvaro, pelos relatos de Pedro. Ramiro age como um narrador que conta as particularidades da vida do advogado em Luanda nos anos 1970. Pedro narra, de forma breve, no vigésimo sétimo capítulo, alguns vestígios que se lembrava da época em que serviu junto com Álvaro no exército. A vida de ambas as personagens não são objetos de preocupação do narrador ou de Ramos, importa somente os testemunhos que eles podem oferecer.

Desse modo, essas personagens representam o passado, delimitado pela memória, e perspectivas do presente, mediado pelo conflito, entre lembrar a época colonial para o bem ou para o mal ou desconsiderá-la. Entretanto, quaisquer vestígios descobertos nos testemunhos necessitam ser interpretados por Ramos de acordo com os conectores historiográfico, visto a diversidade de perspectivas de cada testemunha que ele encontrou no romance.

Na introdução do romance, Ramos diz que sua obsessão são as vítimas marginalizadas, encontradas em bairros pobres da cidade do Porto. Questiona-se quem são essas personagens, como são descritas e como se expressam? Interpretamos que se referem às personagens que imigraram de regiões subdesenvolvidas – leste europeu, África e Brasil – para Portugal em busca de melhores condições de vida. No caso de *Longe de Manaus*, diz respeito a um policial, José Corsário das Neves, filho de Cabo-verdianos, Fátima uma imigrante de Cabo-Verde e Shyrley uma brasileira, ambas prostitutas.

Tal qual Álvaro, Shyrley surge assassinada no romance. Sua presença faz lembrar as relações econômicas existentes na fronteira de Portugal com suas ex-colônias e os grupos mafiosos que exploram os imigrantes. Além do

preconceito existente contra indivíduos oriundos do sul, seja na dificuldade de serem aceitos oficialmente no Estado ou nas relações sociais. O narrador utiliza a personagem para explorar o tráfico de mulheres para a Europa, e para mostrar algumas das estratégias utilizadas pelas máfias para escamotearem suas ações.

A personagem sofre pela condição de prostituta traficada do Brasil para Portugal. Foi retirada dela qualquer liberdade, já que ao mesmo tempo em que é mantida em condição escrava pela máfia, também não encontra nenhum tipo de auxílio nos sistemas judiciais e policiais portugueses. Sua história é reconstruída pelos vestígios que Isaltino consegue catalogar e pelo testemunho de Fátima, relatando o cotidiano de medo com o qual elas convivem.

O assassino é um português sem nome que vê na chegada dos imigrantes uma explicação plausível para os problemas econômicos enfrentados no seu dia-a-dia. Segundo ele, os males oriundos das políticas neoliberais e de novas práticas culturais têm origem não nas escolhas dos governantes, mas sim na atuação dos imigrantes. Para ele, a criação de diversas casas de prostituição, e a violência urbana, foram causadas pelos imigrantes de países pobres.

Analisando o assassinato, do ponto de vista simbólico, se trata do desejo de construir um muro entre Portugal e as antigas colônias, por isso Shirley foi morta num gesto simbólico de segregação. O assassino desconsidera a herança de arbitrariedade da ditadura Salazarista e as consequências dos governos neoliberais posteriores à Revolução dos Cravos, logo imputa todos os males de sua sociedade para aqueles indivíduos que vieram de fora. Ele lembra-se do lugar aonde existe o bordel atualmente com uma visão nostálgica, quando era comum sexo no interior dos carros, vidros embaçados, fumo de cigarros em janelas entreabertas. Uma época em que a cidade tinha uma hora para dormir e a estrada, com pouco tráfego, assistia as luzes de São Lourenço. Hoje, na visão da personagem, tudo mudou, visto que nasceu “uma grande indústria”: a exploração de mulheres imigrantes de países pobres, os bairros da periferia em meio a descampados, encostas de serras e vivendas foram transformados em pistas de dança.

... mulheres de todo o lado. Ucrânia, Brasil, República Dominicana, Haiti, Rússia, e mesmo Galiza, da Venezuela, de todos os lugares onde houvesse uma saída – mas depois a beira das ruas principais, onde a noite caía para abrir as portas dos bares. A sua cidade transformara-se. Já não era a cidade da sua infância, da sua adolescência, vigiada e conhecida, catalogada, reunida em cafés, praças, jardins, pátios onde se jogava futebol, escadas no bairro velho transformadas em arquibancadas para fumar haxixe. Que se foda. Que se fodesse a cidade e a história da cidade. Desligou as luzes, rodou a chave da ignição, abriu a porta, saiu. (VIEGAS, 2007, p 153)

Nas páginas seguintes são fornecidas algumas informações: Dizem que ele possuía treinamento militar e estava acostumado a matar durante a guerra colonial ou como agente de repressão que explicam o cuidado com o qual manuseou o corpo<sup>76</sup>. Difere-se do tipo encontrado pela polícia. De um lado remete para o grande contingente de soldados formados no período de Salazar para lutar na África ou reprimir em Portugal e por outro faz referência para uma cultura globalizada acostumada com filmes policiais estadunidenses, onde os homicídios precisam ser planejados nos mínimos detalhes.

A partir dos rastros<sup>77</sup> deixados por Shirley, e pelo assassino, é aprofundado o contexto em que vivem outras mulheres vítimas dos mesmos grupos mafiosos. Outra personagem importante é Fátima, imigrante de Cabo-Verde, prostituta e namorada do policial José Corsário das Neves. São dois africanos que vivem em Portugal, ele branco, chamado por ela de “cabrito” e ela negra, chamada de “preta”.

O casal representa duas formas distintas de imigração: aquela ilegal, na qual o imigrante convive com o medo constante da deportação, e a das gerações descendentes de cabo-verdianos que optaram por seguir o império e se tornarem portugueses antes da independência das colônias. Assim, ambos denotam o sentimento de não pertencimento mencionado, ele é o africano/português que não faz parte nem do mundo lusitano, nem de Cabo-Verde contemporâneo, ela a africana prostituta que precisa estar em estado contínuo de alerta para as ações governamentais contra os imigrantes.

---

<sup>76</sup> Nesse momento surge o assassino especializado sobre o qual Ramos reclamava nunca encontrar em Portugal.

<sup>77</sup> É descrito a metodologia de análise do corpo quando Ramos e a médica Luiza procuram pistas sobre o assassino.

Fátima, se não fosse a namorada de José, poderia fazer parte das listas de mortos em Santo Ovídeo. Daquelas pessoas que morreram abandonadas, sem ninguém a sua procura. Por isso, se torna a testemunha essencial para encontrar o assassino de Shirley e abre uma fresta para Ramos, e o leitor, espiarem o mundo da imigração ilegal e de mulheres raptadas. Possui condições de relatar o que ocorreu com a colega: havia sido uma imigrante do Brasil que na busca de uma vida melhor, acabou presa numa 'uma casa' perto de Viana onde tinham ficado com todos os seus documentos e roupas, contudo, tinha conseguido fugir a três meses até ser assassinada. No seu testemunho cataloga quem são essas mulheres, presas em máfias, sem possibilidade de fuga e descreve as preferências dos clientes: primeiro as angolanas e moçambicanas, agora as brasileiras e do leste europeu.

Entre o universo de Fátima e de Ramos existe uma cumplicidade, outra porta de vaivém. Isaltino vê a relação marcada por meias palavras e sinais que só possuem significado nesse contexto. Próximo da indiferença que se constitui em cumplicidade, abordada por Guinzburg, no livro *Olhos de Madeira* (2001), durante o ensaio *Matar um mandarim chinês: as implicações morais da distância*, no sentido de refletir a respeito da moralidade.

A relação entre esses mundos, dos pequeno-burgueses e das prostitutas traficadas, lembra-nos a afirmação de Guinzburg: "*Num mundo dominado pelas crueldades do atraso e do imperialismo, nossa indiferença moral já se constitui em uma forma de cumplicidade*" (GUINZBURG, 2001, p 210). Da mesma maneira, a questão exposta por Balzac - se a morte de um desconhecido mandarim chinês causada por diversos fatores pode ser em parte responsabilidade do coletivo? É análoga ao problema exposto em *Longe de Manaus*, para ambos existe um déficit de moralidade causado pela distância que separa centro e periferia e as categorias retóricas *nós/eles*. Porém, quando Ramos chega a Manaus, e descobre outro contexto inimaginável, irá adquirir outra noção sobre a distância e aceitação da violência.

O corpo da brasileira não é enigmático como o de Álvaro. Ela representa o lado de Portugal encontrado cotidianamente. Se o primeiro corpo trazia paradoxos, Shirley evidencia o lugar social atribuído aos imigrantes do sul.

Encontrada nua, indefesa e anônima, se não fosse Fátima, saberiam que era brasileira apenas pela marca *Hering* estampada em sua roupa. Seria mais um corpo, numa lista de mortos sem identidade.

No caminho do reconhecimento do Estado português ergue-se um muro entre Shirley, Fátima e a aceitação plena em Portugal. O assassino lembra ao leitor sobre a arrogância, mencionada em *Pela Mão de Alice*, de fechar o mar para os imigrantes. A fala, antes de assassiná-la, salienta que a troca não é pacífica, ocorrendo através de diferentes mediações que podem ser legais, como a naturalização de José ou de Gabriel, e ilegais, ressuscitando na Europa tráfico e escravidão de pessoas, além do medo da perseguição<sup>78</sup>.

As zonas de fronteiras podem sofrer variações, o fluxo pode ser alterado. A imigração, nas décadas de 1990 e 2000, se consolidou tendo o sul como origem dos imigrantes em direção à antiga metrópole.

O contexto global de regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a um forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta do fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteira torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vaivém, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada. A leveza da zona fronteira torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vaivém, e como tal nunca será escancarada, nem nunca será fechada. Serão estas oportunidades aproveitadas? Integranemente, só muito recentemente e tardiamente é que o Estado Português tem vindo, por meio da política de cultura e propaganda (...). Daí a arrogância em tentar fechar o mar aos brasileiros e aos africanos, erguendo estupidamente uma parede contra a história, para além de descurar desavisadamente a eventualidade de no futuro ter de vir a trepá-la. Mas curiosamente a construção do espaço cultural nacional é contraditória, porque ocorre no mesmo processo em que Portugal se transforma numa região, numa localidade da Europa. (SANTOS, 2010 A, p 154. 155).

Existem quatro maneiras de promover as trocas entre Portugal e Brasil. Há o tráfico de pessoas; a emigração do século XX, nas crises econômicas e guerras; certa filiação que Portugal imputa à sua antiga colônia; e a descoberta de um mundo novo, estranho aos olhares lusitanos em Manaus.

---

<sup>78</sup> Ao contar a história de Yanko.

Lourenço aborda como a cultura brasileira foi construída, baseada numa concepção de que nos autocríamos, e como na visão dos portugueses, o vínculo de parentemos, parece ter outras nuances no imaginário coletivo. As vozes narrativas procuram questionar como ocorre a metáfora da porta de vaivém, instaurando em quais pontos culturais existe contato e em quais prevalece o desconhecimento.

Antes de seguirmos adiante, é preciso advertir que *Longe de Manaus* foi publicado no contexto dos anos 2000. Após 2010 o SEF<sup>79</sup> constatou, em seu relatório sobre imigração de 2011<sup>80</sup>, uma queda no fluxo de pessoas, principalmente do Brasil e Angola. Atribuiu como razões a lei da nacionalidade, a crise econômica e o crescimento dos dois países citados. Hoje se encontram dados que apontam para a retomada das imigrações, decréscimo e aumento do número de portugueses em direção ao Brasil – como algumas reportagens da BBC em 2011<sup>81</sup> apontavam.

Logo, é possível dizer que se vive um período de transição ou um fenômeno passageiro. Citamos esses dados para dissertarmos que a busca de solução no exterior também ocorre no caminho inverso dos europeus que vão para o sul. No caso português, não é novo. Em especial no Brasil, os fluxos são históricos e revezam-se tendo em certos momentos Portugal como alvo e noutros o Brasil.

A narrativa sobre a personagem José trabalha, igualmente, com a fronteira entre Portugal e a África no trigésimo primeiro capítulo, quando o passado familiar dele passa a ser focado. Ainda que tivesse vivido desde criança em Portugal, a personagem sente que sua terra é Mindelo. A saudade é referente à cidade em Cabo-Verde não de indivíduos específico, as

---

<sup>79</sup> O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, abreviadamente designado por SEF, é um serviço de segurança, organizado hierarquicamente na dependência do Ministro da Administração Interna, com autonomia administrativa e que, no quadro da política de segurança interna, tem por objetivos fundamentais controlar a circulação de pessoas nas fronteiras, a permanência e atividades de estrangeiros em território nacional, bem como estudar, promover, coordenar e executar as medidas e ações relacionadas com aquelas atividades e com os movimentos migratórios. Retirado de [http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/organizacao/index.aspx?id\\_linha=4165&menu\\_position=4130#0](http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/organizacao/index.aspx?id_linha=4165&menu_position=4130#0) dia 10/08/2012 as 17:00 horas.

<sup>80</sup> Disponível no site [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2011.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf) as 14 de 12/04/2013

<sup>81</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111215\\_imig\\_portug\\_texto\\_pc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111215_imig_portug_texto_pc.shtml) Acessado em 14/04/2013.

lembranças geracionais da terra natal negam um estado de ser seguro e satisfeito, conforme Said disserta em *Reflexões sobre o Exílio*. Assim, a identidade é construída para manter narrativas familiares sobre o passado na África e para se integrar, ou não, à sociedade portuguesa. Em suma, é posta uma escolha- ser europeu ou cabo-verdiano?- Os pais do personagem escolheram ir viver em Portugal, ele decide retornar.

No caso de José, a escolha é pela identificação com o passado africano de sua família. Ele adquire o papel de um ecrã para outro mundo e, frente aos seus colegas, uma janela para mitificação de Cabo-Verde. Então o que justifica que um filho de africanos mulatos que viviam em Portugal na época da independência tivesse saudade de uma terra em que não viveu? O narrador explica que entre as memórias do pai, em Portugal, das conversas com os tios, sobre os avós que não conheceu, é gerado um vazio em sua genealogia. A solução é desvendar as origens de seu nome e recorrer às lembranças da mãe. De modo que descobre, pelas histórias orais, aspectos de Mindelo até o ponto no qual decide descobrir por si próprio se elas conferem, ou são apenas idealizações.

Também auxilia José a fugir, mentalmente, do trabalho policial quando imagina filmes sobre um Cabo-Verde idealizado. Nesses instantes, vive outras realidades afastadas das investigações de homicídios.

O charuto de Jaime Ramos, entrando na sala ao princípio da noite, inesperadamente, e espalhando o seu cheiro, não o deixou completar a história, porque precisava de concentração para recompor, naquela janela transformada em ecrã, o filme invisível que o levava a passear pelas ruas de Mindelo, escutando a voz da Mãe, as vozes da praça Nova aos sábados, o tilintar dos copos, os carros a meio da noite do Mindelo, partindo sem destino. Mas ele teria tempo. Teria de recomeçar tudo. (VIEGAS, 2007, p 183).

Mencionando sua relação com Fátima e sua mãe que retornou, ele começa a refletir sobre os imigrantes. Dessa gente sem terra, ou longe dela, que sofre para reconstruir suas vidas, suas famílias. Ele é um português que deseja ir embora e um africano que não se habitua à Europa. Está inscrito em dois traumas: aquele descrito por Ramos, e pelo narrador, sobre a solidão portuguesa, de ser impossível não viajar; e as estratégias, bem sucedidas ou não, de articulação com os espaços estrangeiros, dissertadas por Said.



Diferentemente da África, no Brasil, o leitor se depara com personagens brasileiras que possuem voz na narrativa. Trata-se de Helena, uma bancária, que será assassinada, Daniela, uma mestranda em literatura e namorada de Helena, Walmir, policial de São Paulo, que investigará a morte da primeira e Osmar, delegado de Manaus, que auxiliará Ramos em sua busca por Álvaro e Salim.

Helena é uma personagem de São Paulo que trabalha como caixa numa agência bancária. O narrador focaliza duas perspectivas de sua vida, numa o ambiente de trabalho, e outra na sua relação amorosa com Daniela. No banco ela interage com outras duas personagens o chefe, Sr Padilha, e Edilson, um caixa baiano. No plano simbólico, o narrador procura abordar a diversidade étnica do Brasil e as diferenças regionais existentes no país, ao mesmo tempo em que cita diversas referências geográficas do sul, em Porto Alegre, sudeste, em São Paulo, e norte, em Manaus.

Os breves diálogos, no ambiente de trabalho, são compostos pela monotonia das operações financeiras e atendimentos aos clientes e, também, assuntos ligados ao futebol brasileiro. Assim como fez com Ramos, e sua saudade do jogador peruano Cubillas, também coloca o futebol numa posição de destaque dentro das preocupações que poderiam ser chamadas de banais no Brasil. Com Edilson, o Corinthians passa a fazer parte do fluxo narrativo referenciando a abrangência nacional do clube, enquanto que com Helena é mencionado o São Paulo, e sua relevância dentro da classe média paulistana.

O assassinato de Helena tem origem em sua atuação no banco, quando ela atende um português que se chamava Álvaro Severiano Furtado. A primeira impressão de Álvaro é positiva, ela fica atraída fisicamente pelo cliente e começa a imaginar possibilidades de quais seriam as origens daquele homem, conforme podemos notar na passagem:

O gerente cumprimentou Álvaro Severiano Furtado. Ele tirou os óculos escuros e Helena viu que seus olhos eram verdes e que ficavam bem naquele rosto que mal parecia português, português como o vizinho dos pais, Pedreira, português como os padeiros das piadas que se contam por todo o lado, gordos, mal barbeados que se chamam Manuel e viviam no centro e tinham um apartamento em Santos. E gostou do terno português, escuro, negro, gravata azul, camisa rigorosamente

branca. Poderia ter-lhe dito “o senhor não parece português, em português de piada”. Ele teria sorrido? Não. Não iria sorrir doutor Furtado. O pai podia ter sido dono de uma padaria ou de um açougue antes de ter enriquecido, ela lembrou-se de um piada que ouviu recentemente: o português do açougue vai fazer a entrega de carne na casa de dona Geodete quando vê um cão com aspecto feroz junto do portão. “Pode entrar”, grita dona Geodete, de dentro “pode entrar que ele não faz mal, está castrado”, e o português responde: “Castrado? Ó dona, eu tenho medo é que me morda, não que ele me foda”. Helena deu uma risadinha, o português olhou para ela, o gerente franziu a sobrancelhas. O português sorriu, como se tivesse ouvido a piada. Não, o pai dele não era um padeiro das piadas, caso contrário não se chamaria Severino Furtado, e também não teria um apartamento em Santos e sim no Rio, talvez perto da lagoa. E andaria na ponte aérea, teria caro importado, talvez vivesse mesmo em Higienópolis e talvez fosse divorciado, solteiros, disponível. Ah, ela sempre gostou de homens mais velhos, homens que respiravam suave, que saibam escolher um vinho, recomendar um prato do cardápio. Ele tinha aquele tom de cabelo grisalho, não sabia explicar. (VIEGAS, 2007, p 69)

Na citação, o narrador utiliza o fluxo de pensamentos de Helena para demonstrar como ela fica intrigada com aquele cliente. De um lado, ele atrai porque possui características que agradavam a personagem, de outro, ele se constitui num mistério, pois não consegue descobrir qual a origem dele. Na continuação do romance, ela descobrirá que o homem não era Álvaro, era um impostor e começará a perseguir pistas que lhe indicassem qual seria a sua real identidade, analisando o histórico bancário daquela conta. A ação que causará o assassinato da personagem no capítulo dezenove. A dúvida sobre a identidade do homem é mantida ao longo do romance, ele pode ser Salim que utilizava a conta do pai adotivo, Portocarrero que desejava manter no anonimato sua vinculação com Álvaro, não temos respostas para essas perguntas, pois o objetivo do narrador é questionar as relações de Portugal com as ex-colônias. Como dissemos, a narrativa policial cede lugar central para a crítica social.

O narrador também utiliza a imagem estereotipada do português no Brasil. Quando narra as cidades brasileiras, ele procura apresentar as peculiaridades do país, como o clima, comida, linguagem e marcas, e uma delas é a forma como os brasileiros caracterizam a antiga metrópole.

A personagem Daniela vive no mundo acadêmico dos estudos literários. Ela é gaúcha e estuda em São Paulo, vive sozinha num apartamento, enquanto

escreve sua dissertação de mestrado e se relaciona com Helena. O narrador utiliza o argumento e os pensamentos de Daniela para aprofundar o contexto cultural e artístico brasileiro. Fala, brevemente, do Rio Grande do Sul abordando as estâncias produtoras de gado, descreve ruas de São Paulo, com nomes de personalidades famosas, e menciona autores da literatura brasileira como Clarice Lispector e Hilst. Interpretamos que é elaborada uma espécie de guia do Brasil para portugueses, demonstrado aspectos de São Paulo que podem ser observados e um cânone da literatura brasileira, segundo as preferências do narrador e da personagem.

Comparando com Rita e Lurdes, a caracterização de Daniela e Helena carrega outro viés no fluxo narrativo. O narrador opta por aprofundar a vida íntima das personagens contando suas dúvidas, medos e desejos. Aqui, não há os silêncios que cerquem as duas portuguesas, não existe um trauma oriundo do sentimento de não pertencimento. Rita e Lurdes sofreram com a condição de imigrante na África e na situação de retornadas para Portugal com segredos que não podiam ser revelados. Os conflitos das brasileiras remetem para questões de gênero, do lugar da mulher na sociedade contemporânea e suas aspirações. A voz de Daniela questiona qual modelo feminino possui serventia, ela cita a ideia estigmatizada de que deve se casar, ter filhos, e uma casa, de forma irônica, pois procura uma vida financeira independente do casamento. Ao contrário de Rita e Lurdes, ela é definida pela sua atuação profissional na academia.

Nós cotejamos a morte de Helena com a de Álvaro e Shyrley, a fim de diferenciar as modificações. O assassinato de Álvaro não é explicado, propriamente, ao longo do romance, Ramos reconstrói a vida da vítima e descobre segredos que haviam sido produzidos, e escondidos, na época da guerra colonial. A biografia, contar o passado do morto, torna-se mais importante do que descobrir quem o assassinou. Shyrley, como abordamos, foi um crime atrelado a preconceito contra imigrantes do sul que buscam na Europa uma forma de ascensão social. Helena, vive em outro contexto: da classe média paulistana, foi assassinada porque começou a descobrir arestas que explicariam a vida secreta de Álvaro. Inclusive, Ramos opta por não entrar

em contato com a investigação dela quando chega ao Brasil, perdendo a oportunidade de aprofundar os vestígios de Álvaro.

Walmir é apresentado, após a morte de Helena, com a incumbência de investigar o assassinato dela. Durante sua atuação ele entra em contato constante com Daniela, interrogando e informando novidades sobre o caso, ou em conversas pessoais com a testemunha. Com o tempo, passa a demonstrar atração pela personagem questionando quais seriam as opções sexuais de Daniela, pois pesquisando seu passado notou que já havia se relacionado com homens.

A personagem Osmar, delegado da polícia de Manaus, adquire importância quando Ramos chega a Manaus para investigar o passado de Álvaro e descobrir pistas sobre a identidade de Salim. Os diálogos dos dois policiais caracterizam as diferenças entre os níveis de violência e barbárie. Com Osmar é criticada a reiteração do sofrimento em Portugal, visto que diferencia os crimes que cada policial enfrenta: “*Portanto o desaparecimento do seu Salim Furtado é apenas um pormenor. Eu tenho doze corpos no necrotério*” (VIEGAS, 2007, p327). O desaparecimento para um lusitano é um trauma familiar e para um brasileiro, rico, é um dádiva, porque pode infringir a lei e matar prostitutas sem ser condenado: “... *é um favor que nos fazem, bem vistas as coisas*” (VIEGAS, 2007, p 327). Na visão do manauense, a obsessão de Ramos pelas histórias das vítimas precisa ser revista dentro do espaço brasileiro, se em Portugal desaparecer remete para traumas da imigração daqueles portugueses que foram para outras regiões, em Manaus, lembra a impunidade que permite assassinatos sem julgamentos legais.

Ainda existe um grupo de personagens que partiram de Portugal e não retornaram: Marta Salimah e Gabriel – brasileira e português – conheceram-se em Manaus e juntos viajaram até Angola. Para encobrir a maternidade de Rita ela assume o papel de Mãe de Salim. Em nossa perspectiva, ambas podem ser interpretadas dentro da categoria criada pela personagem Ramos de a galeria de louco, daquelas pessoas que se perderam da metrópole. Tanto Marta, como Gabriel são mencionados na narrativa e lembrados pelos testemunhos, porque tinham relação com o morto, Álvaro. Caso contrário, o casal seria mais um

português perdido no exterior. Em conjunto com a história de Teresa, o narrador fala, subliminarmente, de exílios políticos e de pessoas que precisaram fugir da perseguição em Portugal, com Teresa o motivo fica explícito na voz de Isaltino, com o casal, as vozes narrativas não especificam.

A personagem Diniz Ramos representa a imigração lusitana para o Brasil em diversas gerações, como foi dissertado acima. No momento em que o foco narrativo recair sobre os familiares de Ramos que vieram para a América Latina, esta ideia de portugueses perdidos receberá incremento. De forma geral, significa a possibilidade de ser esquecido pela família, de crises econômicas ou por causa do poder repressivo do governo<sup>82</sup>. Diniz foi o primeiro da família a ir para o Brasil, aonde progressivamente foi esquecido, restando apenas uma memória do Ramos que se aventurou na América do Sul e nunca voltou. Lugar do qual Jaime Ramos ouvia falar como sendo a terra prometida. Dela se regressaria rico, velho, com bastantes filhos e criados negros. Em 14 de junho de 2004, quase sessenta anos depois do antepassado, ele chegou à cidade de São Paulo, mesmo assim, nada o impede de se sentir como o primeiro a pisar em terras brasileiras, ou o primeiro que pretendia regressar o quanto antes, diferentemente do tio que ficou. Esse conflito é objeto de reflexão na passagem abaixo, com a fala do narrador que informa ao leitor que Ramos não sabia se tinha antepassados vivos no Brasil fundamentado pela seguinte argumentação:

No Brasil desaparece-se frequentemente, é da tradição, há histórias fantásticas que passam de geração em geração e compõe a mitologia familiar. Ele conhecia os nomes: Pará, Maranhão, Amazônia, São Paulo, Rio, Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia. Há sempre um tio distante que foi para o Brasil, uma terra de fugitivos, de emigrantes antigos, de regressados a uma quinta do Minho ou a uma aldeia nas montanhas. (VIEGAS, 2007, p 231).

Notamos como essas memórias caracterizam o Brasil. Ao invés de denotar os conflitos dos portugueses que vieram morar na América do Sul narra às consequências de seu desaparecimento para quem ficou em Portugal. Por exemplo, o tio que foi para o Rio de Janeiro é encarado como louco, apesar dele ter enviado algumas cartas o contato foi perdido e não sabe-se seu

---

<sup>82</sup> Importante notar que no século XX também houve ditaduras no Brasil, ou seja, não era um destino sem risco dependendo do ano em que o imigrante chegasse.

paradeiro: “ninguém sabia se estava vivo ou se morrera indigente” (VIEGAS, 2007, p 213). Importante salientar os avanços em comunicações que ocorreram após década de 1980, então migrar para o Brasil era uma forma de desaparecer do convívio, por causa da dificuldade de manter contato.

Salim é o resultado dos encontros de Portocarrero, Rita, Lurdes e Álvaro, resultando num indivíduo, filho de europeus brancos, criado por pai adotivo português – pobre, contudo, com conta bancária de rico, com avós adotivos árabes e morando no Brasil. Assim, Salim articula todos os testemunhos num contexto contemporâneo de trocas culturais entre as fronteiras narradas: Portugal, África e Brasil. As quais são atravessadas e refiguradas pelos personagens, adquirindo diferentes significados, por meio da voz que caracteriza os espaços.

Interpretamos que as personagens apresentam diferentes formas de tratar as memórias e de conceber o presente globalizado. Por exemplo: com José e Fátima é plausível interpretar um movimento distinto da busca de uma terra prometida para povos de origem africana na América. O retorno é impraticável para desentendes de escravos trazidos até o século XIX. No caso do casal, restou uma imagem produzida pelas narrativas geracionais dos familiares que haviam vivido em Cabo-Verde.

Shirley, como Fátima, tem a função de apresentar o tráfico de pessoas na narrativa. Para essas mulheres a procura pelo norte torna-se uma prisão. O Brasil para Shirley continua, mas o tráfico a mantém presa.

Teresa é o caso do exílio forçado. Não há escolha para ela. A mudança para a África não reflete uma busca pela aventura do desconhecido, exótico ou pela riqueza. Por motivos políticos, ela mudou de país, de nome e não pode retornar.

Enquanto que a família de José remete aos imigrantes dos séculos XX / XXI até a década de 2000, que olharam Portugal como entrada para melhores condições de vida na Europa e obtiveram resultado, como no caso de seu pai e mãe ou sendo vítimas de máfias, no caso de Shirley. Os portugueses da família de Ramos representam os fluxos para o outro lado do oceano. Novamente, é a

busca pelo enriquecimento ou fuga de guerras e perseguições que incentivam a viagem.

Nas duas famílias a narração de José de Cabo-Verde e de Ramos, anteriormente a sua viagem, sobre o Brasil denotam a reinvenção como marca para aplacar a distância e a solidão. Em cruzamentos das memórias e experiências vividas fragmentadas. O mesmo ocorre com Osmar em Manaus a respeito seus antepassados árabes.

Ramos pertence a todos os grupos citados. Ele foi lutar na África, realizou uma migração da cidade natal para Porto e escolheu permanecer em Portugal. É fundamental notarmos a similaridade com que o personagem compara Trás-os-Montes<sup>83</sup> aonde prevalece o frio e a pobreza, em oposição à vida na cidade grande. Lembra-se de um ambiente pastoril com vacas no monte, ruídos das árvores e chuva. Já Porto segue a caracterização envolvida por engarrafamentos, chuva com cloro, monóxido de carbono, com o chão impermeabilizado pelo asfalto para os carros. Consequentemente, voltar não é uma possibilidade, ele quer permanecer na cidade grande com sua vida de pequeno burguês, acompanhado de Rosa, charutos, futebol, comida, livros e discos.

– Em que é que o chefe gostava de trabalhar?

O fumo do charuto

– Nunca pensei nisso – disse então. – Nunca pensei nisso desde que estou na polícia. Não queria voltar a um banco, o dinheiro é um problema para mim. Não queria voltar para a minha terra. As vacas no monte, o ruído das árvores, a chuva, não, não queria voltar para a minha terra.

– Aqui também chove. Olhe hoje.

– Esta chuva já vem com cloro, para não nos fazer mal. Podíamos bebê-la, Isaltino, recolhê-la em garrafinhas e bebê-las. E já vem purificada pelo chumbo, pelo monóxido de carbono, essas coisas, atravessa o buraco da camada de ozônio e enche-se de coisas úteis. Não é assim na minha terra: a chuva cai na terra e faz lama. (VIEGAS, 2007, p 27).

Para o protagonista não existe trauma de estar longe da terra natal. Ele salienta os lados positivos de viver numa grande cidade, apesar dos aspectos negativos conectados à poluição. De modo que todo o espaço urbano a sua volta faz parte de seu imaginário: na cidade os carros, a fumaça, o asfalto e no

---

<sup>83</sup> Grafia utilizada no romance.

interior o frio e a fome que mataram muitos familiares. Então, entre um espaço e outro prevalecem as condições econômicas de subsistência em lugar de preferências simbólicas presentes nas suas memórias.

#### **2.4 A multiplicidade de vozes narrativas**

Tendo em vista a construção das personagens que compõem o romance e os seus conflitos, referentes ao passado colonial e ao presente, questionamos por quais maneiras as vozes narrativas reconstróem a história das guerras de libertação coloniais e refletem sobre a sociedade portuguesa e brasileira contemporâneas? Nossa resposta é baseada na argumentação exposta anteriormente de que o narrador cede espaço para que algumas personagens possam atuar, temporariamente, como narradoras.

O narrador principal, dividido entre os papéis de datar os acontecimentos, comentar as ações das personagens e atuar como se fosse à lente de uma câmera, refigura para o leitor diferentes perspectivas espaciais e temporais. Quando está preocupado com o componente histórico, ele exige o conhecimento estrito das datas relativas tanto aos conflitos na África, além, da noção geografia de onde fica a cidade de Luanda. Nas ocasiões em que narra as batalhas, ou a história da vida privada, prevalece o campo do *como se*, porquanto, passa a ser necessário ampliar os rastros do mundo prático em um texto literário. Aqui o narrador articula o que sabe com a imaginação reconstruindo o contexto da década de 1970, a partir dos vestígios acessíveis, sendo que, constantemente, assume o papel de câmera para conjugar as duas dinâmicas, com a utilização de âncoras<sup>84</sup> reais como nomes de armas ou veículos militares, em paralelo com o uso do ficcional a fim de criar um ambiente verossímil, aos olhos do leitor, no plano histórico e da configuração interna da obra.

Tendo em vista as concepções de Ricoeur sobre a relação entre o tempo real e o ficcional, além da proximidade e distanciamentos dos testemunhos entre os sujeitos de atribuição mnemônica, nós retomamos a

---

<sup>84</sup> Salientar que não defendermos a inexistência das vidas privadas narradas no mundo real, apenas é defendido que elas são utilizadas pelo literário através dos recursos ficcionais pertinentes ao campo do *como se*.



defesa de uma organização cíclica do romance demarcada pela ação de cada voz: do narrador que atua como onisciente, tanto neutro como intruso e no papel de uma câmera; de Ramos em sua investigação; e das personagens (José, Daniela, Ramiro, Fátima, Osmar), pois, além de relatarem suas memórias, também ocupam, provisoriamente, a função de um narrador que testemunhas suas memórias. Assim, participam das elaborações de comparar o presente transnacional e pós-colonial aos vestígios da década de 1970.

O narrador principal confronta os testemunhos à medida que alterna o foco entre Portugal, África, e Brasil, seja nos anos 2000 ou na época imperial dos anos 70. Por meio da reiteração de referentes sobre o contexto e a geografia local, porquanto permitem descrever os espaço e as temporalidades ao leitor, em conjunto com comentários críticos sobre as personagens. Por exemplo, no décimo quinto capítulo são narrador três movimentos que configuram a maneira pela qual o passado e o presente podem ser abordado: a voz narrativa inicia com a referência histórica de fevereiro de 1973<sup>85</sup>, a fim de demarcar historicamente a ação, depois descreve as experiências lusitanas na África, mediadas pelo horror da guerra e pela liberdade sexual nos centros urbanos, e termina julgando qual foi o resultado da ação colonial e da ação militar para a África e para Portugal.

Por conseguinte, seus instrumentos discursivos estão vinculados à localização do lugar e da data, de acordo com os sentidos provenientes do calendário, na nossa visão não existe uma ruptura com o tempo real, há uma relação de testemunhas que retomam o passado, baseadas em suas memórias e na estrutura fixa do calendário. Logo, se torna fundamental responder: Quem estava lá? Quando ocorreu? Apesar da ressalva de não seguir uma organização temporal, linear e evolutiva na organização dos capítulos. Portanto, o leitor se depara com períodos similares durante a narrativa que possuem a incumbência de criar essas âncoras temporais: “...era uma manhã de junho, uma sexta-feira de céu limpo, silenciosa” (VIEGAS, 2007, p 194); “Diniz Ramos chegou ao Brasil no dia 22 de outubro de 1948”(VIEGAS, 2007, p 235); “Às oito da manhã, Osmar Santos juntou-se a Jaime Ramos” (VIEGAS,

---

<sup>85</sup> Remete tanto ao período em que a aumentou a impopularidade da guerra, como ao último ano de controle ditatorial, pois em 25 de abril de 1974 ocorreu a Revolução dos Cravos.

2007, p 308) e datações do tempo real, como 25 de abril da Revolução dos Cravos<sup>86</sup>, num objetivo de demarcar constantemente ao leitor onde está ocorrendo a ação. Também afere significação quando cita aspectos materiais: uma placa de propaganda do banco Bradesco; o carro Parati fabricado pela indústria Volkswagen no Brasil; charutos na vida de classe média portuguesa, a (des)importância do futebol no cotidiano de Ramos; livros de Saramago; os equipamentos militares na África; nomes de ruas e empresas brasileiras ou pistas menos tangíveis relacionadas ao clima; à natureza; mundo urbano e as preocupações de cada classe social.

O espaço no qual as personagens agem é construído, de modo a localizar o leitor em relação ao viés geográfico e econômico, pois os bairros e cidades dividem os ricos dos pobres. Em Portugal, os espaços estão conectados aos problemas sociais e urbanísticos em falas compostas por críticas contra o pensamento neoliberal, seja na cidade do Porto ou no interior. No Brasil, é elaborado em uma espécie de guia geográfico do país para estrangeiros. Já na África, o discurso narrativo atravessa três cidades: Luanda enquanto um centro de desenvolvimento na década de 1970, Guiné por causa da guerra, e o Congo sobre o qual prevalecem os silêncios das vozes narrativas que apenas mencionam o país, sem aprofundar as batalhas ocorridas lá. Assim, podemos ver na passagem abaixo uma fala característica do narrador que aglutina referências de diversos universos para elaborar uma fotografia.

Atravessou a pé as duas ou três ruas que o separavam da grande praça diante do Teatro Amazonas. Aquilo era a gigantesca Ópera de Manaus. Ele vira o filme, Klaus Kinsky<sup>87</sup> de olhos vidrados escutando árias de óperas no meio do Amazonas como um demônio assustado diante do fim do mundo, uma noite eterna cobrindo os rios e as florestas. E vira, agora, a frontarias rosada do Teatro, a sua cúpula colorida recortada sobre o céu cinzento de Manaus. Gunganílias em flor, rosadas, vermelhas, uma praça quase vazia, o ruído dos ônibus, dos táxis, dois caminhões que descarregavam cerveja Kaiser... (VIEGAS, 2007, p 268).

Num nível subsidiário procura demonstrar ao leitor o imaginário das personagens, citando aspectos que fariam parte do cotidiano, por meio da

---

<sup>86</sup> Vigésimo sétimo capítulo.

<sup>87</sup> Filme com título Fitzcarraldo. Com produção Teuto-peruana dirigido por Werner Herzog.

técnica chamada de câmera. Por exemplo: quando apresenta Ramos e descreve o ambiente de trabalho do policial, cita o cartaz do jogador de futebol Teófilo Cubillas, a fim de evidenciar o longo período em que o inspetor ocupa a mesma sala e posição hierárquica na polícia; as canetas Parker em sua mesa; os livros de Saramago e o ator Ben Gazzara, na intenção de referir os conflitos do personagem com o mundo capitalista, conforme abordamos anteriormente.

Por meio das testemunhas, Jaime Ramos insere outras maneiras de refigurar (seria reconfigurar?) o tempo. A partir da citação indireta ou direta dos testemunhos sobre Álvaro, cotejados com a pesquisa de documentos realizada por Isaltino. Conforme indica o oitavo capítulo que debate maneiras pelas quais o Estado pode controlar o passado de seus cidadãos, ou seja, se o papel da investigação policial de invadir os aspectos escondidos da vida privada de cada indivíduo é uma atitude ética:

Isto é a vida dos cidadãos, o que eles guardam e não podemos incluir nos bilhetes de identidade, no arquivo das cartas de condução, no registro dos passaportes, nas fitas magnéticas dos cartões da segurança social, nas memórias dos cartões de crédito, isto são coisas para guardar em silêncio, esta é a verdadeira liberdade dos cidadãos, o que eles têm a liberdade de guardar. Um homem sem liberdade não pode guardar nada. Uma mulher sem liberdade não pode esconder nada” (Viegas, 2007, p 39)

Na sequência amplia sua tese por meio da comparação do trabalho policial com o de um biógrafo. Segundo a sua visão, ele atua numa esfera próxima desse profissional, pois a resolução de cada crime depende do trabalho de colecionar dados privados que são transformados em argumentos coerentes, através do uso de conectores historiográficos. A história colonial no período da ditadura de Salazar é reescrita através da perspectiva de Ramos, numa estrutura dialógica na qual as pistas da morte de Álvaro são comentadas ou expostas para os personagens Isaltino, Portocarrero, José ou Osmar. Semelhante a um historiador, que escolhe abordar o período contemporâneo, Ramos articula comparando o passado com o presente. No final do livro, questiona se deve continuar a atuar desta maneira: “*Eu não sou um arqueólogo*” (VIEGAS, 2007, p 451).

O terceiro modo de compreender o tempo real, e transformá-lo em ficcional, está relacionado com a sequência de gerações. As falas do inspetor,

de José e de Osmar adicionam, ao romance, histórias familiares mediadas pelas categorias do calendário e disposição lacunar proveniente da memória. Os três personagens lembram-se de espaços e épocas que não presenciaram, por causa dos relatos ancestrais: Ramos recupera as viagens de seus familiares para o Brasil ou as memórias das tias que morreram pelo frio; José imagina um Cabo-Verde idealizado, tendo como base conversas no ambiente familiar, além das lembranças familiares de Osmar marcadas pelo ambiental cultural da imigração árabe no Brasil.

Destarte, é plausível interpretar os ciclos de *Longe de Manaus* permeados por recursos que se repetem ao longo do romance. Eles estão atrelados não só ao objetivo do narrador principal de refigurar o tempo através do calendário e de referências tangíveis, mas também com a função de Ramos de investigar a morte de Álvaro, reescrevendo a década de 1970 pelas testemunhas orais e documentais encontradas. Na nossa leitura, os conflitos de *Longe de Manaus* estão amarrados às questões da autoridade do discurso, visto que o componente corpóreo das personagens está conectado em relação direta com a datação. Logo, os relatos são válidos à medida que respondem as seguintes perguntas de Ramos: Quando? Onde? Em conjunto com qual é a natureza das memórias? E de quem é a memória? Numa metodologia articulada com a caça aos vestígios ou como o inspetor enuncia: “*Cada coisa tem uma recordação colada como a legenda de uma fotografia de jornal*” (VIEGAS, 2007, p.79).

No processo de descoberta dos rastros, Ramos recupera aspectos das vidas secretas ‘esquecidas’. No primeiro momento, não há meio termo, compreendem-se personagem ricos ou pobres, regiões urbanas desenvolvidas ou cercadas pelo mosquito da malária. Implicam distâncias e fronteiras que podem ser geográficas, de classe ou socioeconômicas entre o sul e norte, de acordo com Santos, e ainda entre brancos e negros.

### 3. Considerações finais

Na busca de uma vida melhor Portugal se tornou alvo, nas suas antigas colônias, de entrada na Europa. O povo que um dia governou um império global, hoje precisa lidar com imigrantes dos antigos territórios coloniais. Esse é o contexto que serve como pano de fundo para as reflexões do protagonista Ramos sobre o passado colonial e o mundo contemporâneo.

Articulamos ao longo desse trabalho as concepções teóricas expostas no primeiro capítulo, da dissertação, com a leitura da narrativa no sentido que o retorno para o passado, durante o romance, depende exclusivamente das memórias relatadas pelas testemunhas arroladas por Jaime Ramos, por isso, defendemos que os sujeitos da atribuição mnemônica podem ser articulados com as personagens investigadas. Existem relatos de testemunhas, distanciadas da ação, que viram de vislumbre ou reproduzem histórias ouvidas anteriormente, existem relatos familiares que compõem histórias de famílias desfeitas, conforme pronuncia Isaltino. Além, da autobiografia de Ramos que ao mesmo tempo em que encontra vestígios de Álvaro também rescreve suas experiências pessoais.

Quando consideramos a voz do narrador, relembramos o quadrilátero da experiência vivida estipulado por Ricoeur. O espaço geográfico e as referências temporais são recursos fundamentais das vozes narrativas, elas, reiteradamente, descrevem o contexto histórico ou os locais onde a ação se passa. Em conjunto, a ideia de locais de memória delimita em quais lugares essas memórias podem ser interpretadas, no caso do romance, na investigação policial. Ramos possui a primazia da interpretação, apenas ele Isaltino e Osmar avaliam a serventia e a importância de cada vestígio encontrado.

Articulamos *Longe de Manaus* com as contribuições de Guinzburg nos momentos em que falamos da imaginação afetiva e da noção de moralidade, associada com a noção de distância. A imaginação está presente nos relatos

testemunhais, todas as testemunhas não são neutras, elas utilizam a imaginação para compor as lacunas existentes em suas respectivas lembranças. A moralidade e a distância são dois critérios que permitem interpretar a supressa de Ramos quando chega em Manaus. A barbárie que ele encontra no rio Amazonas obriga-o a questionar o lugar de Portugal no mundo contemporâneo. Aquela pergunta recapitulada em *Olhos de madeira* em relação às implicações morais de um chinês para um francês pode ser reutilizada para as implicações morais de uma prostituta manauense para um português do Porto. Na visão do delegado Osmar, significa que os crimes realizados em Portugal são banais perto do contexto no qual trabalha e para Ramos na constatação que a luta de classes é um critério analítico importante, independente das distâncias geográficas.

As personagens existentes no romance possuem diversas vinculações e remetem para diferentes contextos. Na voz do narrador, ou das testemunhas, elas estão limitadas pelas referências geográficas e temporais. O lugar e o tempo são duas noções essenciais para classificar os testemunhos ou os vestígios materiais encontrados. Nesse sentido, os rótulos são essenciais, é preciso definir se cada personagem é portuguesa, brasileira, africana, homem, mulher, rico ou pobre.

Ramos é o protagonista. Diferente dos outros romances, a sua companhia é Isaltino, não Filipe Castanheira. Os dois possuem duas funções, de investigar os assassinatos ocorridos em regiões pobres da cidade do Porto e escrever as biografias dos corpos sem história encontrados nesses bairros, chamados pelo inspetor como *pessoas sem importância*. A partir das duas funções, surgem os dois critérios centrais das investigações de Ramos: compreender como funciona a solidão portuguesa e as suas consequências nas testemunhas dos crimes; e utilizar a luta de classes como fator explicativo fundamental para examinar cada assassinato.

O inspetor possui duas vidas que são objeto da narrativa. A primeira encontra-se no universo policial, nela é desenvolvida a faceta melancólica da personagem que está chegando perto da época de se aposentar. Do mesmo modo, é apresentada a faceta de biógrafo de pessoas sem importância, aqui

Ramos vai se opor a Portocarrero, o primeiro com a função de reescrever o passado e o segundo com o objetivo de deixá-lo esquecido.

Portugal contemporâneo é descrita em ambientes urbanos, primordialmente, exceto na viagem que Ramos realiza para a vila onde Rosa nasceu, ou nas suas memórias sobre a infância. As políticas econômicas são mencionadas de forma subliminar ao abordar as leis trabalhistas e seus impactos na vida dos cidadãos. O conflito com o sul é narrado através do contato dos lusitanos com os imigrantes de países pobres que envolvem filhos de imigrantes legais, indivíduos que entraram de forma ilegal no país ou as mulheres que foram vítimas de tráfico de pessoas.

O Brasil é objeto de atenção em dois centros urbanos, São Paulo e Manaus. Ocorre uma breve explicação do tamanho do país, das diferenças econômicas, das distâncias geográficas, das mudanças climáticas como num guia do Brasil para portugueses. São Paulo é narrado pelas vozes brasileiras num esforço de simular o português falado no Brasil enfocando o contexto da classe média paulista com personagens que trabalham em banco ou atuam na universidade. Referências à literatura, ao futebol, a personalidade, são constantes durante o texto. Manaus também é descrita de modo a explicar a um leitor europeu o que é Manaus, porém com uma maior ênfase no problema da violência, em especial a violência contra mulheres pobres, prostitutas que denotam as distâncias sociais existentes no país.

A África surge na narrativa no período da década de 70 quando havia as guerras de libertação nacionais, nos territórios controlados por Lisboa. A guerra é caracterizada pelo horror da morte quando a relação de Ramos com Portocarrero se torna objeto de atenção do narrador e pelas descobertas sexuais quando as testemunhas relatam como era a vida privada do advogado e suas mulheres, na cidade de Luanda.

O romance termina com Ramos retornando para a sua vida de pequeno-burguês junto de Rosa. Os dois mundos continuam separados no cotidiano do protagonista, no universo policial ele é o biógrafo dos esquecidos, e em casa é pequeno-burguês, com preocupações atreladas a pequenos prazeres como futebol, gastronomia, literatura, música e charutos.

Ao final, percorremos o caminho teórico e analítico para compreender quais as funções das vozes testemunhais e ficcionais existentes em *Longe de Manaus*. As personagens encontradas por Ramos são fundamentais, por elas o policial reconstrói o passado que havia sido silenciado, ele relembra a época colonial – apesar de não permitir as vozes africanas – trabalha de forma subliminar com a ditadura salazarista, avalia os resultados da revolução dos cravos nas políticas econômicas existentes em Portugal, se depara com as peculiaridades de uma grande cidade como São Paulo e se assusta com a barbárie em Manaus. A solidão e a luta de classes são constantes, e estão em contato nas diferentes vozes. O embate entre os dois critérios de Ramos culmina em seu diálogo com o delegado Osmar, quando ambos refletem sobre quem sofre mais o Português emigrado, exilado e esquecido ou as prostitutas manauaras.



## Referências.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril, 1973.

ARÍSTOTELES. *A retórica*. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

BARBEITA, Magda Peixoto. *Uma imagem é uma imagem: as narrativas de demanda de José Francisco Viegas*. Porto: UP 2013.

BALZAC, Honore de. *Modeste mignon*. Apud GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRAUDEL, Fernand, *O mediterrâneo: e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.

BBC.[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111215\\_imig\\_portug\\_texto\\_pc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111215_imig_portug_texto_pc.shtml). Acessado dia 13/10/2013.

CAMÕES, Luís de. *Obras completas*. Lisboa: Sa de Costa, 1968.

CASEY, Edward. “*Remenbemring: A phenomenological study*”. apud RICOEUR, Paul, *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed Unicamp, 2007.

CASTRO, PAULO. “*Ainda bem que chegastes*”: “: *life, death and friendship in the noveles of Francisco José Viegas*. In: GRAIG-ODDERS, René W.; COLLINS, Jacky e CLOSE, Glen S, (orgs). *Hispanic and luso-Brazilian detective fiction: essays on the género negro tradition*. Jefferson: McFarland & Company, 2006.

CÍCERO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1983.

ROSE, Charlie. <http://www.charlieroose.com/>. Acessado dia 03/07/2014.

CHATEAUBRIAND, François-René. *Le genie du christianisme* apud GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIDEROT. *Entretien d'un père avec ses enfants, ou du danger de se mettre au-dessus de lois* apud GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIOP, Majhemout. *A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português* publicado em *História geral da África: África desde 1935*. In: MARZUI, Alia A e WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília : UNESCO, 2010.

FRANCO, Adenize Aparecida. *Labirintos Perdidos: Ficção contemporânea em trânsito nos romances de Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas (2000-2010)*. São Paulo: USP, 2013.

FITZCARRALDO. Direção e escritor: Werner Herzog, 158 minutos, 1982.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: revista dos tribunais, 1990.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo : Paz e terra, 2006.

\_\_\_\_\_ *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo : Paz e terra, 2006.

\_\_\_\_\_ *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo : EDUSP, 1996.

HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Morão Lisboa: Edições 70, 1990.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MINDELO. [http://www.mindeloinfo/\\_index.php](http://www.mindeloinfo/_index.php) acessado dia 15/06/2012.

MOREIRA, Carlos André Severo. *Negra melancolia: modernidade, história e cultura no policial português de Francisco José Viegas*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MORIN, Edgar. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: UFSC, 1993.

MURPHY, James (in) Viegas, *Longe de Manaus*. Rio Janeiro: Record, 2007.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Projeto história, nº 10, 1985.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa Tomo I*. Campinas: Papyrus, 2010.

\_\_\_\_\_ *Tempo e Narrativa Tomo II*. Campinas: Papyrus, 2010.

\_\_\_\_\_ *Tempo e Narrativa Tomo III*. Campinas: Papyrus, 2010.

\_\_\_\_\_ *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_ *A si mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus: 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez. 2010.

\_\_\_\_\_ *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez. 2010.

SÓFOCLES. *Antígona*. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_ *Édipo Rei*. L&PM: Porto Alegre, 2009.

PORTUGAL. *Ato colonial* (in) *diário do governo*. Disponível em <http://dre.pt/pdfgratis/1930/07/15600.pdf> acessado dia 03/07/2014.

PORTUGAL. [http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/organizacao/index.aspx?id\\_li\\_nha=4165&menu\\_position=4130#0](http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/organizacao/index.aspx?id_li_nha=4165&menu_position=4130#0) dia 10/08/2012 as 17:00 horas.

VICENTE, Gil. *Auto da barca do inferno*. LP&M: Porto Alegre, 2005.

VIEGAS, Francisco José. *As duas águas do mar*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_ *Crime em ponta delgada*. Rio de Janeiro: Men Martins: Publicações Europa -América, 1989.

\_\_\_\_\_ *Longe de Manaus*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_ *Morte no estádio*. Porto: Edições Asa, 1992.

\_\_\_\_\_ *O mar em Casablanca*. Porto: Edições Asa, 1992.

\_\_\_\_\_ *Um céu demasiado azul*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_ *Um crime na exposição*. Porto: Edições Asa, 1998.

\_\_\_\_\_ *O colecionador de erva*. Rio de Janeiro: Record, 2003.